

Nailze Pereira de Azevêdo Pazin

***DO ESPORTE PARA TODOS À CONSTITUIÇÃO DE UMA
PEDAGOGIA CORPORAL NO BRASIL
(1970-1985)***

*Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis
2004*

Nailze Pereira de Azevêdo Pazin

***DO ESPORTE PARA TODOS À CONSTITUIÇÃO DE UMA
PEDAGOGIA CORPORAL NO BRASIL
(1970-1985)***

**Dissertação apresentada como exigência parcial
para obtenção do título de Mestre em Educação
à Universidade Federal de Santa Catarina, sob
as orientações do Profº Drº Carlos Eduardo dos
Reis e o Profº Drº Alexandre Fernandez Vaz.**

Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis
2004

*Alguém me reconhece num retrato de menino
Não sou eu: é minha antiga paz.
A história de um homem é sua pista falsa:
estudam meus sonhos, meus passos, meus mapas
e dizem quem sou inutilmente.
Porque sou sempre o que vem pelo atalho
(Desmentido - Roberval Pereyer)*

Para Lucas com amor...

Agradecimentos...

Colocar o ponto final em uma dissertação revela não somente os caminhos tortuosos de uma pesquisa como os resultados muitas vezes pouco esperados. "O documento que só foi encontrado agora, a hipótese que não se confirma ou uma pista que pode nos levar a outra direção". Mas antes o final de uma etapa e o começo de outra. Portanto, volto-me agora para aqueles que andaram ao meu lado, agradecendo sinceramente,

A minha família pelo carinho e apoio.

A minha adorável irmã Denize. Por ter ouvido minhas angústias, e o mais importante, por ter me ajudado a superá-las, ajudando-me a finalizar mais uma etapa de minha história. Todo meu amor.

Ao meu filho Lucas a quem agradeço as lições de amor, a paciência, as "cantorias" e por acreditar que "uma dissertação algum dia acaba".

Aos meus orientadores:

Alexandre Vaz, orientador no sentido primeiro dessa acepção, agradeço a atenção, o cuidado, o incentivo, as várias leituras, paciência, o rigor de sua análise. Depositando sua confiança nos momentos mais delicados deste trabalho, guiando-me pelos caminhos da pesquisa.

Carlos Eduardo, meu orientador-alquimista, que com paciência e sabedoria conseguiu transformar minhas muitas idéias vagas e desconexas numa dissertação, guiando-me pelos caminhos da pesquisa.

Aos professores da linha de pesquisa Antônio Munarim, Maria das Dores, Nadir zago e aos colegas, Adriana, Cristina, José Carlos, Marcelo, Ednéia, Vera,

Flávia, Gizelly um imenso obrigado pelo companheirismo. Sem vocês com certeza tudo seria muito mais complicado.

A Professora Doutora Ana Márcia Silva que, no exame de qualificação colocou-me questões que muito contribuíram para dirimir as deficiências do trabalho e por ter aceito novamente fazer parte da banca examinadora.

Ao Professor Doutor Marcus Aurélio Taborda de Oliveira por ter aceito fazer parte da banca examinadora. Por sua presença sinto-me honrada.

A Professora Doutora Carmem Rial pela disponibilidade e por aceitar fazer parte da banca examinadora. Sinto-me novamente honrada.

Ao Centro de Ciências da Educação e ao Programa de Pós- Graduação em Educação da UFSC pelos conhecimentos adquiridos.

Ao CNPq, pelo apoio financeiro.

A todos os funcionários da Biblioteca Pública de Santa Catarina, do Instituto Histórico e Geográfico, do Arquivo Público de Santa Catarina, da Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina e da Biblioteca do CEFID/UDESC

Aos meus muitos amigos e amigas que me acompanharam e incentivaram em mais essa caminhada.

A Joris, meu companheiro, por nosso re-encontro.

SUMÁRIO

Resumo.....	08
Abstract.....	09
Introdução.....	10

Capítulo I

O EPT e a sua constituição enquanto política educacional

1. Constituindo o esporte como campo educacional.....	18
---	----

Capítulo II

Esporte para Todos no Brasil e sua organização

2. EPT: O esporte como uma "cruzada"	44
--	----

Capítulo III

O EPT e a constituição de um projeto de intervenção social

3. A Pedagogia do Cidadão.....	64
--------------------------------	----

Capítulo IV

O EPT e suas estratégias de consolidação

4. A constituição de uma estratégia impactante.....	83
---	----

Capítulo V

A Revista comunidade Esportiva e o EPT.....	102
--	------------

Algumas Considerações	122
------------------------------------	------------

Referências bibliográficas.....	127
--	------------

Fontes Documentais	134
---------------------------------	------------

Anexos.....	138
--------------------	------------

Resumo

A Campanha *Esporte para Todos* realizada no Brasil nos anos de 1977 à 1979 é o tema dessa dissertação. Inserida no contexto do regime militar que se estabeleceu no país nos períodos de 1964/1984, o *EPT* afina-se com o projeto desenvolvimentista do governo que, visando o progresso técnico- científico da nação vai investir em diversas áreas do conhecimento. A Educação Física/Esportes passam a ser entendidas como peça fundamental para o desenvolvimento da saúde dos cidadãos e premissa básica para à integração social. Partindo desse contexto faz-se necessário compreender como o *argumento* para a necessidade de uma campanha nacional de massificação do esporte foi política e historicamente construída e os seus desdobramentos na educação corporal dos indivíduos. Pesquisar o movimento *Esporte para Todos* e a constituição de uma pedagogia corporal no Brasil nas décadas de 1970-80 é a possibilidade de estranhar como uma dada cultura ou um determinado grupo social criou maneiras de conhecer, controlar, governar e organizar o corpo conforme interesses pessoais ou coletivos.

From the sport for all to the constitution of a corporal pedagogy in Brasil

The Campaign Sport for All “SFA” carried through in Brazil in the years of 1977 to the 1979 is the subject of this dissertation. Inserted in the context of the military regimen that have been established in the country in the periods of 1964/1984, the SFA is sharpened with the development project of the government that, aiming at the scientific technician progress of the nation, goes to invest in many areas of knowledge. The Physical Education becomes to be understood as basic part for the development of the health of the citizens and basic premise for the social integration. From this context it is necessary to understand how the argument for the necessity of a national campaign for sport practices was politics and historically constructed and its unfolding in the corporal education of the individuals. To search the movement Sport for All and the constitution of a corporal pedagogy in Brazil in the decades of 1970-80 is the possibility to find how one culture or one determined social group created ways to know, to control, to govern and to organize the body trough personal or collective interests.

INTRODUÇÃO

O interesse pelo estudo da massificação do esporte no Brasil surgiu como prosseguimento dos estudos e leituras realizadas durante meu trabalho de conclusão do curso de História, intitulado *“Educação dos Gestos: A Educação Física no Processo de Regeneração da Nação. 1930-1945.”*¹

O passado, segundo Jacques Le Goff (1996, p.203), se revela “reconstruído em função do presente” na medida em que há uma interação entre eles. Esse passado é reconhecido através de recordações que são reconstruídas num contexto que é o do presente e em função desse mesmo presente. Esta interação entre passado e presente é aquilo a que Le Goff chamou a função social do passado ou da história. Nesse sentido, o passado é uma construção e uma reinterpretação constante e tem um futuro que é parte integrante e significativa da história, principalmente porque o progresso dos métodos e das técnicas permite pensar que uma parte importante dos documentos do passado está ainda por se descobrir. A arqueologia, por exemplo, decorre sem cessar dos monumentos desconhecidos do passado; os arquivos continuam incessantemente a enriquecer-se de novas leituras de documentos frutos de um presente que nascerá no futuro. Dessa forma, a historiografia surge, segundo o autor supracitado, como seqüência de novas leituras do passado, cheia de perdas e ressurreições, falhas de memória e revisões.

Outro fator motivador para escolha da temática a ser trabalhada nesta dissertação foi minha experiência dentro do esporte de competição como atleta e a percepção de que o “corpo atlético” (fruto de treinamento físico intensivo) estava sendo

¹ Destaco que minha participação no núcleo de Estudos e Pesquisas Corpo, Educação e Sociedade (CED/UFSC) sob a coordenação do Pro. Dr. Alexandre Fernandez Vaz foi fundamental para o amadurecimento da pesquisa cujo relatório final aqui apresento.

reproduzido e ou vinculado como um padrão de beleza, saúde e disciplina a ser assimilado pela população. Trata-se também de uma experiência corporalmente vivida, levando-me a uma série de inquietações partindo do meu presente.

Desde a década de 1970 os estudos históricos sobre o corpo abrem a possibilidade de discutir problemáticas ligadas à história do desejo, da sexualidade, das práticas de higiene, da disciplina do trabalho e do cotidiano, conectadas às mudanças culturais na formação de uma população urbana. Segundo Sant'Anna (2001), realizar uma história do corpo é um trabalho tão vasto e arriscado quanto aquele de escrever uma história da vida. São diversos os caminhos e as formas de abordagens: da medicina à arte, passando pela antropologia e pela moda, há sempre novas maneiras de estudar o corpo assim como possibilidades inéditas de estranhá-lo.

Pesquisar o movimento *Esporte para Todos* e a constituição de uma pedagogia corporal no Brasil nas décadas de 1970-80 é a possibilidade de estranhar como uma dada cultura ou um determinado grupo social criou maneiras de conhecer, controlar, governar e organizar o corpo conforme interesses pessoais ou coletivos. A escolha deste período nos possibilitou perceber que a historicidade do movimento revela não apenas o quanto são complexos os mecanismos de intervenção social relacionada ao controle dos corpos, mas revela sobretudo, o quanto eram sofisticados os saberes e as técnicas do período em questão. Um passado que é presente também, pois assim como as práticas esportivas da atualidade, os *epetistas*² eram guiados pela ambição de livrar os corpos das doenças, promover a ordem e a disciplina, a higiene e a valorização da natureza e da família, numa

² Uma denominação utilizada pelos idealizadores do EPT para identificar os que estavam envolvidos como o movimento .

palavra, controlar os corpos não apenas para bem administrar uma cidade, uma nação, mas igualmente para promover mais saúde e bem-estar.

O recorte o histórico sobre as práticas esportivas do *EPT* foi uma tentativa de entender o esporte como campo privilegiado para produção de diversas pedagogias aplicadas a pessoas vindas de toda e qualquer parte. Ele definia normas de saúde, de beleza, instaurava competição e o autocontrole de cada indivíduo, como também criava novos padrões de lazer e recreação social.

A história tem mostrado que diferentes visões de mundo produzem diferentes formas de conceber o corpo: distintas formas de interpretar, de representar e de atuar com o corpo. De qualquer forma, investimos muito nos corpos. Produto social, produto cultural e histórico. De acordo com as mais diversas imposições culturais, nossa sociedade o fragmentou e recompôs, regulando seus usos, normas, funções. São muitos os processos de intervenção e cuidados com o corpo; exercícios, roupas, aromas, adornos, é no corpo que inscrevemos "marcas" de identidade e conseqüentemente diferenciação (LOURO, 2000).

Entendendo o esporte como uma "marca" da cultura ocidental e portanto mecanismo de intervenção e tomando-o ainda como referência para entender o passado, reconheço sua complexidade, pois todas essas representações, dando ao corpo seus limites, desenhando suas aparências ou sugerindo seus mecanismos internos, têm antes de tudo um terreno social. Por isso recorro a Walter Benjamin (1985, tese 7) para lembrar o ofício do historiador; "todos os bens culturais que ele vê tem uma origem sobre a qual ele não pode refletir sem horror". Os bens culturais não são qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. O que tal história mostra é que ela deve, também, conjugar-se com outras histórias.

Pretendemos analisar e compreender o movimento *EPT* no Brasil a partir de textos e imagens escolhidos nos manuais técnicos, livros, revistas, jornais e propagandas produzidos pelo movimento e/ou outros veículos de comunicação que de alguma forma estão relacionados ao *EPT*. Nesse sentido o estudo dos editoriais da revista bimestral técnica, informativa *Esporte e Educação e Comunidade Esportiva* nos possibilitou constatar que o modelo pedagógico para a Educação Física difundido pelo governo militar dava ênfase às práticas desportivas de massa, uma questão central para entendermos a historicidade do movimento *EPT* e suas estratégias de consolidação. Pois, um projeto de massificação esportiva, mais do que incentivar a prática desportiva ou “integração social”, é também uma intervenção política de controle e de cerceamento, sobre ele depositam-se saberes, poderes disciplinares orientados para uma lógica, seja ela do trabalho, da produção e/ou do consumo. Por este motivo, as práticas corporais como as esportivas são amplamente divulgadas e incentivadas, já que, como possibilidade de divertimento e disciplinamento, tornam-se representativas de uma sociedade que privilegia a gestão “racional” do tempo e do corpo. Na atualidade, o prazer deixou de ser banido, e de certa forma deixou de ser reprimido para ser “adequado” e passou a ser massivamente valorizado e normalizado pela difusão das normas racionais de progresso e de saúde.

O movimento *EPT* propunha uma educação não-formal que obedecesse menos a normas pedagógicas tradicionais e mais aos imperativos "modernizadores" dos anos 1970. Um discurso que se afirmava sempre democrático e atual, mas que contraditoriamente estava inserido no regime militar. O esporte era interpretado também como fator de integração familiar, devendo despertar a espontaneidade, o espírito de improvisação e o sentimento popular, comunitário e cívico.

Dentre as muitas “fases” do movimento *EPT* (cultural, educacional, de comunicação, de saúde) investiguei a “Dimensão Educacional” ou o que seus idealizadores denominavam “pedagogia social”. A pergunta inicial foi: O que o movimento *Esporte para Todos* entendia e como se estruturava a sua *pedagogia social*?

Se o movimento *EPT* foi importante no contexto de sua atuação, ainda o é na atualidade, porque permite conhecer a produção de diferentes mulheres e homens, seus discursos e suas práticas corporais, forjando e criticando novas formas de cuidar de si. Para Walter Benjamin (1985, tese 6) “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo *como ele de fato foi*. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo”. O tempo não se revela de uma só vez, portanto. O passado é uma referência de realidade, sem a qual o presente é pura irreflexão.

O caminho a ser trilhado nesta pesquisa exige um diálogo com outras áreas do conhecimento. Como ressalta Marilena Chauí (1984), se é verdadeiro que as ciências do homem comportam vários ramos específicos, de acordo com seus objetos e métodos, essa especificidade não deveria inibir as aproximações entre as áreas. Isto inclui, obviamente, a leitura, o fichamento e problematização das fontes, e com elas as ciladas que podem obliterar um entendimento que supere as aparências e desvele os interesses em jogo nas ações dos sujeitos interlocutores de uma determinada época e as decorrências aí implícitas. Segundo José Carlos Reis (2000), o evento pode ser anódino no presente e ser decisivo no futuro: o que era secundário e nem percebido pelo contemporâneo emerge com grande importância. Pesquisar o movimento “Esporte Para Todos,” nesse sentido, é perceber como o corpo individual e social foi atingido por uma trama de soluções educacionais e de impasses diferentes. A partir dele é possível, enfim, compreender que os investimentos

dirigidos ao corpo na atualidade têm razões antigas e inclui interesses que extrapolam o domínio das ginásticas, dos esportes e da saúde de cada um.

Os documentos que privilegiamos para análise no possibilitaram tornar visível a riqueza e a diversidade dos temas presentes no movimento *EPT*. Pelo menos em princípio, o fato das publicações não estarem diretamente vinculadas a partidos, instituições, movimentos ou religiões, favorecia a diversidade de opiniões. No entanto, a natureza dessas publicações literárias e científicas expressam muito do período autoritário em questão.

Nesse sentido foi priorizado como fonte documental o livro organizado por Lamartine Pereira da Costa “*Teoria e Prática do Esporte Comunitário e de Massa*”, para melhor compreender a ideologia do movimento e suas bases de sustentação. Publicado em julho de 1981, a referida obra, contava com a participação de diversos autores e tinha como objetivo reunir a teoria e prática do esporte não formal e de massa.

A análise da revista *Comunidade Esportiva* foi de suma importância, pois este periódico foi o principal veículo de divulgação do *Esporte para Todos* no Brasil. Outros documentos se constituem como fonte importante para a pesquisa porque são reveladores do papel das autoridades públicas no desenvolvimento do *EPT*, bem como sua vinculação a instituições privadas. Destaco, entre outros: *Fundamentos do Esporte para Todos; Teoria e Prática do Esporte para Todos; Princípios Básicos do Esporte para Todos; Esporte de lazer. Tarefa e chance para Todos; Diagnóstico de educação física/desporto no Brasil-MEC (1971)*.

Dividimos o trabalho em cinco capítulos:

No primeiro capítulo optamos por estudar e investigar o que consideramos a primeira fase do movimento *Esporte para Todos*, ou seja, início da década de 1970,

antecedendo a implantação oficial da campanha em 1977. O estudo deste período não ocorreu em razão da busca das origens do movimento, mas sobretudo, porque ele recobre os anos decisivos para compreensão dos nossos objetivos. Dentre eles analisar as técnicas de investimento no corpo de mulheres e homens no movimento de massificação esportiva, *EPT*, nas décadas de 1970 e 1980 no Brasil enquanto projeto social e sua relação com o governo autoritário.

Já no segundo capítulo, analisaremos o movimento *EPT* por dentro de suas particularidades e de suas determinações próprias, sem a pretensão de exaurir o texto. As análises aqui desenvolvidas tem, neste primeiro momento, a intenção de resgatar a historicidade do movimento *EPT*, a sua organização e a constituição de uma pedagogia do cidadão, fazendo as possíveis relações com o projeto de sociedade em construção naquele momento histórico.

No terceiro capítulo, tratou-se de investigar e refletir sobre as estratégias de consolidação e Marketing do *EPT* e como o movimento era constituído por uma lógica voltada ao mercado e a constituição de toda uma rede *EPT* de meios de comunicação.

No quarto capítulo pretendemos compreender como as políticas públicas gestam projetos de intervenção social como o *EPT*, e se utilizam da Educação Física como "saber científico" para legitimar práticas corporais de intervenção e controle na sociedade.

No quinto capítulo discutiremos as estratégias de consolidação do *EPT* e sua vinculação como a *Revista Comunidade Esportiva*, que representou uma etapa importante no processo de divulgação do movimento.

Por fim não pretendemos com o trabalho que aqui apresentamos esgotar o tema, mas esperamos ter contribuído para o debate no âmbito da Educação sobre a

produção de diversas pedagogias que tomam por base preceitos científicos da Educação Física para legitimar projetos de intervenção corporal.

Capítulo I

O EPT e a sua constituição enquanto política educacional 1970-1979

1- Constituindo o Esporte como Campo Educacional

"É só andar pelo Brasil e se verá a obra de gigante que vem sendo feita, plantando-se para juventude: uma obra de geração... Por isso tudo, aqui fica o nosso louvor a essa equipe que vem dando uma de bandeirante pela Educação Física."³

No Brasil, com a instauração da ditadura militar em 1964, o governo investiu institucionalmente no esporte como um setor estratégico para buscar uma correspondência entre o desenvolvimento econômico e o social, criando ou interferindo nas então existentes federações, associações e ligas desportivas. A Educação Física escolar absorveu o esporte de alto rendimento como seu conteúdo prioritário, e sua intervenção pedagógica centrou-se na iniciação desportiva e na procura de talentos (FERRAZ, 1999). No entanto, mesmo não sendo consenso entre os profissionais da área da Educação Física, o certo é que a esportivização das aulas foi ganhando cada vez mais espaço nas escolas.

Um dos desdobramentos da política educacional do período foi o debate travado entre os profissionais de Educação Física e o governo sobre as virtudes educativas do esporte e sua provável eficácia como veículo de formação completa do ser humano. Interessava ao Governo Militar incentivar ou mesmo obrigar os estudantes à prática de esportes, tendo em vista sua “importância na formação do homem integral, objeto da

³ Revista Esporte e Educação. Editorial, anoV. Nº 29- julho/agosto-1973.

educação universitária”⁴. Porém, é importante salientar que o interesse do governo militar pelo esporte não se restringia à compreensão dele como apenas mais um “analgésico social”. Afinal a utilização do esporte como meio educativo não foi, muito menos é, privilégio de governos militares.

Tratava-se naquele momento de dar espaço, no plano nacional, a uma discussão de âmbito internacional, sobre as perspectivas que envolviam o esporte e a Educação Física, e sua utilização como meio de educar a população. Além disso, o esporte assumia uma importância simbólica no imaginário nacional naquele momento, repleto de otimismo, por termos conquistado o tri-campeonato mundial de futebol: Era o Brasil vencedor, nação “jovem”, destinada ao futuro e ao desenvolvimento.

Segundo o Presidente da República Emílio Garrastazu Médici, o que precisávamos era de “ação”, “resistência” e “forma física”. Era o que afirmava uma mensagem que foi transmitida a toda nação, logo após a vitória do Brasil na Copa do Mundo de futebol em 1970. O presidente ressaltava:

“Na hora em que a seleção nacional de futebol conquista definitivamente a Copa do Mundo, após memorável campanha, na qual só enfrentou e venceu adversários do mais alto valor, *desejo que todos vejam, no presidente da República, um brasileiro igual a todos os brasileiros.*

Como um homem comum, como um brasileiro que, acima de todas as coisas, tem um imenso amor ao Brasil e uma crença inabalável neste País e neste povo, sinto-me profundamente feliz, pois nenhuma alegria é maior no meu coração que a alegria de ver a felicidade de nosso povo, no sentimento da mais pura exaltação patriótica.”⁵

O contexto da vitória da seleção brasileira de futebol acabou atuando ainda como um catalisador de um renovado nacionalismo, manifesto na mensagem do presidente à nação, ao comparar uma vitória esportiva à disposição do povo brasileiro de encarar e

⁴ Brasil. lei n. 5.540-28 nov.1968.

⁵ Médice à Nação. *Revista Esporte e Educação*, nº 9- ano II- São Paulo- 1970, p. 1. Grifos meus.

“vencer” os problemas do país. E claro que no “*desejo que todos vejam no presidente da República, um brasileiro igual a todos os brasileiros*”, significava também identificar a figura do presidente com a do vencedor, capaz de “solucionar” e “vencer” os problemas da nação. No entanto para que isso fosse possível a sociedade teria que espelhar-se na vitória da seleção nacional de futebol e assim como ela, agir como uma “harmoniosa equipe”, pois segundo o Presidente Médice:

“E identifico, na vitória conquistada na fraterna disputa esportiva, a prevalência de princípios de que nos devemos armar para a própria luta em favor do desenvolvimento nacional(...) Identifico, no sucesso de nossa seleção de futebol, a vitória da unidade e da convergência de esforços, a vitória da inteligência e da bravura, da confiança e da humildade, da constância e da serenidade, da capacitação técnica, da preparação física e da consistência moral. Mas é preciso que se diga, sobretudo, que os *nossos jogadores venceram porque souberam ser uma harmoniosa equipe, em que, mais alto que a genialidade individual, afirmou-se a vontade coletiva*”.⁶

Como podemos notar, as falas acima carregam certamente as marcas da nova atenção dispensada aos esportes, decorrentes, por assim dizer, da construção de uma nova pedagogia corporal, que via na massificação esportiva a materialização de ideais de competição, de jogo, de combate, mas, acima de tudo, de equipe, de uma *harmoniosa equipe*, como teria que ser a nação rumo ao progresso e ao desenvolvimento.

Foi nesse contexto que a lei nº 6.251, sancionada pelo presidente Geisel, revelava a importância que o esporte assumia como dispositivo educador naquele momento histórico, instituindo, no art. 6º- Do Plano Nacional de Educação Física e Desportos, as seguintes normas:

“Art.6º- Caberá ao Ministério da Educação e Cultura elaborar o Plano Nacional de Educação Física e Desportos (PNED), observadas as diretrizes da Política Nacional de Educação Física e Desportos.

⁶ Revista Esporte e Educação, nº 9- ano II- São Paulo- 1970, p. 1.

Parágrafo único- O PNED atribuirá *prioridade a programas de estímulo à educação física e desporto estudantil, à prática desportiva de massa e ao desporto de alto nível.*”⁷

Poderíamos acrescentar ainda que a relevância conferida à ação, à forma física e à disponibilidade corporal naquele momento era cúmplice do ideário *Brasil país que vai prá frente*, pois o esporte estava imbricado com as aspirações sociais da época. Portanto os projetos esportivos assumiam uma dimensão importante na vida cultural do país.

Outra característica a ser lembrada era que na forma de espetáculos esses eventos não envolviam apenas atletas, mas também o público, os corpos e as emoções coletivamente expressas nas ruas e nos estádios no final de qualquer campeonato. Esses sentimentos foram exacerbados para despertar a “brasilidade”, estando presentes, nas palavras do Presidente Médici, para encerrar a mensagem que foi transmitida à nação, logo após a vitória da seleção brasileira de futebol em 1970, quando frisava:

“Neste momento de vitória, trago ao povo a minha mensagem, identificando-me todo com a alegria e a emoção de todas as ruas, para festejar, em nossa incomparável seleção de futebol, a *própria afirmação do valor do homem brasileiro.*”⁸

Mas, paralelo a todos esses acontecimentos e “sentimentalismo nacionalista”, o governo tornava-se ultraconservador e mesmo parafacista. Por meio do que se chamava “concepção tática defensiva” e uma estratégia político militar “restauradora”, engajava-se numa propalada “defesa da democracia” e “defesa da ordem” que ligavam o anticomunismo à construção da “Pátria Grande” (FERNANDES, 1997).

Todas estas questões estiveram imbricadas com o lema que orientou os cinco governos militares entre 1964 e 1985: *segurança e desenvolvimento*. Assim, as políticas econômica, social e cultural foram também objeto de preocupação no contexto da *Doutrina*

⁷ Legislação Desportiva, MEC Secretaria de Educação Física e Desportos, p. 06. Grifos meus.

⁸ Revista Esporte e Educação, nº 9- ano II- São Paulo- 1970, p. 1. Grifos meus.

de Segurança Nacional, que pressupunha programas sociais de desenvolvimento comunitário como indispensáveis "à preservação da paz social." Desta forma, projetos que tinham a tarefa de se encarregar do equilíbrio e harmonia do corpo social, exigirão mecanismos contínuos, reguladores e corretivos. Tanto é que nas formulações da ESG-Escola Superior de Guerra a preocupação com a preservação da ordem social passava acima de tudo pela formulação de programas que garantissem a existência da harmonia e paz social.⁹

Portanto, o momento político vivido no início da década de 1970 exigia uma educação do corpo que promovesse não só a saúde, mas também a disciplina e a ordem. Gestos controlados, prontos para aceitar as regras do convívio "democrático" e para o culto às riquezas nacionais. Sendo assim, o corpo humano era considerado um organismo que precisa ser constantemente "educado" mediante processos refinados de aprendizado e disciplinamento.

Ao longo do trabalho iremos perceber que o projeto *EPT*, por meio de um aprendizado continuado e sutil, inscrevia nos corpos e mentes das pessoas formas de se comportar. As prescrições iam desde as de saúde e lazer até às políticas, expressas por exemplo nas "*Bases Institucionais do Esporte para Todos*." Vejamos algumas de suas *dimensões de atendimento*:

"Lazer: Orientar o tempo livre para a prática esportiva com prazer e alegria de modo voluntário.

Saúde: Criar oportunidades de melhoria de saúde do povo, no que se refere a prática de atividades físicas e recreativas.

Integração social: Estimular a congregação e a solidariedade popular, dando ênfase à unidade familiar, as relações pais e filhos, à participação feminina e a valorização da criança e do idoso.

⁹ Sobre a Escola Superior de Guerra e os programas de desenvolvimento comunitário ler o trabalho de Fúlvio Rosenberg: *LBA, o Projeto Casulo e a Doutrina de Segurança Nacional*. In: *História Social da Infância no Brasil*. 2003. P, 141.

Civismo: Reforçar o sentimento de povo, de nacionalidade e de integração nacional.”¹⁰

A citação acima chama atenção não apenas para a valorização do corpo e da saúde dos indivíduos, como para uma certa regeneração moral também. Isto ocorre fundamentalmente porque o corpo, desde épocas passadas, passou a ser pensado como agente fundamental no processo educativo. Desde então acreditava-se que por meio de sua regeneração física e moral podia-se educar o caráter de cada indivíduo e, a seguir, se poderia formar uma nação. (SAN'ANNA, 1995).

O que as décadas de 1970-80 mostravam de “novo” nestas práticas corporais, e, neste caso no movimento *Esporte para Todos*, objeto de nossa pesquisa, foram as formas de subjugar o corpo, pois este trabalho representou, como em outras épocas, uma ação também pedagógica.

Para tanto, o *EPT* utilizou diversas estratégias de mobilização como a divulgação em rádio, televisão, revistas, jornais e promoção de eventos junto às comunidades, entre outras que veremos no decorrer do texto. Mas, sem sombra de dúvida, sua grande inovação foi a invenção do “*Voluntário Esportivo*.” Voltaremos ao tema, de forma mais cuidadosa no capítulo III. Desta forma é reveladora a fala do Professor de Educação Física Lamartine Pereira da Costa, um dos principais articuladores da versão brasileira do *Esporte para Todos*. Para Lamartine a publicidade do movimento *EPT* deveria ser:

“um meio de mobilização que por sua importância merece atenção em separado. De um modo muito comum as pessoas que organizam promoções tendem a acreditar mais na divulgação através dos meios de comunicação (rádio, TV, jornais, etc.), do que a mobilização por contato pessoal... Daí a importância do *Voluntário Esportivo* que, como já foi dito anteriormente, é a

¹⁰ Costa, Lamartine Pereira da. *Bases Institucionais do Esporte para Todos*. In: Teoria e Prática do Esporte Comunitário e de Massa. P, 22.

promoção transformada em pessoa, representada por sua ação e sustentada por seus contatos com outras pessoas.”¹¹

É interessante perceber que práticas desportiva de massa com caráter higienista passavam a ser utilizadas como possíveis saídas para o desenvolvimento, ao qual agarravam-se os defensores do projeto econômico. Ao mesmo tempo, abriam-se possibilidades de inserção social dos menos favorecidos por meio de projetos esportivos. Uma inserção que passou a ser condicionada como em outros períodos históricos à sua capacidade de “civilizar-se”, mas que neste contexto passou a ser chamada “*capacidade de integrar-se*”. Esta capacidade de integrar-se era acima de tudo prática:

“É através da prática que buscamos a orientação para organizarmos as bases ou fundamentos do EPT e a melhoria de algumas qualidades próprias da GENTE EPT.

A união da prática, dos fundamentos e destas qualidades permite CONHECER e JULGAR cada vez melhor a própria realidade, fazendo as pessoas participarem mais ativamente e se tornarem mais SOCIÁVEIS.”¹²

Mesmo as diferenças sociais e econômicas sendo percebidas como “decorrência do subdesenvolvimento”, como atestavam os idealizadores do *EPT*, essa realidade não era problematizada, muito menos criticada. Para esses autores, a educação *epetista* seria “*não-formal que obedece menos a normas pedagógicas tradicionais*”. Entretanto, essa *educação não-formal*, seria um instrumento cívico também, de constituição e conformação do sujeito nacional. E essa constituição do sujeito nacional era pensada de forma distinta:

“Num país como o Brasil, que exhibe diferenciação social de importância, é natural que seja discutível qualquer atividade que não seja incluída entre as prioridades das pessoas carentes. O EPT, entretanto, pertence às necessidades básicas da população mais pobre se entendermos que o lazer ativo é a complementação do próprio alimento e do trabalho”¹³

¹¹ Costa, Lamartine Pereira da. *A Dimensão Publicitária do EPT*. In: Teoria e Prática do Esporte Comunitário e de Massa. P, 187.

¹² Você é gente EPT. O Treinamento em EPT. In: Rede Nacional. Esporte para Todos. Princípios Básicos. P, 8, s/d.

¹³ Costa, Lamartine Pereira. *Princípios do Esporte para Todos. Prioridade Social*. In: Teoria Prática do Esporte Comunitário e de Massa, 1981, p. 14.

Mas não era somente isto, era preciso evitar que,

“(..) as atividades em que você solicita a participação de pais e filhos podem levar os indivíduos a uma perfeita interação familiar, a um confronto de idéias, de costumes e uma *concepção de vida em sociedade, tão incomum entre nós, sobretudo nas áreas economicamente antagônicas.*”¹⁴

Assim a educação através do esporte ora era defendida pelos *epetistas* como arma poderosa para utilizar melhor o tempo de lazer, afastando os indivíduos do ócio e sedentarismo, preparando para o trabalho, ora era direcionada principalmente para os indivíduos de baixa renda. Era preciso evitar acima de tudo a visibilidade do conflito de classe:

“O EPT em nosso país sempre foi mais forte na camada mais pobre da população, que ainda o pratica de modo assistemático e sob condições lúdicas, com mínimas interpretações de saúde física e mental. Isto se contrapõe ao envolvimento da classe média que está assumindo o esporte recreativo através de valores físicos, psicológicos e de status social, além da natural ludicidade e da influência dos meios de comunicação de massa”¹⁵

O texto deixa implícito o *EPT* como divisor de águas entre cidadãos e aqueles apenas de “segunda classe”. Estes últimos não conseguiam entender o esporte de uma forma mais ampla, pois “*ainda o praticam de modo assistemático e sob condições lúdicas, com mínimas interpretações de saúde física e mental*”, como se esse segmento da sociedade tivesse características “inatas”, ou ainda que precisavam ser tuteladas.

É interessante observar que o *EPT* vai se constituindo neste momento como movimento de base técnico- científica. A vinculação era clara. Conhecendo e respeitando tais diferenças, o *EPT* propõe programas diversificados para cada comunidade através dos manuais técnicos, distribuídos principalmente nas escolas e centros comunitários.

¹⁴ Barros, Darcymires Rego. *Macroginástica*. In: Teoria e Prática do Esporte Comunitário e de Massa. 1981, p.50.

¹⁵ Costa, Lamartine Pereira. *Afinal: O que é o Esporte para Todos?* In: Teoria e Prática do Esporte Comunitário e de Massa. 1981, p.17.

Numa clara indicação da necessidade de massificação dos esportes, o Presidente Médici, em seu discurso na inauguração da praça Roosevelt, em São Paulo, vinculava a *formação do homem brasileiro* com o desenvolvimento do país. Afirmava o presidente que era:

“preciso que haja um perfeito equilíbrio nas atividades do homem, para que ele também tenha esse equilíbrio emocional; para que ele produza; para que ele dê mais ao Brasil; para que ele cresça com sua Pátria.”¹⁶

Percebemos uma concepção do corpo humano ainda como máquina, a serviço da produção, cujo entendimento de seus mecanismos internos, desde o século XVIII, despertava os educadores para a necessidade de ampliar sua autonomia, em relação às possibilidades de “transformá-lo” cotidianamente. Com ajuda agora não apenas da Educação Física, mas também dos esportes. (SANT'ANNA, 2001).

Afinal, a saúde era um bem a conservar, um bem-estar intimamente ligado à atividade física e à promessa de transformação social. No entanto, essas práticas esportivas não figuravam apenas como mais um dispositivo para formar uma juventude forte e saudável em prol do desenvolvimento do país. Elas faziam parte de eixos temáticos da indústria cultural, que viam também nas práticas esportivas um mercado emergente e lucrativo. É sempre bom lembrar que foi na década de 1970 juntamente com as bonecas *Barbie*, que desembarcaram no Brasil numerosas máquinas e técnicas do corpo, instrumentos de um verdadeiro marketing de vivências corporais. A tríade juventude, beleza e saúde, aliada às práticas de aperfeiçoamento do corpo, intensificava-se brutalmente neste período, consolidando um mercado florescente que comportava indústrias, linhas de

¹⁶ Esporte e Educação. Março- Nº 06- ano I- São Paulo-1970, p.16. Sobre o discurso do Presidente Médici, na inauguração da Praça esportiva Roosevelt em São Paulo.

produtos, jogadas de marketing e espaços nas mídias. (DEL PRIORE, 2000). A revista de *Desporto* em sua edição de nº 23, assim expressava sua opinião sobre essa massificação:

“A indústria descobriu o esporte em massa- essa é pelo menos a impressão dos peritos, que freqüentaram a 9ª Feira Internacional de Artigos Esportivos ... o ramo econômico dos artigos esportivos espera os maiores índices de crescimento dos aparelhos esportivos destinados ao grande publico”¹⁷

Em uma outra reportagem publicada pela revista *Veja* em 1979 intitulada “Os embalos”, ilustra bem a intensificação desse modelo corporal. Ao comentar sobre a juventude da década de 1970, tece a imagem “corpo livre e liberado, um corpo jovem que sabe o que quer, que goza, que é dono do próprio nariz:” Para a psicóloga Joana Novaes, essa busca estaria sempre referida a um ideal inatingível, uma vez que as imagens vinculadas nada têm de humano e a promessa de felicidade absoluta aí contida empurra as pessoas para a impossibilidade de adequar-se aos novos padrões estéticos. (NOVAES,1997). A reportagem de *Veja* é salutar neste sentido, pois anuncia segundo sua perspectiva, a "nova revolução" que estava a caminho através do corpo. Referindo-se a década de 1960, a revista frisa:

“Seus antecessores usaram o som e a voz, os jovens da década de 70 preferiram o corpo. Em terra, no mar ou no ar, o movimento corporal, ou os ‘embalos’, foi a mais evidente forma de expressão da juventude dos anos 70. Mexendo-se, os jovens comunicaram sua alegria e curtiram- um verbo que a década inventou para indicar o prazer gratuito.”¹⁸

Mas não foi só isto. Mexer o corpo também trouxe outras conseqüências como atesta a referida reportagem:

“(...) Se é correto a crença de que a dança é uma alegoria das relações sexuais de uma época, a década de 70 deixou essa imagem: a mulher livre embalando seu próprio corpo; o homem, que sempre a conduziu, contorcendo-se em gestos

¹⁷ Revista de Desporto, Ano III, nº 23 , 1978,p. ?

¹⁸ Revista Veja. Nº 560, 26 de dezembro de 1979, p. 60.

que no passado eram inconfundivelmente femininos. A busca de movimentos livres foi aliás uma constante dos jovens esportivos da década.”¹⁹

Percebemos que o elogio da juventude, os critérios de apresentação física e a cultura da beleza constituíam os sinais de distinção social que se tentava construir naquele momento histórico. A disseminação do modelo de corpo atlético revelava-se ainda como estratégia de consumo voltada a vender produtos do estilo de vida ativo.

Começava aí a era dos "esportes radicais", palavra extremamente perigosa naquele contexto:

“Deslizar foi a curtição: deslizar sobre as ondas, deslizar nas calçadas, no ar, como gigantescos pássaros ou lançando pequenos discos voadores. Em todos, sempre o mesmo desafio: manter o equilíbrio. Esse esforço permanente sobre *patins, skates, pranchas, debaixo de asas voadoras, deu a ilusão de que o esporte nos anos 70 foi uma espécie de bailado de corpos desafiando a gravidade*”²⁰

Neste sentido, não foi à toa que nos anos de 1970 chegavam ao Brasil, como já foi dito, numerosas máquinas e técnicas de intervenção no corpo, instrumentos de um verdadeiro marketing de vivências corporais. Uma reportagem da revista *Veja* em 1979 descrevia esta década afirmando que:

“O suor entrou na moda. A cidade grande está empurrando o brasileiro para fora de casa para correr, andar de bicicleta, fazer ginástica. A forma física está em alta.”²¹

Um corpo moderno era um corpo em movimento, “vigor e forma” substituíam a exclusiva preocupação em exhibir as belas maneiras de épocas passadas. Todos os órgãos ligados ao esporte naquele momento dirigiam seus atos no sentido de divulgar à população os benefícios da prática esportiva em geral como forma de atividade de lazer e de expressão do ser humano. Esse novo culto ao corpo era expresso pela reportagem:

¹⁹ Idem.

²⁰ Idem.

²¹ Revista *VEJA*, 03 de outubro de 1979, nº578, p. 56.

“Centenas de milhares de brasileiros, em suma, descobriram que um de seus maiores interesses, *quando não é o maior*, é o próprio corpo. Não se trata de um fenômeno brasileiro, em todo mundo a prática dos exercícios físicos cresce a cada dia. Mas foi no Brasil confirma o médico fisiologista americano Kenneth Cooper, em seu livro mais recente “Saúde Total” que se deu a maior explosão.”²²

Desta forma, o Governo pós 1964 re-inaugurava a “modernidade” em contraposição aos “arcaicos” modos e práticas culturais anteriores à “Revolução”. E ainda anunciava o rompimento com a “desordem”, preconizando o futuro rumo ao desenvolvimento. Tudo isso fincava-se, como emblema da nação, através de um discurso com profundo apelo nacionalista e renovador: Isto estava sobremaneira claro em um dos editoriais da revista *Esporte e Educação*, em 1973:

“Acordaram nossos homens de mando, para o esporte; vem o ministro e dá o xeque- mate: RENOVAR. Descobrimos o rumo certo: A renovação adotada pela Revolução em todos os setores estava adormecida neste. Veja que *surto de desenvolvimento* experimentamos na vida do País!”²³

Podemos perceber a crença no progresso e no desenvolvimento econômico, segundo o qual o nacionalismo e o reformismo seriam os principais sustentáculos da nova realidade econômico-social, que permeavam o imaginário social naquele momento. (NEVES, 1997). Nesse sentido é importante compreendermos a complexa relação do movimento pela massificação da Educação Física e/ou esporte, e sua vinculação ao discurso desenvolvimentista muito presente naquele momento. Afinal era o “sonho de um Brasil grande”.

A revista *Esporte e Educação* em fevereiro-março de 1971, chamava a atenção, para a “nova fase” que a Educação Física estava passando, convocando seus leitores, principalmente os profissionais da área, para que participassem das edições, enviando para

²² Idem. Grifos meus.

²³ Editorial da revista *Esporte e Educação*, ano V- N° 28-maio/junho- 1973. Grifos meus.

a redação seus programas de trabalho. A revista conclamava os profissionais da área a relatar suas experiências pois elas eram:

“tão válidas quanto a dos professores mais *renomados* que temos. Você vive um problema diverso do da capital, da grande metrópole. É certo que contamos com sua colaboração, nos próximos números. Escreva-nos dizendo de suas programações especiais, de seus programas de trabalho, de suas competições, mande-nos fotografias. *Não esqueça que em sua escola você está construindo, também, um Brasil Grande.*”²⁴

A citação acima é bastante elucidativa quanto à participação da Educação Física na política desenvolvimentista do governo. Nesse contexto, era preciso restituir os mais altos e nobres valores da nação, e a “nova” Educação Física não poderia deixar de contribuir na construção de um “Brasil Grande” que seria colocado nos trilhos da modernidade.

Assim, se por um lado os indicadores esportivos e sociais apontavam falhas, os culpados eram as velhas formas políticas. Por outro lado, elas só poderiam ser solucionadas a partir de uma profunda reforma. E essa reforma vinha sob o manto do desenvolvimento. Construir o “Brasil Grande” significava romper com o “velho” e inaugurar o “novo”, fosse no plano da Educação Física ou no político-institucional.

Portanto, o caráter reformista da Educação Física estava imbricado com as mudanças no cenário cultural brasileiro nas décadas de 1960 e 1970 e da própria consolidação de práticas culturais, lentamente gestadas e desenvolvidas, levadas a efeito pela soma de fatores políticos, sociais e econômicos.

Para Renato Ortiz, (1988) a modernização desenvolvimentista, a urbanização e a consolidação dos setores médios favoreceram a criação de um espaço cultural no qual bens simbólicos, entre eles o comércio esportivo, passaram a ser consumidos por um

²⁴ Editorial da revista *Esporte e Educação*, ano II- Nº 14- fevereiro- março, 1971. Grifos meus.

público cada vez maior. Nesse sentido, são interessantes os dados publicados na revista *Veja* sobre a venda de produtos esportivos no período da década de 1970.

Segundo a revista *Veja*, desde 1974 haviam sido abertas, somente em São Paulo, mais de 300 quadras em quarenta escolas de tênis e acrescentava ainda:

“multiplicam-se as academias de ginástica, centros de dança, terrenos de esporte. Uma indústria de equipamentos como a Procópio, de três anos para cá pulou de 1200 para 5000 raquetes de tênis fabricadas por mês. A produção de meias Penalty cresceu em um ano 240.000 para 360.000 pares por mês... Em um ano a Adidas vendeu 700.000 agasalhos esportivos. A explosão do esporte e do exercício vai se tornando também um fenômeno de massa...”²⁵

Em outra reportagem, a Revista *Visão*, em 1973, publicava importantes dados sobre a indústria esportiva, como o aumento da produção de bicicletas:

“Segundo informações fornecidas durante uma reunião no sindicato da Indústria e Materiais e Equipamentos Ferroviários e Rodoviários do Estado de São Paulo, a produção paulista de bicicleta foi estimada em 800 mil unidades. A produção prevista para este ano é de 1,2 milhões de unidades”²⁶

E, segundo ainda a referida revista, com a poluição e o congestionamento, a bicicleta passava a ser uma alternativa mais econômica e saudável como meio de transporte:

“A bicicleta sofreu uma revolução no seu uso, afirma Sergio Ficarelli, da Caloi, ‘e as indústrias instituíram a linha jovem, para passeio e esporte’. Para Walter Dialectaquiz da Monark, o mercado atualmente é promissor, pois atente as pessoas de oito a oitenta anos. ‘a bicicleta’ diz ele ‘é recomendada pelos médicos como exercícios preventivo contra infartes.’[finaliza].”²⁷

Pelo visto, o movimento de massificação do esporte na década de 1970 ocorreu em meio a tensões estabelecidas com outras práticas culturais dos atores sociais. A busca incessante por produtos e mecanismos que retardassem o envelhecimento, prolongassem a vida, tornando o corpo cada vez mais asséptico, indicava a emergência de uma nova

²⁵ Idem.

²⁶ Revista *Visão*, nº 3, 31 de julho de 1973, p. 66.

²⁷ Revista *Visão*. Nº 3, 31 de julho de 1973, p. 66.

sensibilidade que despontava em direção à constituição do que deveria ser ainda o *homem moderno*. Na perspectiva da revista, este homem moderno estava,

“Cansado do tumulto dos extrovertidos anos 60, o homem deixou em grande parte de se preocupar com os outros, de tal maneira que essa década foi chamada, meio ironicamente de ‘a década do eu’. (...) Depois dos anos 60, quando perseguiram a sociedade utópica, os indivíduos procuraram investir em si- física, psíquica e emocionalmente.”²⁸

Ao que parece o "homem moderno" da revista *Veja* deveria ser, acima de tudo, um *corpo em movimento*, e o esporte tornava-se o responsável indireto por tantas mudanças na apresentação física das pessoas. É interessante perceber que o indivíduo é cada vez mais responsável por seu envelhecimento e que os critérios de saúde e beleza incluem ainda a obsessão pelo corpo magro e jovem: toda feiúra deve ser banida por meio de exercícios físicos para preservar não somente a saúde, como a frescura da tez, a carne firme e jovem²⁹. Dietas, cirurgias plásticas, cremes redutores de medidas, chás emagrecedores, tornavam-se coadjuvantes femininos, pois o importante para homens e mulheres era ter um corpo sem excesso refletindo autocontrole.

Segundo Sennett (2001), desde o século XVIII, quando as pessoas começaram a circular livremente pela cidade e intensifica-se a demanda pela liberdade individual, pelo direito de ir e vir, coloca-se o conflito com a necessidade de espaços comunitários. Para o autor, desde então, a movimentação dos corpos está sempre em conflito com a consciência física do outro, uma tensão evidente em grandes centros urbanos. Essa compreensão do corpo em constante movimento coincidiu com o advento do capitalismo moderno, emergindo daí uma grande transformação social: o individualismo. Essa mudança na

²⁸ Revista *Veja*. *A década de cada um*. Nº 590, 26 de dezembro de 1979. P, 56.

²⁹ Essa questão é largamente estudada por autoras como: San'Anna, Schpun, Del Priore, Silva, entre outras.

compreensão do corpo, de sua estrutura, de seu estado de saúde, deu origem a uma nova imagem modelo.

Ana Márcia Silva (2001) sublinha que atualmente as pesquisas produzidas pelas ciências bio médicas têm trabalhado no sentido de projetar o corpo perfeito para uma saúde perfeita, como parte de um novo arquétipo da felicidade humana. "O cuidado com o corpo transforma-se numa ditadura do corpo, um corpo que corresponde à expectativa desse tempo, um corpo que seja trabalhado arduamente e do qual os vestígio de naturalidade sejam eliminados".(SILVA, 2001, p. 86). Para Ana Márcia Silva, dessa forma o corpo adquire um novo valor e constitui, juntamente com a ciência e o mercado, um novo arquétipo da felicidade.

Para a autora supracitada a história tem mostrado que diferentes visões de mundo produzem diferentes formas de conceber o corpo, de interpretá-lo, de representá-lo, e diferentes formas de atuar com o corpo, o qual não é um fenômeno estático ou idêntico a si mesmo, mas um modo de intencionalidade, uma força direcional e modo de desejar. Como realidade referencial, o corpo é vivido e percebido como contexto e o meio para todos os esforços humanos, dado que todos se empenham por possibilidades ainda não realizadas.

O que percebemos na década de 1970 é a emergência do esporte como domínio privilegiado para a concretização desse ideal, principalmente através de políticas públicas de incentivo a práticas esportivas, como o *EPT*.

Observe-se o comentário da revista *Veja*, em 1979 sobre o culto ao corpo neste período:

“Por todo mundo explodiu o culto ao condicionamento físico, com a popularização de todas as formas de esporte e ginástica. Foi uma década, também, na qual houve um crescimento sem precedentes do uso de regimes de

emagrecimento, retirando da alimentação o açúcar, as frituras e as calorias em geral. A gordura que já era adversária da aparência passou a ser um inimigo do organismo.”³⁰

Portanto o projeto *EPT* estava inserido no contexto onde a saúde do corpo, como em outros períodos históricos, tornava-se preocupação do governo das cidades. A associação entre doenças e a falta de uma política que incentivasse a população a praticar esportes era cada vez mais constante. Ainda no tocante ao culto exagerado ao corpo a revista *Veja* insistia:

“*Há uma palavra – chave para se entender o comportamento dos anos 70: Saúde. Atrás dela correram jovens e velhos, principalmente depois que se descobriu que nos últimos anos, só nos Estados Unidos, surgia um canceroso a cada 5 minutos e 700.000 pessoas morriam anualmente de ataques cardíacos. (...) A consciência terapêutica da década foi tão profunda que chegou a criar para ela uma classificação de conotações religiosas: foi a década da ressurreição do corpo*”³¹

No entanto, segundo Lipovetsky (1994) essa liturgia dos deveres de cada um para consigo próprio apresentou-se, por toda parte, como uma máquina regeneradora disciplinar, um instrumento de educação salvador destinado a retomar a moralidade pública e individual. Quanto a isso, é interessante constatar que o discurso higienista estava sendo re-atualizado na década de 1970. A higiene do corpo, como os cuidados de si, deixavam de ser uma obrigação, como em épocas passadas, para se tornar um prazer. Esse “novo higienismo” estava presente no *EPT*. Não apenas como uma forma de regenerar o corpo individual e social, como também estabelecendo uma certa ordem moral, prometendo aos indivíduos o caminho seguro para a felicidade através do autocontrole. E este autocontrole era assim definido pelo manual técnico do *EPT*:

“Como aprender a conviver com a GENTE EPT que existe em você?
É na PRÁTICA QUE SE APRENDE A SER GENTE EPT.

³⁰ Revista *Veja*. *O Culto do Corpo*. Nº 590, 26 de dezembro de 1979. P. 58.

³¹ *Idem*, p. 58. Grifos meus.

É NA PRÁTICA que você relaxa sua mente.
É NA PRÁTICA que você, estando relaxado, percebe sensações que funcionam como indicadores internos de qualidade.
É NA PRÁTICA que você, com emoção, grava essas lembranças na mente e, principalmente, no coração.
É NA PRÁTICA que você aprende a usar novas formas de comunicação.”³²

O esporte era entendido como remédio e cura para todos os males. Portanto, incentivar a população a “movimentar-se” era interesse do Estado, revelando uma preocupação com os níveis de saúde do povo brasileiro. No entanto, essas discussões não giravam em torno das condições sociais e políticas vividas no país naquele período. As diferenças sociais observadas foram atribuídas à existência de indivíduos que não estavam "integrados" ao processo de desenvolvimento nacional. Qualidade de vida para o *EPT* era uma questão pessoal de saúde. Desta forma o *EPT* inventava uma nova subjetividade para a população, através de “sensações” desenvolvidas durante participação em eventos esportivos. Por isso as constantes analogias entre cidade e corpo, já que o bom funcionamento das “partes” era essencial para a harmonia do todo social. O esporte associado à saúde era um excelente meio para se alcançar a harmonia – “físico, mental e espiritual”, além de servir como poderoso instrumento de sociabilização. Essa associação da saúde como meio de se alcançar a harmonia social foi expressa de forma clara por um dos principais formuladores do *EPT*:

“O entendimento do esporte como fator de saúde tem acompanhado de perto a interpretação do esporte como meio educacional. O desdobramento do esporte na comunidade, na comunicação, no lazer, na política, etc., conduziu as atenções para o campo social, reduzindo então a percepção de saúde por parte da opinião pública. Entretanto, com o *EPT* as pessoas são atraídas para o esporte por seu valor social, *descobrimo um caminho pessoal de saúde.*”³³

³² Manual Técnico. Rede Nacional Esporte Para Todos. Princípios Básicos. P, 9.

³³ Costa, Lamartine Pereira. *Princípios do Esporte para Todos. Dimensão de Saúde*. In: Teoria e Prática do Esporte Comunitário e de Massa. P, 12.

É importante sublinhar que a prática esportiva figurava ainda em meio às discussões em torno da ocupação e da “boa” utilização do tempo livre. Era a emergência do esporte de lazer. Como disciplina que constitui o exercício do corpo, praticado agora de forma “espontânea”, ou como “um caminho pessoal de saúde”, funcionava como profilaxia, uma pedagogia ligada ao controle corporal. É interessante constatar que o lazer proposto pelo *EPT* preparava adultos disciplinados, regulando os contatos físicos. Desde o início, a atenção dada aos grupos tinha, na verdade, uma ação individual.

O controle dos indivíduos se dava principalmente pela organização do espaço como forma de evitar as aglomerações e anular a circulação difusa. Tanto é que os pressupostos básicos para atividades de *EPT* recomendavam que as áreas livres destinadas as promoções esportivas não deveriam concentrar as pessoas, mas sim distribuí-las.

E não se trata aqui de vozes isoladas. Desde o começo, a campanha de massificação esportiva proposta pelo *EPT* que defendia em seu discurso maior atenção à forma física dos jovens, velhos, crianças e mulheres, com preocupações higiênicas, médicas, morais ou disciplinares, estabelecia nítida distinção social, observadas, as classes sociais em suas diferentes “naturezas”. Os principais norteadores do *EPT*, não deixavam dúvida disso:

“Em princípio é necessário delinear o pequeno grupamento institucional, mais familiar a qualquer professor, em seus *aspectos chaves*:

- as relações são funcionais, eventualmente incidindo simpatias mútuas ou liderança natural;
- a orientação é incorporada através de disciplina, ordem, planificações ou eventualmente mística;
- a condução ocorre através da liderança funcional e meios de comunicação formais e informais;
- a referência para a condução é o propósito ou objetivo de atividade e os objetivos pessoais dos participantes do grupo.”³⁴

³⁴ Idem, p. 34.

Nesse sentido, representar a população carente como desprovida de “bons hábitos”, enfraquecida, precisando melhorar sua aptidão física e integração social, era mais um dispositivo para criar a necessidade de uma política pública para a *melhoria da aptidão física do homem brasileiro*.

No entanto, apesar de se tentar desenhar uma realidade homogênea sobre a juventude brasileira da década de 1970, o que percebemos é algo muito diferente de todo esse otimismo chauvinista: Brasil país dos jovens, dos fortes, dos saudáveis. É sempre bom lembrar que a década de setenta assinalou dois fenômenos extremamente graves e perigosos: nesses dez anos registrou-se no Brasil, ao mesmo tempo, o mais violento processo de expulsão do campo e o mais rápido processo de concentração de renda jamais ocorrido em toda a história. Eric Hobsbawm (1995) sublinha que se as décadas de 1970 e 1980 provaram alguma coisa, foi que o problema político do mundo, e certamente do mundo desenvolvido, não era como multiplicar a riqueza das nações, mas como distribuí-las em benefício de seus habitantes. Para o autor, o Brasil desse período foi, um monumento à negligência social.

Nesse sentido, o que fazer com a outra parcela da população que se via inserida numa marginalidade determinada agora também pelos seus corpos? O movimento *EPT* soube trabalhar muito bem com essas realidades. Note-se que a principal característica da *Gente EPT*, repetida exaustivamente nos manuais técnicos, era seu espírito de *improvisação* e sua *vontade* de participar:

“Dentro do 'Programa Lazer', cujo principal objetivo é educar a população para utilização de seu tempo livre, vem sendo realizado o 'Momento Bricolage: Lazer Utilitário', uma promoção inédita no Brasil em termos de lazer, uma vez que a primeira experiência, realizada em 1978 precedeu, inclusive, a publicação dos fascículos BRICOLAGE, editado pela Editora Savat/RJ.

BRICOLAGE é uma palavra francesa que significa a prática de pequenos concertos e recuperação de objetos do lar, que se fazem nas horas livres e que constituem um lazer³⁵

Para a população mais pobre, para a qual era voltado o *EPT*, o discurso sobre a prática esportiva era mais moralizador, *os embalos* aqui são substituídos pelo *lazer utilitário* e não pelo puro prazer de praticá-lo, afinal estava-se falando para uma população que não usava como forma de lazer *a asa delta, o deslizar sobre ondas, patins ou skates*. Falava-se para indivíduos que utilizavam os espaços de lazer, fossem praias ou clubes cada vez mais socialmente demarcados.

O esporte era interpretado como entretenimento útil e sadio para a população carente, em contraposição à “*curtição*” das classes média e alta, reforçando ainda o sentimento de amor à pátria, à disciplina, e a participação. Esta última sempre sob estreita orientação de *como, quando e por que* participar. Estes elementos estavam contidos nos manuais técnicos do *EPT*, que elegeu como uma de suas funções primordiais incentivar o lazer comunitário ou em pequenos grupos, uma forma clara de impedir e/ou controlar o fluxo de pessoas. Um procedimento nos marcos Foucaultianos (1987), de localização imediata ou do quadriculamento. Cada indivíduo no seu lugar e em cada lugar um indivíduo, uma tática de antivadiagem e antiaglomeração para conhecer, dominar e utilizar. Os manuais técnicos do *EPT* não deixavam dúvida quanto a esta intenção:

“Perceba nossas sugestões como uma declaração de experiência entre outras experiências. O importante é você, *na sua comunidade, com os outros ter a sua própria experiência.*”³⁶

Sendo assim, o esporte vai se constituindo como campo educacional, ou como o movimento *EPT* insistia em caracterizar neste período, “*educação não formal*”. No entanto,

³⁵ Comunidade Esportiva. Noticiário e informações Técnicas. Nº 11, janeiro, 1981.

³⁶ Manual Técnico. Rede Nacional Esporte para Todos. Princípios Básicos. P, 14. Grifos meus.

apesar de ser um projeto educacional fora dos muros da escola, não deixou de utilizar muitos dos dispositivos escolares ao criar programas de atividade física sob orientação do professor de Educação Física, treinamento de líderes comunitários, atividades orientadas em espaços e tempos determinados, orientação sobre hábitos de higiene e saúde, entre outros. O *EPT* vai incorporando o papel utilitário pela qual foi convocada historicamente a Educação Física na consolidação de um determinado modelo de comportamento social. Por isso era de suma importância o *treinamento em EPT*:

“É através da prática que buscamos a orientação para organizarmos as bases ou fundamentos do EPT e a melhoria de algumas qualidades próprias da GENTE EPT.

A união da prática, dos fundamentos e destas qualidades permite CONHECER E JULGAR, cada vez melhor a própria realidade, fazendo as pessoas participarem mais ativamente e se tornarem mais SOCIÁVEIS.”³⁷

Talvez a tentativa aqui seja de tornar as pessoas mais “civilizáveis”. Isto nos faz lembrar Norbert Elias e a sua análise dos grupos humanos, ou civilizações, que, por julgarem ter completado em sua sociedade o processo civilizador, outorgam-se potenciais transmissores da civilidade necessária aos demais povos. Não era à toa que os idealizadores do *EPT*, outorgavam-se transmissores de sentimentos morais e sociais:

“Participando você usa o que aprende para reforçar:

- O DESEJO de participação;
- A FÉ no EPT;
- A ESPERANÇA de que a próxima atividade será a melhor.”³⁸

Ou ainda,

“Sim, a próxima atividade será a melhor! Isto certamente acontecerá, porque a cada atividade que você participa, ocorre um enriquecimento seu e dos outros, você ganha mais experiência, desenvolve a sua sensibilidade, cada vez fica mais gente EPT”³⁹

³⁷ Manual Técnico. Rede Nacional. Esporte Para Todos. Princípios Básicos. P, 8.

³⁸ Manual Técnico. Rede Nacional. Esporte Para Todos. Princípios Básicos. P, 8.

³⁹ Idem. P, 8.

Mas, para se atingir essa meta, era necessário uma maior ampliação e controle sobre os cursos de formação de docentes, não só para o ensino superior, mas também para o ensino médio.

Para Sousa (1994) em sua tese intitulada "*Meninos, À Marcha! Meninas, À Sombra! A História do ensino da Educação Física em Belo Horizonte (1897-1994)*" as escolas de Educação Física, com grande número de docentes militares, defendiam a formação intensiva de profissionais da área. Mas defendiam, sobretudo naquele momento, juntamente com o governo, o estabelecimento de uma política nacional de Educação Física de massa, com finalidade de “favorecer a melhoria do homem e os meios de colaborar no plano de segurança nacional.”⁴⁰

Por isso, era importante uma ampliação do número de docentes com formação superior. A implementação de uma política de incentivo à prática de atividade física, segundo Sousa (1994), demandava um maior número de profissionais da área para todo país. Sobre as diferenças regionais de formação de professores de Educação Física a *Revista Esporte e Educação* dizia:

“Em São Paulo, neste começo de ano, havia nas Delegacias da Secretária da Educação uma média de dez professores para três aulas disponíveis; nos outros estados temos, ainda, 80 por cento de leigos lecionando (...). Pergunta-se em outros estados: por que os governos não criam mais faculdades para formar professores para atenderem da 5º série em diante, se há falta?”⁴¹

O texto acima evidencia que apesar do discurso do governo, de implantação e implementação de uma política de incentivo à prática da atividade física, existia na verdade uma grande carência de docentes, sendo contratados professores leigos para suprir a falta desses profissionais com formação superior nas escolas.

⁴⁰ Op. Cit. Sousa, Eustáquia Salvador, p132. *Reunião de Diretores de Escolas de Educação Física*, 6, 1967, Vitória. *Boletim Técnico Informativo (MEC)*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 50-55, jan.1968.

⁴¹ Revista Esporte e Educação. Ano V- Nº 31, Janeiro- fevereiro, 1974.

No entanto, era importante também não só a formação superior, mas uma maior distribuição dos docentes através da criação de faculdades de Educação Física em outras regiões do país.

O próprio Presidente Médici não deixava dúvidas sobre o interesse do seu governo no desenvolvimento do esporte no país e, principalmente, da prática do Atletismo.

O então general afirmava:

“Sou apaixonado pelo esporte. (...) Para haver atletismo é preciso haver prática sistemática de Educação Física. No momento, os nossos estabelecimentos de ensino não dispõem, em geral, de organização adequada para tanto. A prova maior disso está em que nossos atletas, são formados quase que exclusivamente em clubes atléticos e desportivos, em contraste com outros países, onde os campeões saem, em grande parte, principalmente dos colégios e universidades. (...)”⁴²

O presidente colocava ainda como objetivo de seu governo a criação do Departamento de Desporto e Educação Física:

“Impõe-se, diante disso, estimular, especialmente na área colegial e universitária, as competições esportivas para selecionar e amparar todas as revelações que surgirem no atletismo. Essa tarefa, já equacionada, deverá ser confiada ao Departamento de Desporto e Educação Física, cuja criação espero se dará em breve.”⁴³

Desta forma, o governo pretendia produzir também nas Universidades um discurso de valorização do esporte como meio de educação do estudante em particular, e do povo, em geral. Prova disso foi que logo após sua instalação, o governo militar, transformou os Jogos Universitários Brasileiros em atividade acadêmica regular.⁴⁴

É importante lembrar que a década de 1960 é um marco na história, devido às contestações sociais, políticas e culturais ocorridas em várias partes do mundo. E no Brasil, principalmente o 1968, assinala a eclosão de uma ampla ebulição social de

⁴² Revista *Esporte e Educação*. Março- 1970- nº6- Ano I, São Paulo, p. 9.

⁴³ *Idem*.

⁴⁴ Brasil. Decreto n. 54.215- 24 ago. 1964.

protesto e de oposição à Ditadura Militar, instaurada desde 1964, com destaque para o movimento estudantil e operário.

Por isso é de suma importância entendermos como se produziu um projeto educativo de massificação esportiva, como o *Esporte para Todos (EPT)*, numa sociedade onde a grande maioria era, e ainda é, constituída de pobres, com um índice de analfabetismo em torno de 32,05% em 1970.

Nesse sentido, é importante uma análise cuidadosa para que torne possível a compreensão dos conflitos oriundos dessas novas práticas esportivas no momento de sua instalação, pois esses investimentos não se darão de forma homogênea, “para todos”.

Capítulo II

Esporte para Todos no Brasil e sua organização

2 - EPT: O esporte como uma “Cruzada”

“Como o Esporte para Todos é sobretudo uma cruzada, uma missão para mudança de hábitos da população, há a necessidade de aparecimento de líderes, de indivíduos de energia, capacidade de improvisação, de paixão que representem e materializem o movimento, em seus termos ideais.”⁴⁵

O conceito *Esporte para Todos* foi idealizado pela primeira vez pelo Conselho da Europa em 1966, com a intenção de massificar o esporte, promovendo-o ainda numa perspectiva de educação permanente e de desenvolvimento cultural. Vale lembrar nesse momento, sobretudo, que o esporte constituía-se como um relevante fenômeno cultural de tendência internacional, no que se refere ao campo de conhecimento, emergindo daí a *Ciência do Esporte*.

Como “movimento”, o *Esporte para Todos* surgiu na Noruega no ano de 1967. O idealizador do programa, Per Hauge-Moe lançou uma campanha denominada TRIMM que, utilizando material de marketing, procurava instigar os sedentários à prática da atividade física. Essa mesma campanha procurava unir esporte, publicidade e a participação em massa de atividades esportivas. (CAVALCANTE, 1984).

Em 1967 em Ruit, na então Alemanha Ocidental, representantes da Noruega, Suécia, Bélgica e do próprio país sede, motivados pela experiência norueguesa, discutiram pela primeira vez as possibilidades de implantação de programas para a população, dentro

⁴⁵ TAKAHASHI, George. Fundamentos da Mobilização no EPT. In: Teoria e Prática do Esporte Comunitário e de Massa, p. 173. Grifos meus.

dessa nova filosofia de prática esportiva que se desenvolveria naquele período. A partir daquele encontro, o movimento *EPT* se expandiu pela Europa, atingindo também os Estados Unidos e o Canadá.

No Brasil, a preocupação com a massificação do esporte neste período, surgiu com a participação dos professores Lamartine Pereira da Costa e Otávio Teixeira nas *Jornadas Internacionais de Estudo sobre o Desporto* em Buenos Aires, em 1977.

Marcou presença neste encontro em Buenos Aires o professor Jürgen Palm, dirigente da campanha TRIMM na Alemanha que participava da seção denominada *Esporte para Todos*. Os representantes brasileiros, influenciados pelas idéias de Palm, resolveram desenvolver um novo projeto para a Educação Física no Brasil.

Lamartine Pereira da Costa, formado em Educação Física pela Escola de Educação Física do Exército em 1959, foi um dos principais articuladores da versão brasileira do *Esporte para Todos*. Trabalhou ainda como assessor técnico de uma campanha anterior ao *EPT*, em 1975, o já citado “*MEXA-SE*”, cujo objetivo era mobilizar a sociedade brasileira para a prática de esportes.

É importante sublinhar que Lamartine, foi organizador e autor de vários trabalhos do livro intitulado, “*Teoria e Prática do Esporte Comunitário e de Massa*”, uma das principais fontes documentais de nossa pesquisa. O professor Lamartine fazia e ainda faz parte também do corpo docente do curso de graduação em Educação Física da Universidade Gama Filho. O mais interessante era que o curso de Educação Física da referida universidade reclamava para si, a criação da disciplina Educação Física Permanente, que utilizava o *EPT* como um desdobramento desse “novo modelo de desenvolvimento da Educação Física e dos Desportos no Brasil.” Segundo esta perspectiva, a Educação Física Permanente seria:

“o processo educativo que relaciona as atividades esportivas e de Educação Física aos hábitos cotidianos da vida, abrangendo qualquer pessoa, e em qualquer oportunidade. *O movimento EPT é um meio para se chegar aos fins da educação física permanente e esta para se tornar realidade visa: igualdade de oportunidade, permanência da atividade física, orientação individual e coletiva, autoformação, sugestão, improvisação de atividades e locais, caráter comunitário e mobilidade dos participantes.*”⁴⁶

Desta forma, torna-se importante a fala do professor Cláudio Reis, responsável por ministrar a disciplina *Educação Física permanente* do Curso de Graduação em Educação Física da Universidade Gama Filho neste período. De acordo com ele,

“A disciplina Educação Física Permanente do Curso de Graduação em Educação Física da Universidade Gama Filho já na sua 5ª turma, tem demonstrado que os ‘inputs’ recebidos pelos aproximadamente 200 alunos que por ela já passaram estão produzindo o efeito desejado, *pois, esses mesmos alunos estão se tornando agentes multiplicadores do novo modelo ideal.*”⁴⁷

Ainda de acordo com o professor, esta nova disciplina deveria,

“proporcionar situações (teóricas e práticas) que reforcem a atuação do professor de Educação Física, como educador, junto à comunidade, visto ser a Educação a base essencial para a sobrevivência e o desenvolvimento do ser humano.”⁴⁸

É interessante notar que as práticas discursivas desses autores demonstravam uma nítida preocupação em definir bases científicas para o desenvolvimento do esporte de massa no país. Segundo os formuladores do *EPT*, a “nova” Educação Física brasileira se desenvolveria através de três forças principais: a *científica*, com a criação do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte que deveria dar ênfase no treinamento esportivo com a ampliação de pesquisas, a *pedagógica* criando novas técnicas de ensino aprendizagem, e o *movimento EPT* com a criação de técnicas alternativas para popularização do esporte.

⁴⁶ COSTA, Lamartine Pereira. *Princípios do Esporte para Todos*. In: Teoria e Prática do Esporte Comunitário e de Massa, p. 13. Grifos meus.

⁴⁷ Reis, Cláudio. Educação Física Permanente. In: Teoria e Prática do Esporte Comunitário e de Massa. P, 130. Grifos meus.

⁴⁸ Idem. P, 130.

É importante lembrar que o Brasil experimentava mudanças radicais na década de 1970. Aceleração da repressão por parte do Estado, modernização econômica autoritária e excludente, e massificação são algumas das características que vão marcar aquela década.

No entanto, segundo Ortiz (1988), é importante perceber que por trás dessas contradições existia um terreno comum, quando se afirmava que só seríamos modernos se fôssemos nacionais.

Assim, interessa compreender também como o *argumento* para a necessidade de uma campanha nacional de massificação do esporte foi política e historicamente construído. Afinal, a campanha *EPT* mobilizou diversas instituições públicas e privadas.

No Brasil o movimento ganhava contornos diferentes, como atesta um de seus principais idealizadores:

“Com tais posicionamentos em mente e quando do aparecimento da oportunidade de lançar uma *campanha nacional com recursos do então Departamento de Educação Física e Desporto (DED) do Ministério da Educação e Cultura*, resolvemos, no final de 1976, *orientar a iniciativa num sentido diverso dos europeus.*”⁴⁹

Além do mais, diversos autores e defensores do movimento *EPT* estavam envolvidos com cargos públicos nas décadas de 1970 e 1980, como Cláudio Moreira, que foi presidente do MOBREAL, Rubem Ludwig, Ministro da Educação no governo de João Figueiredo, Sérgio Pasquali, Secretário Geral do MEC, Péricles de Souza Cavalcanti, Secretário de Educação Física e Desporto do MEC, Newton Ribeiro, Subsecretário de *Esporte Para Todos/SEED*, George Takahashi, representante da SUEPT na rede EPT, entre outros.

Desta forma, podemos perceber que o movimento *EPT* estava em sintonia com as políticas públicas governamentais naquele momento histórico. Além disso, os

⁴⁹ Idem, p.2

profissionais envolvidos com o movimento *epetista* se outorgavam o direito de ser uma espécie de “consciência de todos”, divulgando, através da produção discursiva *epetista*, todo um interesse pela defesa de causas consideradas justas, como por exemplo a defesa da natureza, o civismo, a humanização das cidades, ou seja, sujeitavam os indivíduos à hierarquização dos conhecimentos científicos por eles produzidos, prescrevendo exercícios físicos para a melhoria da qualidade de vida.

E, ao que parece “qualidade de vida” aqui era entendida apenas em uma dimensão biológica vinculada ao aumento da expectativa de vida dos indivíduos. Afinal, a preocupação maior não era com a transformação social, e sim, com a *adaptação* do modelo de Educação Física *não formal* à realidade de cada *comunidade* para a melhoria da saúde dos indivíduos.

Nesse sentido, torna-se ilustrativo o comentário do Presidente do MOBREAL, Cláudio Moreira, na revista *Comunidade Esportiva*, de distribuição gratuita, sobre a intenção de criar um corpo teórico- metodológico para evolução do *EPT* no Brasil. Esta intenção foi expressa por Moreira no número 17 da revista *Comunidade Esportiva*, onde no editorial ressaltava:

“(…) a SEED/MEC já está atuando na área de consultoria, cursos, seminários, livros, publicações, etc, procurando *realimentar a prática* recolhida pela revista de modo a criar um corpo teórico que, em última análise, permitirá *a evolução do EPT* no sentido de atividade esportivas efetivamente nacionais, culturalmente assumidos e recriados de modo permanente.”⁵⁰

Assim, o que se pode perceber é que da *prática* *epetista* foi possível constituir um *saber* sobre o corpo social/individual. Era dele que o movimento se *realimentava*. E isto ocorria ativando saberes locais, desqualificados, através do que Foucault (1987) chamou de instância *teórica unitária* ou seja, em nome de um conhecimento considerado

⁵⁰ Moreira, Cláudio. *Editorial Comunidade Esportiva*, nº 17- nov / dez-1981.

verdadeiro e universal: o movimento *epetista* pretendia *organizar* os saberes locais, *depurá-los*, *hierarquizá-los* utilizando técnicas militares de observação, diagnóstico, e estratégias.

Esse tipo de saber *produz* indivíduos que trabalham, se relacionam e interagem através de estruturas *hierarquizadas*, sistemas de valores e submissão, mantendo entre si *relações de saber- poder*. Desta forma, poderíamos então questionar a idéia de Educação Física Permanente do movimento *EPT*:

“O movimento EPT é um meio para se chegar aos fins da Educação Física Permanente e esta para se tornar realidade visa: igualdade de oportunidade, permanência da atividade física, orientação individual e coletiva, autoformação, sugestão, improvisação de atividades e locais, caráter comunitário e mobilidade dos participantes.”⁵¹

Guattari e Rolnik (1986), em *Micropolítica: Cartografias do Desejo*, sublinham que a sociedade territorializa os indivíduos. O *EPT* territorializava o lazer dos indivíduos, distribuindo-lhes papéis como o *voluntário EPT*, *gente EPT*, *educador físico*, *líder EPT* entre outros. E, principalmente, produzindo a subjetividade, prescrevendo-lhes um local dentro do qual eles deveriam viver, construir relações, produzir, tanto no plano material, quanto no desejante. Os slogans do movimento, não deixavam dúvida de tal intenção:

“Gente EPT participa.
Gente EPT participa desta maneira, melhorando a sua vida e a dos outros, sendo mais feliz e trazendo a felicidade aos outros.
Gente EPT é feliz e faz outras pessoas felizes.”⁵²

Mas para que o EPT, pudesse realizar seus plenos objetivos, necessitava de uma poderosa infra- estrutura, pois como havia pensado seu principal formulador, era preciso orientar a iniciativa num sentido diverso dos europeus.

⁵¹ Costa, Lamartine Pereira da. *Princípios do Esporte para Todos*. In: Teoria e Prática do Esporte Comunitário e de Massa. P, 13.

⁵² Esporte Para Todos. *Princípios Básicos*. Rede Nacional.

A Campanha *Esporte para Todos* contou com a adesão de mais de 2.700 municípios, e utilizou a infra-estrutura do *Movimento Brasileiro de Alfabetização* (MOBRAL) como órgão executor e divulgador da prática das atividades físicas e esportivas no país naquele momento.

O MOBRAL contava com a parceria do então Departamento de Educação Física e Desporto (DED) para organizar e dirigir a campanha para implantação do desporto de massa no Brasil.

A campanha *EPT* conseguiu mobilizar recursos financeiros públicos e privados. Isto acontecia porque muitos dos dirigentes que estavam envolvidos com ele coordenavam também campanhas de empresas privadas. Tanto que o Seminário Internacional “Marketing aplicado ao Esporte e Vice Versa,” em 1977, foi organizado por instituições do governo. A importância deste seminário pode ser avaliada pela presença das instituições que o organizaram. Dentre elas se destacam o “DED, Revista Propaganda e Rede Globo de Televisão (Assistência técnica da empresa de Publicidade PUBLICIAN de São Paulo); a presença de Keith Mckerracher da campanha ‘Participaction’ do Canadá e Jurgen Palm.”⁵³

E em 1979 estreitavam-se as relações entre governo e empresas privadas, que já contavam naquele momento com 17 organizações atuando “juntamente com iniciativas esparsas em cerca de 300 municípios de todo o País.”⁵⁴

A euforia com a *Campanha EPT* exigiu e provocou a produção e circulação de informações, e em janeiro de 1977, com o objetivo de discutir alternativas para o lançamento da campanha, o MOBRAL organizou o *Seminário Esporte Para Todos*.

⁵³ Costa, Lamartine Pereira da. *Cronologia do Esporte para Todos*. In: Teoria e Prática do Esporte Comunitário e de Massa. P, 325. Grifos meus.

⁵⁴ Idem. P, 325.

Marcou presença neste encontro, Jurgen Palm⁵⁵ que apresentou, no referido seminário, a concepção do *EPT* e as características da evolução da campanha em seu país, destacando a experiência dos meios de comunicação de massa e a metodologia das atividades, e outras informações no que se referia a instalações e equipamentos.⁵⁶

Mas é interessante perceber que a participação de Jurgen Palm dizia respeito não somente à divulgação das conquistas e dos méritos esportivos. A sua presença dava suporte, base e fundamentos intelectuais do *EPT*, como também ao aprofundamento dos conhecimentos técnicos, científicos e pedagógicos sobre as diferentes possibilidades de movimentação do corpo, fosse ele individual ou social.

Essas discussões engendraram uma série de práticas empreendidas por políticas culturais, especialmente durante a atuação de Esther Figueiredo Ferraz como ministra da Educação e Cultura, apoiando iniciativas que visassem a educação do corpo e a ocupação das horas de lazer. Isto é constatável pelos discursos epetistas que justificavam:

"Orientar o tempo livre para a prática esportiva com prazer e alegria de modo voluntário e sem prejudicar as demais possibilidades educacionais e culturais."⁵⁷

Sendo assim, uma vez criada a representação da necessidade de uma política de esportivização em massa no Brasil, fazia-se necessárias atitudes e situações voltadas para a consolidação dessa afirmação.

Após o Seminário, ficou estabelecido que a campanha brasileira receberia o nome, agora oficial, de "*Esporte para Todos*". O primeiro material didático para treinamento de recursos humanos foi intitulado "*Documento Básico da Campanha Esporte*

⁵⁵ Coordenador da campanha TRIMM na Alemanha, considerado um dos principais idealizadores do movimento EPT internacional, foi professor da Universidade Federal de Santa Maria no RS.

⁵⁶ *Teoria e Prática do Esporte Para Todos*. MEC, Secretaria de Educação Física e Desporto, 1983.

⁵⁷ *Fundamentos do Esporte Para Todos*, 1983. P, 4.

Para Todos” editado pelo MEC em 1977 e distribuído gratuitamente nas escolas. Através desse documento ficava estabelecido que o objetivo geral da campanha era “o despertar da consciência do povo brasileiro quanto ao lazer esportivo”.

Logo, a questão do fenômeno esportivo e sua absorção pela Educação Física na década de 1970 parecia algo natural; pelo menos no imaginário da população brasileira estavam fundidos num só conceito.⁵⁸ O próprio *Documento Básico da Campanha Esporte Para Todos*, recomendava ao “educador físico” que desse prioridade aos jogos recreativos e às modalidades esportivas “simplificadas” em suas regras, engendrando uma série de intervenções de indivíduos e categorias profissionais em torno da estruturação da campanha.

Reeditava-se, como em outros momentos históricos, a Educação Física e o esporte como espaços de intervenção na educação dos cidadãos, do aperfeiçoamento físico de corpos belos e saudáveis e, somando-se a isso, o “*aperfeiçoamento da capacidade de organização e mobilização das comunidades para o trabalho em conjunto,*”⁵⁹ capaz de enfrentar os desafios de um país que estava em “*vias de desenvolvimento,*” reforçando ainda “*o sentimento de povo, de nacionalidade e de integração nacional*”⁶⁰

A campanha contava com o apoio das secretarias de educação dos Estados e de alguns municípios importantes; cerca de 9,7 milhões de pessoas participaram nos eventos de massa; 10.458 voluntários esportivos foram mobilizados pela rede MOBREAL para a organização de promoções e competições, como as ruas de lazer e as colônias de férias.⁶¹

Desta forma, os indivíduos eram constantemente chamados à ação, pois através do *Esporte*

⁵⁸ Sobre esta questão, ler: Oliveira, Marcus A. Taborda. *Educação Física e Ditadura Militar no Brasil (1968-1984): entre a adesão e a resistência*. P. 347-390.

⁵⁹ Fundamentos do Esporte para Todos 1983. P. 4-5.

⁶⁰ Idem.

⁶¹ Biblioteca Educação é Cultura. Rio de Janeiro: Bloch; Brasília: Ministério da Educação e Cultura: Ministério das Minas e Energia, 1980.v.2, Esportes, p. 58.

Organizado poderia-se “congregar o apoio popular às entidades públicas e privadas que participam dos mutirões esportivos”.⁶²

Segundo Lamartine Pereira da Costa,

“O mérito dos pioneiros do EPT foi o da coragem de simplificar as técnicas que seus próprios compatriotas complicaram ao longo da evolução da Educação Física e dos Esportes”⁶³

Talvez o mérito dos pioneiros do EPT esteja no “refinamento” destes saberes, pois em diferentes momentos históricos a Educação Física apresentou-se como modelo de educação do corpo, um “saber” a ser assimilado ou uma “técnica” capaz de nos ensinar a adquirir forças, a armazená-las, e usá-las adequadamente. Afinal como registra Foucault (1998), não há como educar o corpo de forma disciplinada sem que se utilize o controle.

Em seu discurso, o movimento produziu um saber sobre o corpo individual/social que legitimava sua intervenção na sociedade. Mas para que isso fosse possível, o movimento construía seu discurso utilizando questões da vida moderna que fornecessem valores e habilidades para reafirmar o modelo proposto de projeto esportivo.

No seu manual de Princípios Básicos, o *EPT* ressaltava que:

"(...) *A sociedade atual está buscando seus próprios caminhos no campo esportivo. Parece que é consciência geral que todos tem direito ao movimento, ao lazer, à melhoria das suas condições físicas.* Isto ocorre em um momento em que as cidades tem uma série de problemas, isto ocorre no momento em que o homem trava uma luta titânica pela sua sobrevivência quer no campo cultural ou econômico ou político..."⁶⁴

Ou seja, esta atitude intervencionista não se restringia apenas à prática esportiva, mas antes a uma filosofia de vida. O texto deixa evidente que em um mundo com tantos problemas sociais, o *esporte* aparece como parte da visão otimista do mundo. O

⁶² Fundamentos do Esporte para Todos 1983. P, 05. Grifos meus.

⁶³ Idem. P, 02.

⁶⁴ *Os Rumos do EPT*. Rede Nacional. Esporte Para Todos. Princípios Básicos.

esporte aparece no texto deslocado dos problemas sociais, ou mesmo como solução para eles. A propaganda *epetista*, através de suas cartilhas, boletins, revistas, material didático, entre outros, encarregava-se de produzir desejos e reforçar imagens como: "gente EPT é mais feliz"; "gente EPT participa"; "gente EPT faz sua comunidade feliz". Desta forma para atingir o público, simplificava os temas, esvaziando-os de crítica, tornando-se também um eficiente instrumento a serviço do poder, tanto é que segundo seus idealizadores do movimento centenas de entidades privadas e governamentais, nos estados e municípios realizavam promoções *EPT*.

As estratégias utilizadas pelo *EPT* para mobilizar a comunidade eram muito bem planejadas. Antes de se implantar o programa esportivo era preciso estudar de forma minuciosa a comunidade. Assim, era feito primeiramente o "*levantamento*" para se obter "*informações detalhadas e possibilidades da comunidade.*" Feito isto, tinha-se o que se denominava *diagnóstico*.

Este diagnóstico era feito sobretudo com base participativa da comunidade, com ela e para ela.

"Torna-se fundamental que esse processo de análise esteja totalmente relacionado a uma pesquisa de base participativa na comunidade, com a comunidade e para a comunidade"⁶⁵

A individualidade da comunidade entra num *campo documentário* e seu resultado era um registro com detalhes e minúcias dos hábitos de vida das pessoas. Essas informações constituiriam as prescrições de exercícios físicos aconselhados à melhoria da qualidade de vida. Por isso, Person Cândido Matias, um dos organizadores do *EPT* no

⁶⁵ Matias, Person Cândido. *Como acontece o EPT na comunidade*. In: Teoria e Prática do Esporte Comunitário e de Massa. P, 138.

Brasil, recomendava que um bom *planejamento* deveria acima de tudo estar orientado no sentido de provocar ação da comunidade, ou seja, a participação efetiva dos indivíduos.

A partir da leitura de Foucault (1998) as técnicas disciplinares não aparecem apenas na produção de corpos dóceis e úteis. Ela abrange também o campo das anotações escritas, que coloca os indivíduos num espaço de vigilância. Esse exame detalhado da comunidade no *EPT* constitui um *sistema de registro intenso e acumulação documentária*, peça essencial nas engrenagens da disciplina, não era à toa que o *planejamento epetista* recomendava uma *avaliação mais funcional* que era feita por observação *assistemática, cíclica e contínua*.⁶⁶

Mas ela não se restringia apenas ao planejamento, pois para os *organizadores* do *EPT*, um bom *planejamento* dependia de uma boa *estratégia*.

Essa estratégia seria sobretudo a:

"forma pela qual vai se processar todo o funcionamento do trabalho comunitário. Em termos de Educação Física pode apresentar-se por condução direta, por orientação e ação totalmente indireta."⁶⁷

Para os organizadores do *EPT*, era preciso fazer ainda antes da implantação do projeto a "*previsão e seleção de recursos*", que seria uma "etapa de caráter operacional, de metodologia, que visa basicamente maximizar sua utilidade"⁶⁸, pois esta "maximização somente será alcançada na medida em que o recurso for cuidadosamente analisado e interpretado nos seus diferentes graus de possibilidades."⁶⁹

Nos marcos Foucaultianos, esses métodos que suscitam o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a submissão constante de suas forças e lhes impõem

⁶⁶ Matias. Person Cândia. Como acontece o EPT na comunidade. In: Teoria e Prática do Esporte Comunitário e de Massa. p, 135-149.

⁶⁷ Idem. P, 142.

⁶⁸ Idem. P, 142.

⁶⁹ Idem. P, 143.

uma relação de docilidade-utilidade, são o que ele chamou as "*disciplinas*". Essa análise de *recurso* que impõe e esquadrinha ao máximo o tempo, o espaço, os movimentos da comunidade não deixa de ser uma *técnica disciplinar*.

A partir desse esquadrinhamento da comunidade, era preciso fornecer conhecimentos *úteis* que dessem conta de desenvolver a objetividade de um saber com aplicação direta aos problemas da vida social. O discurso é extremamente revelador. Nele se explicitam uma certa pretensão de desvendar as leis que regem a própria realidade, "*analisado e interpretado nos seus diferentes graus de possibilidade*". Assim os idealizadores do *EPT*, assumiam os ideais de uma ciência pragmaticamente comprometida com o progresso material e moral do país, e para isso era preciso integrar a população pobre através do esporte à *humanidade desenvolvida*.

Por isso, era muito importante a fase de *preparação* das atividades *EPT* para uma boa implementação do projeto na comunidade. Esta preparação consistia em:

"tornar possível a consecução dos objetivos pelo *aprimoramento e adaptação das estratégias e dos recursos a serem utilizados*.

A forma de conseguir melhor preparação deve seguir a orientação no sentido de sempre *amoldar as estratégias e os recursos aos tipos específicos de atuação e de suas variáveis*."⁷⁰

Por sua vez, esta moldagem seria melhor conseguida "quanto maior for a carga de treinamento implementada na capacidade de utilização das estratégias e dos recursos."⁷¹ Nessa perspectiva, o *EPT* defendia um projeto repartido, que deveria estar sempre *moldando os recursos* às camadas populares. Nesse sentido, os *equipamentos esportivos para todos* (ver anexos) sempre sugeriam "adaptações", principalmente com pneus e cordas velhas, em um de seus manuais ensinava-se a improvisar uma raquete de tênis com cabides

⁷⁰ Idem. p, 144.

⁷¹ Idem. P, 145.

e meias velhas; com pedaços de tecido, espuma, barbante e penas improvisava-se uma peteca, entre outras coisas.

O efeito mais sutil e eficaz da política epetista foi o estabelecimento de fronteiras, de modo a demarcar e fixar, no recorte espacial, o local de lazer dos indivíduos. O interessante era que os calçadões e os parques eram freqüentados por outro tipo de público, e com certeza não era incentivado a utilizar cabides de roupa e meias velhas para improvisar raquetes de tênis.

Sendo imprescindível uma boa divulgação das atividades do movimento *EPT* junto à comunidade, criou-se uma estratégia de participação de modo que cada indivíduo se tornasse um divulgador.

Por isso era preciso levar a informação ao conhecimento do público, e isto poderia ser feito através dos meios de comunicação de massa ou pelo contato pessoal, pois havia que se reforçar nas pessoas a idéia de que valia a pena se envolver, assumir compromisso, aflorar o desejo de participar, reforçar os laços comunitários, mas que fossem feitos respeitando a forma de participação de cada um.

Uma das formas mais eficazes encontradas pelo *EPT* para desenvolver o ideário de que valia a pena participar, fazer parte da comunidade, foi expressa sobretudo na organização das famosas ruas de lazer que se mostrou um grande sucesso em muitas partes do país. Torna-se importante ressaltar que as práticas epetistas eram variadas e não temos a pretensão aqui de dar conta de todas. Por isso centralizamos nossa reflexão nos discursos cívico e moralizador

Organizar *ruas de lazer* era um trabalho que exigia dos profissionais de Educação Física e das pessoas envolvidas com o *EPT* o cumprimento passo a passo de estratégias programadas nos manuais técnicos. Afinal, o que se inventava naquele momento

era um trabalho formador inteiramente novo, porque era fundado sobre rentabilizações de energias meticulosamente geometrizadas e calculadas. Sendo assim, alguns cuidados deveriam ser tomados pois "as ruas, praças e áreas livres, não devem ser escolhidas para concentrar as pessoas mas sim para distribuir e permitir atividades para as promoções esportivas."⁷²

Outra questão importante era a necessidade de mobilizar a comunidade para a importância das ruas de lazer. Por isso, deveria-se escolher líderes da própria comunidade para a divulgação. Este tipo de trabalho era denominado pelos formuladores do *EPT* como *ação indireta (informal)*, ou seja o contato pessoa à pessoa.

A próxima etapa era intitulada por Person Cândido Matias, como "*a essência da rua de lazer.*" Para o referido autor, responsável pelo programa *Ação comunitária* do movimento *EPT*, era preciso escolher uma rua de acesso comum a todos os moradores.

Cândido Matias, ponderava que era preciso que as pessoas percebessem a importância da convivência humana como prática social, que só seria verdadeira se partisse do interesse da comunidade em reivindicar um espaço comum de recreação. Tais esforços deveriam ser baseados nos princípios da interação e agregação social de forma simples, autêntica e produtiva.

O que estava em jogo também era uma aparente solidariedade em meio a tantos problemas sociais, explicitados pelo próprio *EPT* enquanto documento, quando lido ou mesmo *escovado a contrapelo*. Mantém-se ainda a representação do desporto como uma atividade que desenvolve as mais elevadas qualidades morais. Sendo assim, o esporte apresentava-se como uma pedagogia moral, uma aprendizagem das virtudes, que segundo Cândido Matias *deveria assumir os princípios de agregação e interação social*.

⁷² Fundamentos do Esporte Para Todos 1983. p. 13.

Desta forma, percebemos a substituição de um discurso que impõe diretamente seu poder por um outro que se distanciava para melhor solicitar de modo indireto as forças que o próprio sujeito continha. Mas isso implicava um trabalho sobre o domínio de si, no seu duplo sentido, aquele que a situação dita sem rodeio ao sujeito, e aquele que ele exerce sobre si mesmo. No contexto da ditadura militar, o *EPT* desenvolveu uma forma sofisticada de conter o embate social pois era nas atividades epetistas que cada grupo social encontraria sua *identidade*, assim descrita por Cândido Matias:

*"Uma identidade que se forma pela integração da beleza, pureza e harmonia da liberdade. Uma liberdade não imposta por um espaço físico condicionado ou por um tempo de necessidade generalizada, mas uma liberdade reivindicada e assumida individualmente na comunidade."*⁷³

Estava aí inaugurada a máxima que hoje povoa uma boa parte dos discursos sobre a participação dos indivíduos na comunidade:

*"Assumir o individual é aceitar o outro como parte da sua natureza. Aceitar o outro em termos comunitários, é relacionar-se nas condições mais diversas de manifestações, numa busca à unidade de presença grupal. Presença grupal, implica em estar presente no grupo, o que quer dizer: ser do grupo, numa dimensão de participação solidária por objetivos comuns. Objetivos que são perseguidos não pela orientação de uma disputa competitiva, onde um deva ganhar o outro, mas sim de uma relação de ajuda aprimorada que permita enfrentar problemas que são particulares ou comuns."*⁷⁴

Em primeiro lugar, é preciso destacar no texto a ênfase dado ao esforço individual, *"uma relação de ajuda aprimorada que permita enfrentar problemas que são particulares ou comuns."* O esporte era reconhecido como um meio de valorização individual e de inserção social que permitia conter as violências coletivas. Por isso ele não

⁷³ Idem. P, 153.

⁷⁴ Idem. P, 154-155.

deveria ser reduzido ao mero divertimento, tinha como um de seus componentes, segundo formula epetista; "EDUCAR a população para utilização de seu tempo livre"⁷⁵

Por outro lado ainda, era necessário, segundo os formuladores do *EPT*, educar a população em todas as camadas sociais para utilizar de forma adequada o tempo livre de que dispõe, propiciando a cada indivíduo recuperação psicossomática de desenvolvimento pessoal e social.

Ao se multiplicarem as atividades físicas, o movimento epetista dará especial atenção às ruas de lazer, na sua forma organizada. Portanto, as ruas deveriam ser interditadas ao trânsito nos domingos e feriados.

Um dado interessante é que a campanha brasileira ocupou os feriados nacionais para promover o *EPT*, como o 1º de maio e o 7 de setembro. O aproveitamento dos feriados nacionais ou datas cívicas com a realização de passeios de bicicletas, corridas a pé foram organizados em todo país "de modo a criar o impacto das grandes promoções de massa" e as "ruas de lazer foram estabelecidas como atividades do ano inteiro dando uma dimensão de permanência na campanha."⁷⁶

As inovações, porém, não se limitavam à criação de promoções de impacto. Era preciso determinar também o tempo de funcionamento das *ruas de lazer*. As ruas de lazer eram promoções permanentes que funcionavam durante o dia todo, no horário das 8 às 18 horas. A criação de uma rua de lazer também dependia da comunidade:

"para se criar uma rua de lazer basta que os moradores façam um 'abaixo-assinado' pedindo o seu aproveitamento aos domingos e feriados, para as atividades esportivas e recreativas, e encaminhar o pedido à prefeitura...

⁷⁵ Bramante, Antonio Carlos. *Programa lazer a experiência da prefeitura municipal de Sorocaba*. In: Teoria e prática do esporte comunitário e de massa. p.161

⁷⁶ *Fundamentos do Esporte Para Todos* 1983. P, 12-13.

Recomenda-se que o tamanho da rua seja de no mínimo 100 metros e no máximo 300 metros."⁷⁷

Quando o pedido era aceito pela prefeitura, colocava-se uma placa à entrada da rua com os seguintes dizeres "*Rua de Lazer- Interditado ao Trânsito, aos domingos e feriados, das 8:00 às 18:00 horas.*" O DETRAN fornecia as placas e os cavaletes para o fechamento. A divisão da rua era feita por atividades recreativas e esportivas, considerado outro passo importante para a realização desses eventos. Quadras pintadas no chão, que ofereciam atividades recreativas tanto para crianças como para jovens, adultos e idosos era uma das improvisações sugeridas pelos idealizadores do *EPT*. Assim como adaptação de outros materiais, pois, segundo o movimento, as ruas de lazer funcionariam de acordo com as possibilidades de cada município.

Todavia é interessante notar que, não se oferecia a comunidade nenhuma infraestrutura de material esportivo para a prática do esporte. Em vez disso o *EPT* desenvolveu a idéia do espírito de improvisação, um forte sentido ao apelo popular e comunitário. A prática esportiva dependia sobretudo da improvisação do material para se efetivar:

"pode-se contar com a colaboração e a criatividade da própria comunidade para improvisar o material necessário: latas, caixas e caixões vazios, embalagens e sacos plásticos, cabos de vassouras, pedaços de madeira, pneus, pedaços de pano, elásticos, cordões, etc."⁷⁸

Assim, no seu conjunto as atividades *epetistas* procuravam inspirar valores "nobres" como: *solidariedade, criatividade, civismo, espontaneidade, espírito de improvisação, integração*, entre outras. Pretendiam com isso educar as massas, favorecendo ainda a regeneração moral e física dos indivíduos. A festa esportiva promovida pelo *EPT* se constituía como pedagogia do cidadão. Afinal, essas atividades não eram concebidas

⁷⁷ Idem. P, 18.

⁷⁸ Idem. P, 18.

como pura distração popular, elas teriam que transmitir, sobretudo, um ideal, ou mais elo na "corrente pra frente".

Capítulo III

O EPT e a constituição de um projeto de intervenção social

3-A pedagogia do cidadão

Não é de hoje que Políticas Públicas de Educação gestam projetos de intervenção social, como o *EPT*, e se utilizam da Educação Física como “saber científico”, para legitimar práticas corporais de intervenção e controle na sociedade. O que distinguiu o *EPT* de outros movimentos, foram as *maneiras de fazer*, os tipos de operações nesses espaços sociais que as estratégias do movimento foram capazes de produzir, mapear, impor. Muitas vezes se utilizavam de táticas não para “impor”, mas para melhor utilizar, manipular e alterar.

A relevância conferida à prática da atividade física na resolução de problemas educativos e morais da população não é privilégio da década de 1970. Essa questão já fazia parte de debates políticos em outros momentos históricos. Tanto é que na década de 1930, por exemplo, ela se tornou uma política do Estado Nacional.

No período do governo de Getúlio Vargas, a promoção da saúde dos indivíduos e a educação de seu físico figuravam como bases do Estado brasileiro. Tornava-se urgente elaborar estratégias no sentido de gerenciar essas populações que adoeciam por conta da miséria e da falta de saneamento que os grandes centros urbanos não conseguiam administrar. Esses discursos, revestidos de um ideal de modernidade muito presente no período em questão, denotavam a intenção de construir uma nova identidade nacional adequada a um país historicamente miscigenado.⁷⁹

Afinal, na década de 1930, afirmavam-se o Estado Nacional e uma onda crescente de autoritarismo. Reforçavam-se ainda as idéias modernas de construção de um país que seria re-colocado nos trilhos do progresso mundial. No entanto, essa onda

⁷⁹ A Educação Física no período de 1930-1945 foi tema do meu trabalho de conclusão do curso de História intitulado "*Educação dos Gestos: A Educação Física no processo de regeneração da nação*". UFSC, 2001.

crescente de modernidade vinha acompanhada de exclusão dos “não aptos”, aqueles que ficariam à margem desse processo civilizatório.

Desta forma, como administrar uma população que, se percebendo marginalizada nesse processo regenerador, entendia que seu rosto, seu corpo, sua sexualidade, sua forma de trabalhar e de viver estavam em descompasso com os projetos de higiene social, e que sua conduta poderia ser interpretada como “imoral”, “degenerada,” e até criminosa?

Tornava-se premente elaborar estratégias no sentido de inseri-las nesse movimento de regeneração nacional. E a eugenia, justificando seus vínculos com a ciência, tornava-se o mecanismo de intervenção social mais apropriado para constituir essas populações como sujeitos higiênicos e eugenizados. O desafio era fazer com que os indivíduos acreditassem que um corpo, limpo, higienizado, disciplinado, livre de “taras,” implicaria na saúde de todo o organismo social.

Foi neste período que políticos, médicos, educadores, engenheiros, etc, imbuídos de saber científico e ideais nacionalistas, com o intuito de “salvar a nação,” se uniram numa “cruzada eugênica” re-inventando um novo corpo social, que implicava a aceitação da ordem e da disciplina, afastando, segundo eles, o “enfraquecimento”, a “contaminação”, as “degenerescências”, as “inclinações” e “taras criminosas” que se originavam da união de doentes; por isso a importância de se investir na educação popular.

Essa intervenção no corpo através do processo educacional se dava utilizando os mecanismos de bio-poder, como discute Foucault (1988) em seu livro *História da sexualidade I*: poder exercido sobre o corpo, ampliando aptidões, de modo que se obtivesse o máximo de utilidade com o máximo de docilidade. Poder que se exercia sobre toda as esferas da vida humana, como se pudesse, com seus tentáculos que a tudo abarcam,

controlar a família, o trabalho, a sexualidade, o lazer, a atividade física e a política, enfim, um poder que se exercia sobre o "corpo biológico", onde ocorrem os processos do ser vivo.

Intensificou-se na década de 1930 a criação de instituições científicas e educacionais e toda uma estrutura de órgãos governamentais capazes de absorver representantes do mundo intelectual da época.

Articulou-se, naquele momento histórico, uma vasta rede institucional de controle da população, impondo, de maneira autoritária, estratégias pedagógicas que viabilizassem a orientação dos indivíduos no que se refere a um cotidiano cada vez mais “civilizado”.

Esta elite intelectual revestida de um saber técnico científico reivindicava a responsabilidade pelo exame da nação e seu conseqüente prognóstico, revelar a verdadeira face do país e traçar as diretrizes básicas para seu desenvolvimento rumo ao grupo das “nações civilizadas.” Civilizar significava, entre outras coisas, entrar em sintonia com a Europa, elaborava-se projetos articulados ao Estado brasileiro no sentido de explicar a “realidade nacional.”

O corpo tomado como objeto de poder político passível de intervenção estava no centro dos debates político educacionais desde o início de século XX. Os estudos de Denise Sant’ana entre outras (2001) sublinham que, no entanto, a partir dos anos 1960, o corpo se torna uma espécie de "melhor parte do indivíduo", a principal marca de sua subjetividade. Segundo a autora, é como se a alma não ocupasse mais o lugar da verdade, pois o corpo deixa de ser sua prisão, o seu martírio, ou apenas seu invólucro.

Não foi à toa, que o movimento *EPT*, propunha uma educação não formal que obedecesse menos a normas pedagógicas tradicionais. Uma forma sutil para um *bom adestramento*, através de um processo de *decomposição*. Ao invés de tomar os indivíduos

como massa homogênea, ele separa, analisa, diferencia, *adaptando-se aos desejos e possibilidades das pessoas*. Quer dizer, leva seus *processos de decomposição* até às singularidades necessárias e suficientes. Desta forma torna-se muito interessante o que os idealizadores do *EPT* denominavam como “pedagogia social”:

“Temos assim o que se chama '*pedagogia social*' que interpreta as técnicas das atividades desenvolvidas não somente esportivas, mas também outras de natureza social à luz da mobilização comunitária. Não existindo educação formal neutra (há sempre uma ideologia envolvida), a não formal é menos tendenciosa se houver permanente adaptação aos desejos e possibilidades das pessoas. Além disso o *EPT* é a versão do esporte correspondente à cultura de massa fenômeno atual provocado pelos modernos meios de comunicação que permitem o acesso da massa aos bens culturais quando simplificados.”⁸⁰

Assim, o olhar hierárquico foi o instrumento de poder disciplinar mais utilizado pelo movimento *epetista*. Através dele poderia-se “classificar” cada comunidade e trabalhar dentro de suas *possibilidades*. Além disso um *bom observador* deveria coletar informações para melhor planejar as *estratégias e adaptação* para as atividades *EPT*.

Este planejamento consistia na “determinação clara dos objetivos a serem alcançados, nas formas de avaliação e nas melhores estratégias a serem empregadas para melhor eficiência e eficácia do trabalho de ação comunitária.”⁸¹

Por sua vez os objetivos deveriam sempre estar orientados no sentido de provocar a *ação da comunidade* para sua participação efetiva. Todo processo seguiria os princípios da *avaliação funcional*, calcada nos pressupostos da observação do contexto e dos "aspectos intermediários que reconheçam os modelos isolados de comportamento grupais"⁸², avaliando também os aspectos particulares, sobretudo aqueles que atingiam os

⁸⁰ Costa, Lamartine Pereira. Princípios do Esporte para Todos. In: Teoria e Prática do Esporte Comunitário e de Massa. P, 12.

⁸¹ Matias, Person Cândido. *Como acontece o EPT na comunidade*. In: Teoria e Prática do Esporte Comunitário e de Massa. P, 139.

⁸² Idem. P, 139- 141.

modelos de comportamento individuais. Enfim, traçar o limite que definiria a diferença em relação a todas às diferenças.

Através da *avaliação funcional* era estabelecido uma regra de conjunto, ou seja, relacionava-se os atos, os desempenhos, os comportamentos singulares ou os *aspectos particulares* a um conjunto, que era ao mesmo tempo campo de comparação, espaço de diferenciação e princípio de uma regra a seguir. (FOUCAULT, 1987).

A relevância dada aos *aspectos do contexto* era uma forma de medir a capacidade de cada comunidade, o nível, a “natureza” dos indivíduos. Os dados do contexto não eram criticados ou utilizados para reivindicar melhores condições para atividades esportivas, sociais, e culturais, mas sim para o amaciamento dos conflitos sociais.

A *observação do contexto* era mais um dispositivo de coação, mesmo que sutil, de uma conformidade a realizar. Um poder de regulamentação que obrigava a homogeneidade para se alcançar nas “*melhores estratégias a serem empregadas maior eficiência e eficácia*” do trabalho comunitário. Mas, ao mesmo tempo, ele individualizava, permitindo medir os desvios e determinar os níveis, “*aqueles que atingem os modelos de comportamento individuais*”, permitindo desta forma fixar as especialidades para tornar úteis as diferenças, ajustando-as umas às outras. Para tanto, o *EPT*, se caracterizava como uma *atividade da população mais pobre*, pois na definição de Lamartine,

*"EPT é uma atividade eletiva e de direito das pessoas de menor recurso e com vistas nisso o movimento brasileiro organizou suas bases diferentes de campanhas estrangeiras. Essas assertivas são comprovadas, pela prática do futebol pelada, hoje adotada em massa pela população pobre do nosso país."*⁸³

Em certo sentido, as atividades *EPT* aparecem aqui filiadas a um corpo social homogêneo, mas o poder de regulamentação que emerge através dele tem, em si mesmo,

⁸³ Costa, Lamartine Pereira. *Princípios do Esporte para Todos*. In: Teoria e Prática do Esporte Comunitário e de Massa. P, 14

um papel de classificação, de hierarquização e de distribuição de lugares, um poder normalizador.

A partir da leitura de Foucault (1998), verifica-se que o poder da norma funciona facilmente dentro de um sistema de igualdade formal, pois, dentro de uma homogeneidade que é regra, ele introduz, como imperativo útil e resultado de uma medida, toda a gradação das diferenças individuais. O *EPT* estabelecia sobre os indivíduos uma visibilidade através da qual eles eram diferenciados e sancionados. Voltado inteiramente para as populações de baixo poder aquisitivo, o *EPT*, na voz de seu formulador, advertia que o movimento não deveria:

“ser interpretado como atividade típica de assistência social mas sim como meio de desenvolvimento comunitário, algumas organizações, *nessas condições, usam atividades de EPT para contato com comunidades pobres que aceitam com maior facilidade do que outras práticas sociais*”⁸⁴

Desse modo, o *EPT* tornava-se uma espécie de *aparelho de exame* que acompanhava de forma ininterrupta todo o desenvolvimento comunitário. Pois ao mesmo tempo em que transmitia certos conhecimentos para comunidade como higiene, esporte organizado, adesão à prática esportiva, civismo, entre outros, levantava um campo de conhecimento sobre a comunidade na qual trabalhava. Isto quer dizer que a comunidade tornava-se o local de elaboração da pedagogia. O *EPT*, como *aparelho de exame*, elaborou uma pedagogia corporal que funcionava como ciência.

Dessa forma, a Educação Física e os esportes se inserem neste contexto como práticas capazes de permitir que os indivíduos internalizem certos preceitos e normas sociais como o cultivo à saúde, o civismo, integração social, lazer, valorização da natureza, valorização do serviço comunitário, entre outras.

⁸⁴ Idem. P, 14.

A prática do exercício físico no *EPT* funcionava ainda como um perfeito mecanismo da assepsia dos gestos do indivíduo. E foi usado em diferentes momentos históricos como instrumento de “profilaxia social” e de formação física masculina e feminina.⁸⁵ Por isso, o aumento das praças esportivas fazia parte também dos planos de massificação do esporte. Estes projetos reafirmavam o que o governo militar caracterizou como uma “nova orientação” para a Educação Física na década de 1970 no Brasil. Porém, no que se constituía essa pedagogia do cidadão e o higienismo na prática desenvolvida no *EPT*?

No que tange a "Pedagogia do Cidadão", o *EPT* operava segundo uma normalização de atos, valores e atitudes. Através do que se denominava *Ação EPT*, percebemos uma explosão de discursos e propagandas que procuravam induzir as pessoas a determinadas práticas corporais.

Porém, é a partir do esquadramento da vida dos indivíduos em comunidade que iremos perceber uma intervenção dirigida, materializada por diferentes pedagogias que tinham como finalidade educar os indivíduos. Mas é preciso ressaltar que existiam preceitos a serem seguidos para alcançar um bom desenvolvimento do *EPT* na comunidade, e um destes preceitos era o *levantamento*, ou seja, o conhecimento detalhado da realidade na qual a comunidade estava inserida. Era definida pelos seus formuladores como a "investigação descritível, a mais detalhada possível, considerando não somente as necessidades básicas, mas também, peculiaridades e possibilidades da comunidade."⁸⁶ Por sua vez ainda, a investigação descritível seria a forma de se chegar ao conhecimento da

⁸⁵ Para Carmen Soares (1998) numa sociedade capitalista a economia de tempo e gasto de energia era imprescindível como princípio organizador do cotidiano do trabalhador.

⁸⁶ Matias, Person Cândido. Como acontece o *EPT* na comunidade. In; Teoria e Prática do Esporte Comunitário e de Massa. P,135- 136

realidade desta comunidade, "procurando sempre que possível captar os diferentes tipos de ansiedades ou de aspirações, que, em termos de Educação Física, podem estar representados nas manifestações de alegria, movimento, participação, etc."⁸⁷

O texto, acima revela, que o *levantamento* de informações sobre a comunidade para a prática do *EPT*, exigia uma observação minuciosa desta e de seus detalhes. O que dava ao *levantamento* um enfoque político dessas pequenas coisas. Isso nos faz pensar que as estratégias *epetistas* tentaram distribuir em torno de si um dispositivo de poder que lhe permitisse perceber até o menor acontecimento da comunidade. As prescrições do manual de investigação não deixavam dúvidas quanto ao método a ser seguido para conhecer a realidade da comunidade.

A valorização das peculiaridades deveria “*reconhecer os diferentes fenômenos que ocorrem a nível social, econômico, cultural etc. da comunidade,*”⁸⁸ a fim de compreender também “*as possibilidades físicas, materiais, afetivas, enfim todas as energias que possam ser mobilizadas ou não, é fator preponderante num bom levantamento comunitário.*”⁸⁹

Assim, através da observação das *energias* a serem canalizadas e mobilizadas, o movimento *EPT* traçava no espaço material da comunidade, uma forma de direcionar e potencializar a utilidade das ações. Jogos, caminhadas, jogo de peteca, o futebol pelada, entre outros, tornavam-se atos que deveriam ser “bem” utilizados.

Observando com mais cuidado, percebemos que em seus “manuais técnicos” estavam inscritos as coordenadas para as formas de *participação, organização e sociabilização*. Uma forma de conformar os sujeitos via educação esportiva, controlando o

⁸⁷ Idem. P,135- 136

⁸⁸ Idem. P, 137.

⁸⁹ Idem. P, 137.

seu tempo livre, e principalmente *as energias* que deveriam ser *mobilizadas* ou não, via a seleção daquilo que era normal e saudável para a comunidade.

Portanto, é necessário destacar que o movimento *EPT*, era constituído por um suporte pedagógico que lhe possibilitava um movimento psicológico de integração que, tinha o indivíduo como meta. Evidência esta, presente principalmente nos manuais técnicos do *EPT*. No entanto, para seus formuladores, o *EPT* era muito mais que um simples movimento de integração, ia muito além do indivíduo:

“ESPORTE PARA TODOS (EPT) *vai além da relação entre grupos sociais, que por meio de atividades, prosseguem num processo de sociabilização. O EPT tem identidade própria e por isso é um movimento que está transformando o modo de pensar a Educação Física no BRASIL e no mundo.*”⁹⁰

Este movimento, psicológico de integração, estava presente também na linguagem utilizada para convencer os indivíduos a participar de suas campanhas. O slogan abaixo é exemplo significativo deste esforço:

“no esporte para todos quem mais se comunica mais participa.
*O EPT depende da sua participação e de todos. Todos? Os velhos também? Os deficientes físicos? Os cegos? Todos????”*⁹¹

Segundo, Lipovetsky (1994), a era da felicidade das massas celebra a individualidade livre, *privilegia a comunicação e multiplica as escolhas e as opções*. Para ele, ela em sua essência é ativista, instiga as pessoas otimizarem seus potenciais, pois já não se trata da sabedoria, mas do trabalho que cada um é capaz de realizar; não da individualidade do eu, mas da diversidade *high tech* das exigências de proteção, de conservação, de valorização do capital- corpo.

Por isso, não podemos confundir a incitação à prática esportiva nas redes do consumo e propagandas do *EPT*, com um movimento de verdadeira autonomia do

⁹⁰ *Manual técnico*. Rede Nacional Esporte para Todos. Princípios Básicos. P, 1.

⁹¹ *Idem*. P, 7. sic

indivíduo. Tanto que o *EPT* define estratégias e limites de acordo com as condições sociais que possibilitem sua implantação, apoiando-se em dispositivos e estratégias de controle social. A regra epetista é a criação de espaços úteis, e que “*vai além da relação entre grupos sociais.*” Uma forma refinada de colocar cada indivíduo no seu lugar e, em cada lugar, um indivíduo, evitando dessa forma as pluralidades confusas. Por isso, não deixa de ser interessante observar, a definição de “grupos sociais”, logo na primeira página do manual técnico do *EPT*. De acordo com o manual, "grupos sociais" são:

“grupamentos humanos com características próprias. Os grupos podem ser formais ou naturais, conforme o modo pelo qual são originados. Os grupos formais seguem normas vindas de fora do grupo (alunos em classe; membros de um time de futebol etc.). Os grupos naturais seguem normas criadas dentro do próprio grupo. (família, grupo comunitário, massa etc..)”⁹²

E completa frisando:

“grupo comunitário reúne algumas dezenas de pessoas por interesse comum e sujeitas a lideranças naturais. A massa representa o conjunto de vários grupamentos sociais e tem reações próprias ditadas pelas circunstâncias diferentes da simples soma dos grupos componentes.”⁹³

Definições técnicas minuciosas, muitas vezes íntimas, porque definem um certo modo de investimento político e detalhamento do corpo e do corpo social. Esse esmiuçamento na vida social das pessoas estava expressa também no “Decálogo” ou seja, um conjunto de idéias e práticas, definidas em dez objetivos, assim expressos:

- “1.**Lazer**: Orientar o tempo livre para a prática esportiva com prazer e alegria de modo voluntário...
- 2.**Saúde**: Criar oportunidade de melhoria de saúde do povo, no que se refere a prática de atividades físicas e recreativas...
- 3.**Desenvolvimento Comunitário**: Aperfeiçoar a capacidades de organização e mobilização das comunidades para o trabalho em conjunto ...
- 4.**Integração Social**: Estimular a congregação e a solidariedade popular, dando ênfase à unidade familiar, as relações pais e filhos, à participação feminina e à valorização da criança e do idoso

⁹² Idem. P, 1.

⁹³ Idem. P, 1.

5.**Civismo**: Reforçar o sentimento de povo, de nacionalidade e de integração nacional.

6.**Humanização das Cidade**: Criar meios de práticas de esporte recreativos com participação de grande número de pessoas, para a conscientização geral de áreas livres nos grandes centros urbanos.

7.**Valorização da Natureza**: Orientar a prática esportiva ao ar livre...

8.**Adesão à prática Esportiva**: Criar oportunidades e atividades esportivas simples e improvisadas de modo a ampliar o número de praticantes...

9.**Adesão ao Esporte Organizado**: Motivar, através do contágio de emoções da prática com grande número de pessoas, o apoio e a participação nas atividades da Educação Física estudantil e do esporte em clubes e outras entidades.

10.**Valorização do Serviço à comunidade**: Congregar o apoio às entidades públicas e privadas que participam dos mutirões esportivos.”⁹⁴

As idéias condensadas no *decálogo* davam um certo caráter messiânico ao movimento *EPT*. Esta estratégia torna-se muito significativa se pensarmos que estamos em um país católico. Mas, sobretudo, se pensarmos no *decálogo* como os “dez” mandamentos para constituição de uma pedagogia do cidadão. Localizamos ainda, sem dificuldade a sua intenção normatizadora e de assepsia social, e a tentativa de regeneração moral do indivíduo. Ação essa, típica de higienismo social, manifestado, por exemplo, no próprio *decálogo* com a preocupação de integração ao meio social, expressa no item nº 4, onde propõe estimular a união e a solidariedade popular, dando ênfase e atenção especial a unidade familiar, às relações entre pais e filhos, à participação feminina, além de chamar a atenção para a integração da criança e do idoso.

No entanto, *integração social* era entendida como uma forma de adequação ao meio social. A vinculação entre saúde e moral era explícita no *decálogo*, ou seja, era através de atividades físicas e recreativas ao alcance da comunidade que se poderia “*estimular oportunidades de melhoria do bem-estar físico, mental e espiritual do povo*”.

⁹⁴ Costa, Lamartine Pereira da. Bases Institucionais do Esporte para Todos. In: Teoria e Prática do Esporte Comunitário e de Massa. P, 22.

Mas, à medida que aumentava o controle, a restrição e a ocupação das horas livres através do esporte organizado, maior era a dificuldade de condicionamento dos jovens. Não foi à toa que atenção maior se concentrou na família, *na relação pais e filhos, na valorização da criança e do idoso*. A partir da leitura de Elias (1994), isto não implica uma supervisão mais rigorosa da tarefa, ou um planejamento mais exato, e sim uma tendência do processo civilizador a tornar mais íntimas todas as funções corporais, sejam elas individuais ou sociais. Era na família nuclear que recaía a tarefa de instilar os hábitos socialmente aceitos, as injunções e proibições apoiadas em sanções sociais que se reproduziam no indivíduo como formas de autocontrole.

Sendo assim, o *Manual de Instruções* para aplicação do programa epetista levava consigo todo um conjunto de processos e de saber, de descrições, de receitas para saúde do corpo e da alma, mas principalmente *instruções* de como se viver em sociedade.

Viver em sociedade seria, sobretudo, "reforçar a dedicação e a união nacional em torno das origens, tradições, costumes etc, de nosso povo."⁹⁵ Caberia ainda ao *EPT* "Incentivar a capacidade de organização e mobilização das comunidades para avaliar em conjunto a própria realidade e *modificá-la dentro de suas possibilidades*."⁹⁶

Detalhes que a princípio parecem insignificantes, mas dotados de um grande poder, se pensarmos na coerência de uma tática. Foucault (1987) nos lembra que a disciplina é uma anatomia política do detalhe. Mobilizar aqui não significava amarrar as forças para reduzi-las à comunidade, procurava-se antes de mais nada ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las *dentro de suas possibilidades*.

⁹⁵ Decálogo. Civismo.

⁹⁶ Decálogo. Desenvolvimento Comunitário. Grifos meus.

Mas mobilizar aqui também ultrapassava as barreiras do EPT, era preciso mobilizar as forças vivas da nação:

"a sua participação será sempre no sentido de atender as suas motivações e as motivações dos membros de sua comunidade, do grupo social de que você faz parte. Você conseguirá atender as suas motivações e as dos outros procurando a UNIÃO e a PARTICIPAÇÃO de todos neste conjunto de idéias que é o EPT. É A FORMAÇÃO DE UMA VERDADEIRA CORRENTE PRA FRENTE."⁹⁷

Portanto, é com efeito um poder disciplinar que, em vez de se acomodar e de retirar, tem como função maior “adestrar”; ou, sem dúvida, adestrar para retirar e se apropriar mais e melhor. Assim, as prescrições *epetistas* para se obter uma vida mais saudável através da ocupação das horas de lazer, e *integração social* pretendia, entre outras coisas, controlar a saúde moral dos indivíduos, interferindo no seu modo de vida, domesticando as subjetividades, como podemos atestar pela fala que se segue:

“Você participa porque está motivado, estando motivado a participar, você acaba incentivando e despertando nos outros suas próprias motivações e, assim, *todos irmanados, unidos, participam e buscam o bem-estar no Esporte para Todos (EPT)...* O importante é que você participe. *A sua participação, todavia, pode ficar melhor orientada e eficiente.*”⁹⁸

⁹⁷ Rede nacional Esporte para Todos. Princípios Básicos. Manual técnico. P5.

⁹⁸ Idem. P, 6. Grifos meus.

Poderíamos nos perguntar ainda que tipo de “eficiência” era essa que o movimento *Esporte para Todos* propunha aos seus participantes, ou para “a irmandade EPT.” A ênfase epetista na *participação, integração social e no “despertar” do sentimento patriótico e comunitário* sugere uma intervenção no estilo de vida das pessoas, ou seja, na maneira dos indivíduos produzirem cotidianamente sua existência social, desde a organização do lazer até às relações interpessoais.

Afinal, pretendia-se, “oferecer, através de atividades físicas e recreativas de caráter grupal, a oportunidade do povo redescobrir a necessidade de criar espaços e meios para o lazer nos grandes centros urbanos.”⁹⁹

O EPT estava inserido na organização sócio-política do Regime Militar, pressões e a falta de “participação” da população nas decisões políticas do país eram cada vez mais presentes. Portanto, a abertura política era uma necessidade que se fazia cada vez mais forte. Desta forma, quando os idealizadores do EPT afirmavam que o movimento era democrático, essas idéias vinham ao encontro desse momento social e político vivido pelo país, quando se exigia maior participação.

Um segundo aspecto fundamental da constituição do EPT, enquanto projeto de intervenção social, como vimos em passagem anterior deste texto refere-se à permanência dos ideais higienistas e sua articulação as propostas desenvolvidas pelo movimento.

No EPT esta preocupação estava claramente delineada, assim como outras diferentes mas relacionadas: as relações entre homens e mulheres, a questão da família, da criança e do idoso, do deficiente físico, à questão da diferença, seja de classe, gênero ou

⁹⁹ Manual Técnico. Rede Nacional. *Esporte para Todos*. **Princípios Básicos**.

raça ao longo do projeto se tornaram preocupações centrais, porém, freqüentemente abordadas como um problema de *integração social*.

Na sua intencionalidade normatizadora, o *EPT* se apresentava como mais um dispositivo para a educação da vontade, uma vez que o aprendiz submetido à norma possibilitava ao indivíduo torna-se disciplinador de si mesmo. É o que Foucault sublinha como *política das coerções*: a constituição de um trabalho sobre o corpo social, a manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. Para tanto o *EPT* inventou o *Voluntário Esportivo*, que viria a se tornar peça fundamental para o funcionamento da campanha. Neste sentido torna-se significativo o número de voluntários treinados pelo *EPT*:

"A campanha *Esporte Para Todos*, organizada pelo DED/MEC através do MOBREAL, treinou durante seu primeiro ano (1977) um total de 4.467 *Voluntários Esportivos* em 2.772 municípios de todas as unidades da Federação (69% do total). Estes voluntários realizaram promoções nacionais de impacto (1º de maio e 7 de setembro) contabilizando 5.338.682 participantes em todo país, ou 4,4% da população nacional, não considerando a possibilidade de dupla contagem (mesmos participantes em promoções diferentes). No segundo ano (1978) a participação alcançou quase 10 milhões e o voluntariado subiu para 9.700."¹⁰⁰

As comunidades que participavam das atividades epetistas eram submetidas a uma *maquinaria de poder* que a esquadrihava, a desarticulava e a recompunha também. O que sugere uma *anatomia política*, que é também uma *mecânica do poder*, que não se define apenas pelo domínio sobre o corpo dos outros para que façam o que se quer, mas principalmente para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. (FOUCAULT, 1998).

Para um de seus principais formuladores Lamartine Pereira da Costa,

¹⁰⁰ *Fundamentos do Esporte Para Todos 1983*. p. 26.

“O entendimento do esporte como fator de saúde tem acompanhado de perto a interpretação do *esporte* como *meio educacional*. O desdobramento do esporte nas comunidades, na comunicação, no lazer, na política, etc, conduziu as atenções para o campo social, reduzindo então a percepção de saúde por parte da opinião pública. Entretanto, com o EPT as pessoas são atraídas para o esporte por seu valor social, descobrindo então um *caminho pessoal de saúde*.”¹⁰¹

Abria-se um processo de produção de toda uma série de estratégias, práticas e discursos que exercitavam em cada indivíduo os *cuidados de si*. O que seus idealizadores propalavam como Educação Física permanente “*é o processo educativo que relaciona as atividades esportivas e de educação física aos hábitos cotidianos da vida*”.¹⁰² Que se lembre, como indica Soares (2001), que na sociedade moderna o corpo individual/social, além de estar destinado como força produtora para o desenvolvimento industrial, ocupa lugar fundamental como produtor de saúde.

Buscando soluções simples mas que permitissem o máximo de participação, o *Documento Básico do EPT* recomendava dois tipos de orientação geral para que se pudesse obter coerência de procedimentos nos dois tipos de programas a serem desenvolvidos, um *nacional* e outro *local*. O programa *nacional* deveria ser constituído por promoções simultâneas de uma única atividade, num mesmo dia, período ou fim de semana. O programa *local* visava aumentar o número de praticantes nos esportes já conhecidos ou em outras atividades a serem introduzidas.

Essa tendência de massificação dos esportes, apenas para relembrar, já vinha sendo consolidada, desde 1975, quando da elaboração do Plano Nacional de Educação Física e Desporto - PNED que estabelecia os seguintes objetivos básicos:

¹⁰¹ COSTA, Lamartine Pereira. *Dimensão de Saúde*. In: Teoria e Prática do Esporte Comunitário e de Massa. P. 12.

¹⁰² COSTA, Lamartine Pereira. *Princípios do Esporte para Todos*. In: Teoria e Prática do Esporte Comunitário e de Massa. P. 13.

“aprimoramento da aptidão física do povo brasileiro; elevação do nível do desporto em todas as áreas; elevação do nível técnico- desportivo das representações nacionais; e difusão dos desportos como forma de utilização do tempo de lazer.”¹⁰³

Podemos perceber que o movimento *EPT* no Brasil tinha um bom suporte econômico respaldado por empresas privadas. Mas tinha também suporte político-institucional e principalmente um vetor sócio-psicológico de integração e construção de uma *pedagogia corporal* que tinha o indivíduo como meta, apoiando-se em dispositivos e estratégias de controle social. Ao se referir ao respaldo institucional, Lamartine ressaltava:

“É possível perceber, também que já estamos falando em “*sistema*” e “*organização*”; de fato, *a mobilização, se realiza em massa, necessita de um suporte institucional* (aí reside a diferença fundamental do movimento ESPORTE PARA TODOS entre países desenvolvidos e em vias de desenvolvimento)...Temos no Brasil, as condições mínimas de viabilidade: *a adesão dos meios de comunicação de massa, as técnicas de mobilização e a vontade governamental.*”¹⁰⁴

É importante observar que o controle não se faz unicamente pela repressão, pelo impedimento, mas se realiza sobretudo pela incitação, pela produção. Para Lucero (1995) nas trilhas foucaultianas não devemos observar a liberação do corpo e da sexualidade nas redes do consumo, como um movimento de verdadeira autonomia do indivíduo. Isto faz refletir sobre a definição de *Educação Física Permanente* proposta pelo *EPT*, segundo a qual os indivíduos se encaminhariam para a "igualdade de oportunidade, permanência da atividade física, orientação individual e coletiva, autoformação." No entanto o que verificamos foi uma ação no sentido contrário ao da autonomia dos indivíduos em relação a seus corpos, o que permanece é uma certa funcionalidade requerida pelo consumo.

¹⁰³ COSTA, Lamartine Pereira. *Teoria e Prática do Esporte Comunitário e de Massa.*

¹⁰⁴ COSTA, Lamartine Pereira. *A Dimensão Publicitária do EPT.* In: Teoria e Prática do Esporte Comunitário e de Massa. P,191.

Produzido num tempo de significativas mudanças econômicas, sociais, políticas e culturais na e da sociedade brasileira, o movimento *EPT* expressa uma certa continuidade do projeto higiênico do início do século XX no Brasil, nas diferentes perspectivas de educar o corpo de mulheres, homens, crianças e idosos, cuja energia física era ainda observada como potencializadora de um gesto eficiente. Era enfatizada a necessidade de educá-los para a “autoformação” e “autocondução”. Sendo assim, capaz de “produzir mais”, o corpo humano re-afirma seu papel de produtor e consumidor. Tanto pela ótica do trabalho como pela do lazer, o certo é que o trabalho corporal é reconhecido como essencial para desenvolvimento da nação porque é capaz de mobilizar, simultaneamente, duas energias: a do corpo individual e a do corpo social. “*Você é o elemento principal do EPT, você faz EPT, Você é gente EPT*”.¹⁰⁵

Desta forma, a conquista do tricampeonato mundial de futebol era a representação de uma nação rumo ao progresso. Para Lamartine Pereira da Costa a vitória da seleção brasileira foi resultado de uma preparação mais científica, frisava que a seleção brasileira de futebol na década de 1970 utilizou o método científico de Kenneth Cooper como base para preparação física dos jogadores e isto fez com que houvesse “uma inusitada expansão na prática de corrida livre através de ruas, praias estradas e campos, mobilizando, cerca de 3 milhões de praticantes”.¹⁰⁶

Segundo Lucena (2001) todo esse engajamento físico pode ser pensado também como uma resposta a um processo de mobilização que só a cidade desde o início do século XX, no seu sentido moderno, pode propiciar ao homem. Para Lamartine Pereira da Costa, a “Educação Física brasileira precisava se *modernizar, evoluir*, o mundo passava por

¹⁰⁵ Princípios Básicos. Esporte para Todos. Rede Nacional, 1980.

¹⁰⁶ *Fundamentos do Esporte para Todos 1983*. MEC, p.2

mudanças motivadas pela *aceleração tecnológica*.”¹⁰⁷ Mas o interessante é que toda essa *modernização* ia refinando-se, desdobrando-se em “*novas*” técnicas, “*novos*” métodos de ensino aprendizagem, sempre “científicos”.

Capítulo IV

O EPT e suas estratégias de consolidação.

¹⁰⁷ Costa, Lamartine Pereira da. *A Revolução Metodológica da Educação Física*. In: Teoria e Prática do Esporte Comunitário e de Massa. P, 132. Grifos meus.

4 - A constituição de uma estratégia impactante

No início da década de 1970, a necessidade de popularizar o esporte se fazia presente nos diversos debates em defesa de um projeto esportivo de massa para o país. Uma das estratégias utilizadas pelo governo militar, como forma de massificar os esportes, foi como já visto, a campanha *Esporte para Todos*, oficialmente lançada em 1977. O editorial da revista *Esporte e Educação* expressa essa idéia de massificação do esporte como uma necessidade do país. Segundo ela era “necessário que aconteçam coisas de grande repercussão, de alcance nacional, para serem tomadas as grandes decisões.”¹⁰⁸

O editorial da revista *Esporte e Educação*, ao comentar o interesse do governo na Educação Física diz “ainda bem que, desta vez, temos ao nosso lado o interesse do Governo Federal. Educação Física, para a Revolução, é meta prioritária.”¹⁰⁹

Neste mesmo período o *Decreto 69.450* de 1º de novembro de 1971, estabelecia uma nova orientação e funcionamento para a Educação Física, que deveria seguir uma nova orientação;

“Por ele se define que a Educação Física se relaciona com a sistemática da Educação Nacional despertando, desenvolvendo e aprimorando forças físicas,

¹⁰⁸ Revista *Esporte e Educação*, editorial, Ano V-Nº 28- maio/junho, 1973.

¹⁰⁹ Revista *Esporte e Educação*, editorial, Ano III-Nº 18- outubro/novembro, sd ?

morais, cívicas, psíquicas e sociais do educando e o constitui seu fator básico.”¹¹⁰

Segundo o *Decreto 69.450* de 1971, os objetivos básicos que deveriam orientar a Educação Física eram:

- a consolidação de hábitos higiênicos;
- o desenvolvimento corporal e mental harmônico;
- melhoria da aptidão física;
- o despertar do espírito comunitário, da criatividade e do senso moral e cívico;
- a formação integral da personalidade;
- o aprimoramento e aproveitamento integrado e toda a potencialidade física, moral e psíquica do indivíduo;
- o emprego útil do tempo de lazer; a perfeita sociabilidade;
- a conservação da saúde;
- a aquisição de novas habilidades;
- o estímulo às tendências de lideranças;
- a implantação de hábitos sadios.

O *Conselho Federal de Educação* estabelecia ainda que a *Educação Física*, deveria atender a dois objetivos, respeitando a diferença entre os sexos:

- “1. *Cultura física individual*, em que se estimule o desenvolvimento harmonioso dos órgãos e funções, de modo que se alcance o máximo de eficiência e resistência orgânica;
2. *Educação social* pela *aquisição de senso de ordem e disciplina*, através de exercícios e competições desportivas.”¹¹¹

Interessante perceber que, segundo o Decreto 69.450, mesmo os alunos que não pudessem participar da “prática” das aulas de Educação Física, teriam que participar de outras atividades “que contribuam para o desenvolvimento harmonioso do corpo e do espírito, concorrendo para formar o homem de ação física e moralmente sadio.”¹¹² Pois segundo o Professor Leôncio Nogueira de Abreu Chagas, numa palestra sobre Legislação Específica da Educação Física reproduzida na revista *Esporte e Educação* em 1978, assim

¹¹⁰Revista *Desporto*, ano 11, nº 20, fevereiro de 1978. Palestra sobre Legislação Específica da Educação Física, Profº Leôncio Nogueira de Abreu Chagas, ps 25-28.

¹¹¹Idem.

¹¹² Idem.

ficava redimida a dúvida de que não "existem dispensados das aulas de Educação Física, o que existem são aqueles que estão dispensados legalmente dos exercícios físicos, isto é, da prática da Educação Física."¹¹³

Desta forma, o governo considerava que estava realizando uma "aspepsia" no corpo social, que da indigência os indivíduos, seriam afinal resgatados e transfigurados em corpos sadios, belos, fortes e *aptos*. Acreditava também que estava criando uma inovação no sistema esportivo nacional, com a criação do movimento *EPT* procurando utilizar as grandes vantagens dele como "*poderoso instrumento de mobilização social.*"

O esporte irá revelar-se, naquele momento, como um importante mecanismo de intervenção pedagógica. Isso fez com que se tornasse fenômeno dominante na área de Educação Física em vários países. Conforme Vigarello (1996) "as pedagogias são portadoras de preceitos que dão aos corpos uma forma e os esquadriham para submetê-lo a normas, seguramente mais ainda que o pensamento." Por isso, muitos defendiam que a escola seria o "nascido" da atividade esportiva de massa, e essa foi uma questão levantada como forma salutar pelo editorial da revista *Esporte e Educação*: "onde está o nascido de qualquer atividade esportiva, *atividade de massa*? Claro que na escola, claro que nas atividades escolares."¹¹⁴

Segundo Alexandre Vaz (2000) o espaço escolar, com sua arquitetura, sua organização espacial é a expressão material da educação corporal e da constituição de um projeto político de ordem. Ali se aprende a olhar, a se olhar, a falar e a calar, ouvir e silenciar. O esporte e a Educação Física como conteúdo escolar conquistaram lugar privilegiado para ensinar modos de olhar, de proferir e se comportar.

¹¹³ Idem.

¹¹⁴ Esporte e Educação. Editorial, Ano IV- Nº 27- março/abril, 1973.

Deste modo o *marketing epetista* era adequado ao momento político brasileiro, pois investir na escola, na educação de crianças, jovens e adultos significaria investir na segurança nacional.

Segundo Renato Ortiz (1988), o que constitui a base de raciocínio do pensamento militar em relação à sociedade é a Ideologia da Segurança Nacional. Para o autor, o Estado era percebido como o *centro nevrálgico* de todas as atividades sociais relevantes em termos políticos, daí uma preocupação constante com a questão da "integração nacional". Pois o que a Ideologia de Segurança Nacional se propõe é substituir o papel que as religiões desempenhavam nas *sociedades tradicionais*. Nessas sociedades o universo religioso unia organicamente os diferentes níveis sociais, gerando uma solidariedade entre as partes, para assegurar a realização de determinados objetivos.

De uma certa forma o *EPT* estava imbuído da ideologia de Segurança Nacional. Não era por acaso que toda apresentação do projeto girava em torno de idéias como *solidariedade* no sentido de coesão, "*espírito comunitário*" para podermos alcançar os "objetivos nacionais". Idéias estas expressas no próprio *decálogo*¹¹⁵, que em última instância eram as *metas* a serem atingidas. Procurava-se garantir a integridade da nação na base de um discurso repressivo que eliminava as disfunções, isto é, as práticas dissidentes, organizando-as em torno de pressupostos comuns e desejados *por todos*.

No entanto, esse Estado de Segurança Nacional não detinha apenas o poder de repressão, ele se interessava também em desenvolver atividades, desde que submetidas à razão de Estado.

¹¹⁵ Conforme já dissemos anteriormente as idéias que compunham o Decálogo eram: 1. Lazer, 2. Saúde, 3. Desenvolvimento comunitário, 4. Integração, 5. Civismo, 6. Humanização das cidades, 7. Valorização da natureza, 8. Adesão à prática esportiva, 9. Adesão ao esporte organizado, 10. Valorização do serviço à comunidade.

Por isso era importante para o governo atuar junto às esferas culturais, incentivando, inclusive a criação de novas instituições, iniciando todo um processo de gestação de uma política de cultura. Várias entidades surgem neste período, como o Conselho Federal de Cultura, o Instituto Nacional de Cinema, a EMBRAFILME, a FUNARTE, entre outras. Por isso torna-se revelador quando o movimento *EPT* denomina-se mais *cultural* que *educacional*. Assim, podemos entender muitas das parcerias do movimento, bem como a movimentação de toda uma rede *EPT* de meios de comunicação, como programas de televisão, jornais e revistas e ainda programas radiofônicos semanais transmitidos em cadeia para todo país em "*convênio com o Centro Brasileiro de Rádio Educativo Roquette Pinto/MEC.*"¹¹⁶

Portanto, para os "*pioneiros*" do *EPT* era importante o investimento nos meios de comunicação como uma forma de convencer e informar a população sobre os benefícios das atividades *EPT*. Outra estratégia utilizada para fazer com que as pessoas buscassem "naturalmente" o *lazer ativo* seria a adição por parte do movimento dos modelos de *marketing social*, ou seja: "versão moderna e adaptada da mercadologia empresarial. Aparentemente sofisticado, o exercício é simples e deve anteceder a qualquer projeto, seja de promoção ou de política global de atividades."¹¹⁷

A análise feita pelos autores do *EPT* de como levar adiante a estratégia de *marketing social* explicita como o movimento era constituído por uma lógica voltada ao mercado:

"Uma forma de levar adiante esta análise, seria a adição dos modelos de marketing: o "mercado"(a sociedade no caso) está evoluindo para a autonomia;

¹¹⁶ COSTA, Lamartine Pereira. *Avaliação: Visão Global*. In: *Teoria e Prática do Esporte Para Todos*. 1982-1983. P, 382. Grifos meus.

¹¹⁷ COSTA, Lamartine Pereira. *Afinal: O que é o Esporte para Todos*. In: *Teoria e Prática do Esporte Comunitário e de Massa*. P,18.

o “*produto*”(as atividades desportivas) já não é mais monopolizável por categorias profissionais e institucionais, em face da crescente circulação de informações sobre o assunto e o surgimento de “*embalagens*”(percepção dos benefícios e características dos desportos) e de “*conteúdo*”(modos e métodos de práticas) mais acessíveis à *compra*”.¹¹⁸

A partir da leitura de Ana Márcia Silva (2001) este tipo de publicidade tenta nos ensinar como nos comportar na sociedade de consumo. Silva denuncia que essa *nova moralidade* assim gestada é resultado dessa fase atual do liberalismo econômico e do individualismo: a garantia de cidadania pela propriedade, a crença na autonomia e na independência do indivíduo. Ao tratar a sociedade como *mercado*, o *EPT* engendra formas sutis e eficientes de dominação. Isso não deixa de ser uma forma perversa de ver o outro, ou mesmo a sua incapacidade, resultado do individualismo contemporâneo que rompe com os elos afetivos de intimidade, devorado pela lógica da mercadoria.

O *EPT* defendia que o esporte seria um *meio* para o indivíduo alcançar a *autonomia* e a *independência*. No entanto, esse modo de pensar o esporte resulta de um projeto de sociedade que privilegia a eficiência, a produtividade, que impõe seus critérios e sua normalidade. Esse é o motivo pelo qual as práticas esportivas são amplamente divulgadas e incentivadas, pois como possibilidade de divertimento e disciplinamento, tornam-se reveladoras de um modelo social.

Lefebvre (1991) sublinha que para responder as exigências de uma sociedade em que o valor consumo é muito importante, buscam-se também uma *nova ideologia*. É o que ele chama de *ideologia da felicidade* pelo ato de consumir, a qual parece parte integrante da ideologia de consumo e da ideologia da tecnicidade. É importante perceber que para os autores epetistas estava em formação no país uma sociedade de consumo

¹¹⁸ Idem. P, 16.

naquele momento histórico. Esta ideologia da felicidade estava presente de forma marcante nas diretrizes do movimento:

"Gente EPT participa desta maneira, melhorando a sua vida e a dos outros, sendo mais feliz e trazendo a felicidade aos outros. Gente EPT é feliz e faz outras pessoas felizes.(...) Você a esta altura já deve ter percebido que, embora muita coisa tenha sido dita em relação a como pode ser a sua participação, o que na verdade é fundamental, é a sua participação. Participe como puder mas participe. *Não fique olhando a vida passar.*"¹¹⁹

Ainda sobre essa relação que fazemos entre felicidade e consumo, Alexandre Vaz (2000) sublinha que a felicidade constitui a referência absoluta da sociedade de consumo, revelando-se como equivalente autêntico da salvação. Assim, o discurso da sociedade moderna inscreve-se sob toda promessa de felicidade. Segundo Vaz, isso vale para a relação que temos com nossos corpos, que tipo de felicidade essas novas técnicas corporais irão nos proporcionar. Sobre essa relação entre felicidade e consumo o *EPT* expressava-se afirmando ser fundamental "fazer valer a vontade popular para uma vida mais esportiva, com prazer, alegria e criatividade."¹²⁰

Os cuidados com o corpo vão se tornando uma característica do indivíduo moderno, que vivencia o desenvolvimento do mercado dos produtos e serviços voltados para o corpo. Assim, utilizando *técnicas modernas* para *vender* o seu "*produto*," os anúncios *EPT* de mídia impressa tentavam convencer as pessoas da necessidade de incorporar no seu tempo livre a prática esportiva "*para criação de hábito.*"

O esporte na década de 1970 ganhava esse caráter democrático e festivo, devendo despertar nas pessoas novos "hábitos". A prática do esporte sugerida pela mídia nas televisões, nas revistas e nas praias incentivava o corpo a desvelar-se em público. A campanha promovida em 1975 pela Secretaria Municipal de Esportes de São Paulo

¹¹⁹ Rede Nacional Esporte para Todos. Princípios Básicos. Manual técnico. P, 6. Grifos meus.

¹²⁰ Manual Técnico. Rede Nacional. *Esporte para Todos. Princípios Básicos.* P, 2-3.

Ginástica Para Todos anunciava, “pegue seu tênis, calção, agasalho, e ainda uma toalha grande ou esteira e esteja pronto para fortalecer o seu físico e suas amizades”¹²¹

Instalava-se a busca da "aparência sã". O esporte passou a rimar com saúde, elegância e bons hábitos. Mas o *EPT* deveria “transmitir, sobretudo, um ideal ou mais uma *corrente prá frente.*”

Portanto, a adesão à prática esportiva de massa incentivada pelo *EPT* não foi concebida por seus idealizadores, como veremos no decorrer do nosso estudo, como simples distração popular, apesar de seu caráter festivo. O movimento era constituído por uma certa militarização dos corpos, afinal o esporte era interpretado como um fator de integração familiar, devendo *despertar a espontaneidade, o espírito de improvisação e o sentimento popular, comunitário e cívico.*

Desta forma, o movimento *EPT* se constituía como uma *pedagogia do cidadão*, difundindo desde o culto à pátria, a normas de higiene, cuidados com a saúde da família, e da comunidade. Essa *pedagogia* apontava para uma hábil utilização do tempo, e ainda que os métodos praticados pela arte da guerra cotidiana não se apresentassem aqui de forma tão nítida, as táticas usadas não se distinguem das maneiras de agir de um procedimento militar. Quer dizer, transformar em situação favorável o instante preciso de uma intervenção. Instante este constatado nos *Princípios Básicos do EPT*, quando afirmava ser preciso “estimular oportunidades de melhoria do bem-estar físico, mental e espiritual do povo através de atividades físicas e recreativas ao alcance das diferentes comunidades.”¹²²

De uma maneira mais geral, o esporte era entendido dentro do movimento *EPT* como um mecanismo capaz de inspirar os valores nobres, educar as massas, favorecer a

¹²¹ Revista de Desporto Ano II nº 17, setembro de 1977, p. 07.

¹²² Idem. P, 2.

regeneração moral e física dos cidadãos. Para seus idealizadores, o *EPT* deveria ainda “Reforçar a dedicação e união nacional em torno das origens, tradições, costumes etc. de nosso povo.”¹²³

Essas manifestações de higienismo social emergiam com mais nitidez com a preocupação desses autores epetistas em educar moralmente os indivíduos através do esporte para a uma “vida” em sociedade. Por isso o *EPT* era justificado como um excelente meio de “*integração social.*”

Sob este aspecto, o *EPT* asseguraria o aparecimento e o desenvolvimento de valores morais e sociais através das práticas esportivas, como se a população fosse antes desprovida de “tais qualidades”. Sendo assim, a comunidade era incentivada a se organizar para avaliar em conjunto sua própria realidade, mas o movimento dizia ser fundamental “modificá-la dentro de suas possibilidades”¹²⁴ Nenhuma referência é feita à possibilidade de reivindicação de melhores condições de vida para a população, a perspectiva aqui era, cada vez mais clara, moldar o indivíduo ao seu meio.

No entanto, as promoções *EPT* deveriam se adaptar às *condições* de cada localidade, “*bem como de suas posses e tempo livre disponível.*” O movimento epetista, por mais que seus idealizadores neguem, tentava se apresentar como *novidade*, mas de modo a não perturbar *hábitos* e expectativas, ser portador de mensagem legível e compreensível para o maior número de espectadores ou leitores. O esporte se transforma em artigo de consumo. Talvez aí caiba a pergunta: *para todos?* O *EPT* em seu discurso expressa sua contradição, a *adaptação das promoções e a sua divisão* é reveladora de que as atividades esportivas de lazer não aconteciam da mesma forma *para todos* os segmentos sociais.

¹²³ Idem. P, 3.

¹²⁴ Idem. P, 2.

Adorno escreve em sua crítica a *indústria cultural* "que a abolição do privilégio educacional através do mecanismo de vendas de produtos culturais não abre para as massas as esferas das quais foram anteriormente excluídas, mas, dadas as condições sociais existentes, contribui diretamente para a decadência da educação e o progresso da inexpressividade bárbara." (MATOS, 1993, p.69). Tais questões não se apresentam de forma clara e transparente aos indivíduos, uma vez que a "pedagogia social" proposta pelo EPT encobria, na verdade, toda uma série de estratégias que fundam a competição, a violência e a desigualdade. Operando segundo uma normalização de valores, desejos e atitudes, tal pedagogia afirmava que os meios de comunicação modernos permitiam o acesso da massa aos bens culturais *quando simplificados*. No entanto, esse é um dos elementos que torna a *indústria cultural* não democrática. A mídia transmite uma cultura elitizada de tal forma que a educação retorna à condição do *segredo*. Para Adorno, "a luta contra a cultura de massa só pode ser levada adiante se mostrada a conexão entre a cultura massificada e a persistência da injustiça social." (MATOS, 1993) No entanto, o que percebemos no discurso epetista é o contrário pois "o *mercado* existe cobrindo todos os níveis de renda, variando o *produto* na sua embalagem e no seu *conteúdo*"¹²⁵

Para as camadas populares era necessário *inventar, improvisar equipamentos para todos*. Trata-se do famoso "faça você mesmo"; "*Com este cabide, meias velhas e um rolo de fita adesiva faremos uma raquete*"¹²⁶ Assim, evitava-se a complexidade, oferecendo produtos simplificados, que reforçam a demagogia da facilidade; "*veja quantas coisas podemos fazer com pneus e cordas velhas.*"¹²⁷ Portanto, o esporte não era *para todos*, e

¹²⁵ Princípios Básicos do Esporte para Todos. P, 17. grifos meus.

¹²⁶ *Equipamento esportivo para todos*. In: Rede Nacional Esporte Para Todos. Princípios Básicos. P,19.

¹²⁷ Idem.

nem o podia ser, pois o que percebemos na teoria e prática do *EPT*, na sua produção de conhecimento, é o esvaziamento de toda crítica social.

Um outro elemento importante na constituição de um marketing social, dentro das estratégias de consolidação do *EPT*, diz respeito a sua dimensão publicitária. Através, dos seus muitos *slogans*, o movimento *EPT* ensinava homens e mulheres a cuidar da saúde e da beleza como caminho seguro para a felicidade individual, e/ou um *caminho pessoal de saúde*. Afinal, a indústria cultural, através dos meios de comunicação, modela o imaginário, cria, recria, introjeta personagens, atitudes e ideais.

Com o objetivo de mobilizar a sociedade brasileira para a prática da atividade física, a Rede Globo de Televisão lançou em 1975 a campanha "*MEXA-SE*", promovida pelo Unibanco, sob assessoria técnica de Lamartine Pereira da Costa.

“A campanha promovida pelo Unibanco (*MEXA-SE*) a quatro anos deu o empurrão definitivo. Nunca um slogan foi tão acatado. Os brasileiros começaram a se mexer e nunca mais pararam.”¹²⁸

Essas campanhas seguiam uma tendência internacional naquele período, quanto à utilização dos meios de comunicação de massa como suporte para o movimento esportivo. Seguindo essa *tendência internacional*, a campanha brasileira tomou como exemplo a campanha australiana “*Life be in it*”, feita exclusivamente pela televisão.

No entanto, apesar do sucesso da promoção da atividade física através da campanha “*MEXA-SE*”, para os seus idealizadores, a televisão apenas “predispunha” o espectador à prática da atividade física. Para dar um passo adiante era necessário um projeto mais elaborado, que tornasse o esporte um “hábito cotidiano”.

¹²⁸ Revista Veja. Nº 578, 03 de outubro de 1979.

Nesse sentido, torna-se ilustrativo o padrão de corpo/movimento imposto pelo *EPT* em sintonia com o ideal desenvolvimentista do período. A semelhança com os enunciados do Estado ufanista fica patente neste slogan:

"Este é um pé que vai pra frente. Caminhando, você conhece sua cidade mais de perto. E faz amigos"¹²⁹

O padrão corpo movimento estava na ordem do dia:

"Vamos conquistar a cantareira. A pé.

"Caminhar é preciso. II subida a pá da serra da Cantareira.

"Você pode fazer novos amigos. Você pode manter o bom preparo físico. Você pode conhecer lugares. Você pode valorizar o seu tempo de lazer."¹³⁰

Os jornais da época noticiavam as promoções com entusiasmo. Vejamos algumas:

"A imensa maioria dos participantes enfrentou com galhardia a árdua caminhada e a torrencial chuva que desabou sobre eles, em quase todo percurso."¹³¹

Um outro jornal sintetizava o entusiasmo dos participantes:

"Nos primeiros dois quilômetros muita gente ameaçou desistir, mas a distribuição de camisetas e refrigerantes restabeleceu o ânimo dos mais cansados."¹³²

Courtine (1995) sublinha que dessa maneira ocorre a transformação da cultura em um “guia prático” para se viver corretamente (orientando a alimentação, a sexualidade, o trabalho, o gasto, o lazer), constituindo-se em um poderoso elemento de intimidação social. Deste modo as campanhas esportivas do *EPT* tentavam convencer também cada indivíduo de que estaria fadado à exclusão social, se cada experiência sua não fosse

¹²⁹ Esporte Para Todos. Anúncio de mídia impressa. Promoção MEC, DED, MOBREAL, e prefeitura da cidade de São paulo, 1977. In : Teoria e Prática do Esporte Comunitário e de Massa. P, 203.

¹³⁰ Idem.

¹³¹ *Jornal da República*. 26/11/1979. In: Teoria e Prática do Esporte Comunitário e de Massa. P, 203.

¹³² *Folha da Tarde*. 26/11/1979. In: Teoria e Prática do Esporte Comunitário e de Massa. P, 203.

precedida de informação cultural. Estar informado significava interiorizar as normas do “bem viver.”

Isolando os dados da realidade da vida dos indivíduos sem problematizá-los, o *EPT* confirma uma certa superioridade de uns sobre outros, usando o *marketing* adequado ao momento sócio-político brasileiro e isso aparecia de forma naturalizada, pois segundo prerrogativas de uma de seus principais formuladores “o que está surgindo é um conjunto de iniciativas para atendimento das forças de demanda social quanto ao lazer ativo.”¹³³ Mas para o referido autor o atendimento às camadas sociais quanto ao lazer ativo deveria acontecer em graus e estilos diversos. Assim, justificava-se a desigualdade social, racial e entre sexos como se fosse, “simplesmente em razão da *variedade natural* das tendências e *disponibilidades materiais* das pessoas, bem como da diversificação dos meios e modos da prática desportiva surgida nos últimos anos.”¹³⁴

Foucault (1988) sublinha que a sociedade tecnocrata, investindo sobre o corpo, destacou-o, elevando à categoria de produto consumível. Nesse sentido, a sociedade de consumo fez com que as pessoas falassem do corpo, se preocupassem com ele e investissem nele. Ao tratar a sociedade como um “*mercado*”, o movimento *EPT* não apenas difunde maneiras corretas de se comportar socialmente, como procura gerar também necessidades e expectativas massificadas. Assim como em outras épocas, o projeto de sociedade defendido pelo movimento *EPT*, bem como sua lógica de funcionamento, era a homogeneização da sociedade e o amaciamento dos conflitos sociais.¹³⁵

¹³³ Costa, Lamartine Pereira. Afinal: *O que é o Esporte para Todos*. In: Teoria e Prática do Esporte Comunitário e de Massa. P, 16. Grifos meus.

¹³⁴ Idem, p. 16.

¹³⁵ Segundo Nobert Elias (1994) o processo civilizador não segue uma linha reta. A tendência geral da mudança pode ser identificada, mas em escala menor. No *EPT* observamos os mais diversos movimentos que se entrecruzam, mudanças e surtos nesta ou naquela direção. A difusão do esporte entre ambos os sexos e *para todas* as idades pressupõe um padrão muito elevado de controle, um padrão de modelação que impõe

Esta perspectiva fica bem delineada nos pressupostos básicos para as atividades do *EPT*:

“Assim, a adaptação das promoções às condições de cada localidade depende de seus habitantes e de suas lideranças, *bem como de suas posses e tempo livre disponível*. Desse modo não se deve iniciar as atividades por práticas complicadas e desconhecidas do *cidadão comum, do homem do povo*. Já sabemos que há uma *predisposição natural*: o futebol, para citar o exemplo mais reconhecido, acontece em qualquer lugar do Brasil, onde seja possível improvisá-lo.(...) *O povo que se movimenta é mais saudável e alegre.*”¹³⁶

A citação acima revela que as marcas desse movimento esportivo no esforço civilizador brasileiro podem ser evidenciadas também na grande explosão ocorrida nos meios de comunicação de massa. Afinal *EPT* estava inserido num contexto mundial de uma modernidade capitalista, ou seja, o regime militar queria construir uma nação moderna e capitalista baseada numa sociedade de consumo.

Todavia, mais do que consumir, era preciso enquadrar a "massa", dirigi-la, orientá-la:

“Evidentemente, a massa pode ser um meio de comunicação mas sempre depende de outros meios que lhe dão origem e orientação. O fenômeno, no caso, é de realimentação: *a massa necessita de um espelho que mostre sua própria força, sua vontade e seu sucesso.*(...)”¹³⁷

No entanto, o corpo individual/social do qual a *massa se espelhava* no movimento *EPT* era aquele que carregava consigo uma certa funcionalidade atrelada aos dispositivos de controle e disciplina, típicos das sociedades capitalistas.

renúncias e transformação no indivíduo, com vastas conseqüências para a vida humana. Para Elias, não deixa de ser paradoxal o fato de que, à medida que aumentam o controle, a restrição e o ocultamento de ardores e impulsos que são exigidos do indivíduo pela sociedade, por conseguinte se torna mais difícil o condicionamento dos jovens, bem como a tarefa de instalar os *hábitos*. As marcas desse movimento esportivo no esforço civilizador brasileiro podem ser evidenciadas na grande explosão ocorrida nos meios de comunicação de massa.

¹³⁶ Costa, Lamartine Pereira. *Pressupostos Básicos para Atividade de EPT*. In: Teoria e Prática do Esporte Comunitário e de Massa. P, 42. Grifos meus

¹³⁷ ¹³⁷ Costa, Lamartine Pereira. *A Dimensão Publicitária do EPT*. In: Teoria e Prática do Esporte Comunitário e de Massa. P, 192

Contraditoriamente, não era um corpo/movimento que se encaminhava segundo finalidades de autonomia individual, mas segundo a direção estabelecida e indexada pela produção e consumo. Os formuladores do *EPT*, assim justificavam os dispositivos de controle e disciplina das "massas":

"As religiões e os partidos políticos através dos tempos, usaram as grandes concentrações populares como mídias em relação ao próprio povo. É possível que as mídias eletrônicas e impressas da atualidade, como também a própria organização da vida moderna, todas caracteristicamente individualizadora, tenham colocado em segundo plano a alternativa da massa como mídia".¹³⁸

O *EPT*, através do que seus idealizadores chamavam "Dimensão Publicitária", conseguiu mobilizar notáveis dispositivos de comunicação, como televisão, rádio, revistas, revistas em quadrinhos, jornais, entre outros.

O sucesso da dimensão publicitária do *EPT*, de acordo com o próprio Lamartine, consistia em:

"saber misturar em *proporções ótimas, ou no mínimo sem contradições*, uso de agentes (...) com o grau de intervenções das instituições e com o uso dos meios de comunicação de massa, não esquecendo a *adequação das mensagens publicitárias*."¹³⁹

Todavia, durante toda a década de 1970, principalmente com o aumento significativo da população urbana brasileira, os eventos esportivos possibilitavam não apenas transformações no espaço público, mas traziam, sobretudo, conseqüência física sobre o corpo de cada indivíduo, isolado ou misturado à multidão. (SCHUN,1999) Os pés do gigante pela própria natureza não podiam parar:

"Os exemplos pertinentes de promoções de atividades de massa são o 'passeio e corridas de bicicletas' e o 'passeio e corridas a pé', os mais universalmente aceitos e que conseguem grande efetividade na obtenção de *impacto promocional*. Do lado das atividades para grupamentos médios e pequenos

¹³⁸ Idem. P, 192.

¹³⁹ COSTA, Lamartine Pereira. *Afinal: O que é o Esporte para Todos*. In: Teoria e Prática do Esporte Comunitário e de Massa. P, 18. Grifos meus.

citaremos a 'rua de lazer' e a 'colônia de férias', as duas contribuições brasileira para o elenco de promoções do mov. EPT.”¹⁴⁰

Eram aqueles os tempos na crença do Brasil da modernização e do desenvolvimento. O projeto econômico de industrialização voltado para os bens de consumo, e a concentração da população em grandes centros, mudavam a cara de nosso país. Nesse contexto, era necessário fazer circular as informações, principalmente no que se referia aos feitos e projetos esportivos que dessem conta de enfrentar os desafios da vida moderna.

A ênfase dada à Educação Física e aos esporte como um “*recurso indispensável à política educacional*” na década 1970, fez com que os idealizadores do EPT dividissem o programa de massificação esportiva em quatro “dimensões”. Eram elas: *Dimensão cultural; Dimensão Educacional; Dimensão de Comunicação; Dimensão de saúde*. Mas é importante ressaltar que todas elas estavam interrelacionadas no discurso que oscilava entre uma perspectiva de saúde e bem-estar individual e saúde bem-estar social.

Desta forma tornava-se mais eficiente a busca por adesões e participação para determinadas “ações” a serem desenvolvidas, principalmente as que necessitassem de envolvimento *voluntário*, pois segundo um dos interlocutores do EPT George Takahashi eles eram:

“membros de entidades relacionadas com atividades esportivas, funcionários governamentais ou simples cidadãos interessados em trabalhar pelo esporte ou pelo *progresso do povo brasileiro*, (...)os *voluntários* existem por toda parte independente de idade, sexo e condição econômica, (...) são *sempre patriotas* e bastante ligados a comunidade onde vivem.”¹⁴¹

¹⁴⁰ Costa, Lamartine Pereira da. *Pressupostos Básicos para Atividade de EPT*. In: *Teoria e Prática do Esporte Comunitário e de Massa*. P, 36. Grifos meus.

¹⁴¹ TAKAHASHI, George. *Fundamentos da Mobilização no EPT*. In: *Teoria e Prática do Esporte Comunitário e de Massa*, p. 173.

Afinal, o que estava em jogo era um grande projeto de controle e intervenção social por meio da prática esportiva e a construção de uma pedagogia social que fundamentalmente se sustentava na massificação através do controle do corpo nas suas diversas manifestações, como o bom uso do tempo de lazer, o desenvolvimento de hábitos e atitudes sadias e, principalmente, o desenvolvimento de sua docilidade. Entretanto, as técnicas disciplinares não aparecem somente na produção de corpos dóceis e úteis. Foucault (1998) esclarece que elas abrangem, principalmente os recursos para o bom adestramento, utilizando-se para isso do controle, que vai possibilitar, ao mesmo tempo, observar, treinar, dividir, registrar, suscitando atitudes e hábitos de submissão e produtividade. E os fundamentos do *EPT* não deixavam dúvidas de tal intenção:

“(...) *obedecendo apenas as linhas mestras de ideologia do Esporte para Todos. Espera-se também do voluntário uma atuação na justa medida, sem exageros que o faça abandonar a missão... é a transformação da paixão em ações.*”¹⁴²

A adoção do esporte como uma forma de aperfeiçoamento e domínio maior do corpo manifestava-se na preocupação excessiva de relacionar o esporte como forma de “*integração ao meio social*”. Escrevendo sobre os “*Princípios do Esporte para Todos*” Lamartine P. da Costa ponderava:

“O entendimento do esporte como fator de saúde tem acompanhado de perto a interpretação do esporte como meio educacional.”¹⁴³

Interessante perceber como o discurso sobre a saúde agora ganha novos contornos. Apesar da preocupação com os níveis de saúde da população, o problema não era discutido em torno das condições sociais, políticas e econômicas do país naquele momento, mas como um “*caminho pessoal de saúde.*”

¹⁴² Idem. P. 173. Grifos meus.

¹⁴³ COSTA, Lamartine Pereira. *Teoria e Prática do Esporte Comunitário e de Massa*. Rio de Janeiro: Palestra, 1981, P 12.

No entanto, os esportes, não estavam sozinhos nessa mobilização dos corpos, eles eram apenas mais uma faceta da indústria cultural no pós guerra que ensinava homens e mulheres a cuidar do binômio saúde- beleza com se fosse o caminho seguro para a felicidade individual.

Percebe-se no *EPT* a continuidade de um projeto de assepsia social. No início do século XX, políticos, médicos, educadores, engenheiros, etc, imbuídos de saber científico e ideais nacionalistas, com o intuito de “salvar a nação,” se uniram numa “cruzada eugênica,” reinventando um novo corpo social, que implicava a aceitação da ordem e da disciplina e por isso a importância de se investir na educação popular.

O que poderíamos chamar de “novo” no governo militar eram as “práticas esportivas” como dispositivo higienizador e o desenvolvimento do *EPT* como fenômeno de massa. Ou seja, o esporte era adotado como referencial de uma sociedade “moderna”, “civilizada”, calcada nos princípios de competição, rendimento, individualismo, mensuração e produção. E o Brasil para se firmar como país moderno teria que abrir-se às necessidades dessa “nova” etapa da civilização.

Essa intervenção no corpo através do processo educacional se dava utilizando os mecanismos de bio-poder, poder exercido sobre o corpo, ampliando aptidões, de modo que se obtivesse o máximo de utilidade com o máximo de docilidade. Poder que se exercia sobre toda as esferas da vida humana, como se pudesse com seus tentáculos que a tudo abarcam controlar: a família, o trabalho, a sexualidade, o lazer, a atividade física e a política, enfim, um poder que se exercia sobre o corpo biológico, onde se pensava ocorrer todos os processos do ser vivo.

Capítulo V

A Revista Comunidade Esportiva e o EPT

5 - A Revista Comunidade Esportiva e o EPT

No início da década de 1960, o esporte vinha se constituindo como um relevante fenômeno cultural e tendência internacional no que se referia ao campo de conhecimento, emergindo as Ciências do Esporte. Foi nesse período no Brasil que se constituiu o *Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte* (CBCE), que é a maior e mais significativa entidade de cunho acadêmico- científico da área de Educação Física no país desde então.

Entretanto, é importante salientar, que a criação de uma entidade científica naquele momento histórico significou, para Educação Física no Brasil, o avanço técnico científico, aspecto bem afeito à política desenvolvimentista do período. Segundo Oliveira (2003), essas mudanças ocorreram por ser a Educação Física uma prática cultural profundamente imbricada com outras práticas culturais que mudavam também, como por exemplo, a produção científica. Isso implicar numa compreensão da cultura como campo de disputa de relações de poder, de conflito e de dominação. A escolha de certos conhecimentos, ou seja, as verdades científicas que o governo priorizava, estava

diretamente relacionada às necessidades e os interesses do projeto hegemônico do período autoritário.

Assim, no contexto da década de 1970, para os formuladores do *EPT* fazia-se necessário dotar a Educação Física de métodos *modernos* para iniciação esportiva. Por isso era preciso incorporar nos cursos de Educação Física de todo país a disciplina já citada anteriormente, *Educação Física Permanente*, que deveria preparar os alunos para aplicar e desenvolver programas ligados a atividades físicas de lazer.

O *EPT* desta forma era caracterizado como um *moderno conceito* de desenvolvimento do esporte de massa por muitos professores de Educação Física, e inclusive como possibilidade educativa *para as massas* naquele momento. Além disso, era importante para os idealizadores do *EPT* que os alunos dos cursos de graduação em Educação Física se tornassem “agentes multiplicadores do novo modelo ideal.” O que constituiria, segundo prerrogativas *epetistas*; “a *alavanca* para o reconhecimento e *fixação dos métodos modernos* de preparo físico num fenômeno de indução do exterior (adoção em massa) para o interior da Educação Física (teoria e prática adotadas pelos profissionais)”¹⁴⁴

Em meio às discussões sobre a dimensão do “esporte moderno” na área de Educação Física, o livro de Lamartine Pereira da Costa intitulado, *Teoria e Prática do Esporte Comunitário e de Massa*, torna-se um divisor de águas.

Lamartine defendia uma organização racional e científica para a abordagem “espontaneísta”, de “improvisação” da Educação Física. Isso tudo através do “esporte organizado” e da construção de um “método” para a “improvisação”, justificado pela nossa condição econômica desfavorecida.

¹⁴⁴ *Fundamentos do Esporte para Todos 1983*. MEC, p.2. Grifos meus.

Desta forma, o apelo por uma “teorização” e “prática” do esporte em conformação com nossa realidade econômica, social e cultural, representaria a possibilidade de dotar o *EPT* de legitimidade, de um reconhecimento social através da racionalização de suas práticas, em plena consonância com a ciência. Nessa perspectiva, então, com Siebert (1995), poderíamos dizer que esse modelo de ciência é o meio de transformar uma ação comunitária em ação societária racionalmente ordenada.

No entanto é importante entendermos que o conhecimento científico produzido nesta época apresentava uma perspectiva fortemente pragmática de utilidade do saber para produzir o progresso. Uma concepção de ciência como forma de prever e controlar o futuro, mas, acima de tudo, para se controlar, colocar sob domínio a natureza humana, educar o físico dos indivíduos, submetendo-os a sua “natureza” normativa, estava em plena consonância com o saber produzido naquele momento histórico. Portanto, o papel do esporte nesta biopolítica tão ocidental, aplicado "para todos", sugere que ele estava definindo as normas de saúde e de beleza e lazer, desenhando uma temporalidade racional, autônoma e exemplar. Nesse sentido o esporte simplifica e unifica, figurando como fenômeno da sociedade moderna.

Alexandre Vaz (2001) nos lembra que a experiência moderna reconhece no movimento corporal um de seus temas privilegiados. Tudo isto, por sua vez, associa-se à idéia do bom desempenho, isto é, do aperfeiçoamento profundo do corpo, a ser viabilizado por meio de práticas as mais diversas. O autor sublinha ainda que o esporte, por seu caráter prescritivo, trabalhou muito bem com essa idéia de progresso infinito, corporificado em medidas de tempo e espaço, servindo portanto de instrumento ideológico e político.

A revista *Comunidade Esportiva* foi o veículo por excelência dessas novas idéias, Editada em 1980 como *Jornal*, foi transformada posteriormente em revista bimestral

por um "*grupo de voluntário*." Na perspectiva de seus artífices, a revista *Comunidade Esportiva* "foi idealizada como instrumento de troca de informações entre promotores de eventos, constituindo uma inovação tendo em vista o caráter de congregação de pessoas e entidades com objetivos comuns."¹⁴⁵

Esse grupo de "*voluntários*" era composto pelos mesmos formuladores do projeto do *EPT* no Brasil. Basta para isso que se faça uma leitura do quadro editorial da *Comunidade Esportiva*, que inclui a assessoria técnica de Lamartine Pereira da Costa, a consultoria de Person Cândido Matias, a figura de George Takahashi representante da *Subsecretaria de Esporte para Todos* (SUEPT) na Rede *EPT*, entre outros. Foi nesse momento que a indústria editorial passou por um processo de modernização, com a importação de novos maquinários, incentivados pelo governo que implementou uma política para a indústria gráfica. (Ortiz, 1988).

As inovações irão se refletir não só no aprimoramento da qualidade do impresso, como no volume da produção que encontrava um mercado receptivo. Além disso, já se esboçava a tendência do setor de publicação de diversificar cada vez mais com o surgimento de públicos especializados que consumiam produtos diretamente feitos para eles: esportes, culinária, revistas infantis, fotonovela, sexo entre outras. *Comunidade Esportiva* era uma revista direcionada principalmente aos profissionais de Educação Física, com distribuição gratuita.

A revista também tinha outros objetivos, pois destinava-se "também a apoiar o Movimento '*Esporte para Todos*'- *EPT*, tanto na tradição brasileira como nas diferentes interpretações internacionais"¹⁴⁶

¹⁴⁵ Editorial *Comunidade Esportiva*. Nº 13- março/abril/1981.

¹⁴⁶ Editorial *Comunidade Esportiva*. Nº 24/25/26. Maio/outubro- 1983.

Criada em 1980, a revista *Comunidade Esportiva* tinha uma outra característica fundamental, pois além de ter sido criada por um grupo de voluntários, era apoiada por trabalho não remunerado: patrocínios, doações e anúncios.¹⁴⁷ A publicidade, principal fonte de renda de qualquer periódico, contava com parcerias de empresas privadas, como por exemplo a Rede Globo de Televisão, representada pela fundação Roberto Marinho, que apoiava programas de iniciação desportiva no Rio de Janeiro. Seu principal parceiro era o MOBRAL com a SEED/MEC.

O apoio de tais instituições, visava sobretudo criar "uma verdadeira *agência de informação* que pudesse multiplicar as iniciativas de EPT, cobrindo todo o país."¹⁴⁸ A fala de Cláudio Moreira, então presidente do MOBRAL, é sugestiva quando afirma que "o MOBRAL está adaptando a infra- estrutura da 'Comunidade Esportiva' e do seu Sistema de Difusão a fim de criar uma verdadeira *agência de informação*".¹⁴⁹

Segundo Ortiz (1988), a constituição de um sistema de comunicações economicamente forte, dependente de publicidade, passa, no caso brasileiro, necessariamente pelo Estado. E o mais interessante na implantação dessa *agência de informação epetista* é que a evolução do mercado de propaganda no Brasil está intimamente associada ao Estado, que é um dos principais anunciantes. Essa poderosa infra-estrutura, no que tange à comunicação, era assim expressa pelo então presidente do MOBRAL:

"Além desta revista, 6.500 veículos de comunicação de massa transmitirão noticiários e informações técnicas de modo voluntário. Para isso o MOBRAL reformulou seu sistema de mala direta, passando a distribuir matérias escritas

¹⁴⁷ Idem.

¹⁴⁸ Moreira, Cláudio. *Presidente do MOBRAL*. In: editorial Comunidade Esportiva. Nº 16 setembro/outubro 1981.

¹⁴⁹ Idem.

para esses jornais, estações de rádio e serviços de auto-falante somando-se às 25 mil remessas da 'Comunidade Esportiva.'¹⁵⁰

Não há aqui, portanto, conflito entre o desenvolvimento da revista *Comunidade Esportiva* e a *censura* de Estado, prática comum naquele contexto. Era o governo através de suas agências que detinha o poder de distribuição e sobrevivência da *Comunidade Esportiva*, afinal era o Estado repressor que fundamentava suas atividades. Isto acontecia também pelo fato de ser o polo militar incentivador e responsável pelo crescimento da indústria cultural e do próprio desenvolvimento brasileiro.

Evidentemente que a censura "excessiva" era um incômodo, mas, na fala dos que estavam envolvidos com o *EPT*, a revista *Comunidade Esportiva* era um veículo *aberto* que atendia às inquietações das pessoas que buscavam entre si um vínculo de informação na área do esporte popular, comunitário e de massa. Como o próprio Lamartine Pereira da Costa afirmava, tratava-se de um “veículo aberto a pessoas e organizações atuantes no desporto comunitário e de massa”¹⁵¹ e um “instrumento de informações entre os promotores de eventos.”¹⁵²

Portanto, a *Revista Comunidade Esportiva* representou uma etapa importante no processo de divulgação do *EPT*. A preocupação em dar um caráter “científico” é visível no decorrer dos inúmeros artigos e editoriais do jornal, associando o esporte comunitário e de massa, complemento à Educação Física/desporto, numa clara tentativa de legitimação das idéias expostas. Com uma tiragem inicial em 1980 de 3.000 exemplares, passou para 5.000 no segundo número, dobrando no terceiro número, para atingir 25.000 em 1981.

¹⁵⁰ Idem.

¹⁵¹ Costa, Lamartine Pereira. *Teoria e Prática do Esporte Comunitário e de Massa*. p

¹⁵² Idem.

O aumento sucessivo da publicação do *Comunidade Esportiva* demonstra o grande interesse dado pelos profissionais da área ao periódico, como mais uma forma de aprofundar conhecimentos técnicos e científicos.

Esta postura científica era expressa de maneira clara em seus muitos editoriais como por exemplo:

"O sistema ora implantado tem por objetivo obter coordenação por meio da troca de informações entre os próprios participantes. Naturalmente a evolução teórica será ordenada a partir deste intercâmbio, tendo como base a SEED-MEC que organizará eventos de retorno destas informações já sob forma de teoria e metodologia (*cursos, seminários, publicações, currículo do ensino superior de Educação Física etc.*)"¹⁵³

A intenção de inserir o *EPT* no currículo do ensino superior de Educação Física é nítida, mas para que isso fosse possível era necessário construir uma teoria e metodologia para ele. Com o encerramento da campanha em 1979, seus idealizadores se propuseram a editar artigos com fundamentação teórica na experiência brasileira. Esse processo de racionalização do movimento incentivou a realização dos *Congressos de Esporte para Todos*, como forma de "*buscar uma maior fundamentação teórica e impulso na prática do EPT.*" Em editorial de 1982, em seu nº19, Péricles Cavalcante assim se pronunciava quanto a essa questão:

"o nosso objetivo, nessas circunstâncias, é buscar uma maior fundamentação teórica e impulso na prática do *EPT*. Trata-se, enfim, do encontro da SEED-MEC com o seu compromisso histórico com a Educação Física e os Esportes, ou seja: *uma realização de TODOS para crescimento de TODOS na nova forma de entender o esporte.*"¹⁵⁴

¹⁵³ Moreira, Cláudio. *Presidente do MOBREAL*. In: editorial Comunidade Esportiva. Nº 16 setembro/outubro 1981.

¹⁵⁴ Cavalcante, Péricles. *Secretário de Educação Física e Desportos do MEC*. In: editorial Comunidade Esportiva. Nº 19-jul/ago-1982.

É interessante observar que o desenvolvimento da Educação Física passa necessariamente por uma *nova forma de entender o esporte*. O discurso epetista é revelador das disputas entre interesses, concepções científicas, entre teoria e prática, que historicamente acompanham o processo de desenvolvimento da Educação Física no Brasil.

O discurso da revista *Comunidade Esportiva* era redesenhar o Brasil numa perspectiva moderna de país do futuro, uma nação jovem. Esta imagem sugeria que estávamos em fase de crescimento, desenvolvimento. E a Educação Física deveria contribuir para o crescimento de *TODOS*.

Em 1981, segundo Portaria Ministerial nº 522, de 1º de setembro, foi criada a *Subsecretaria de Esporte Para Todos (SUEPT)* na estrutura da Secretaria de Educação Física e Desporto. O *Comunidade Esportiva* foi especialmente beneficiada com a criação desta subsecretaria, que era formada por intelectuais do governo que a utilizavam como órgão divulgador de suas atividades. Rebatendo as críticas sobre o envolvimento do MOBREAL com o EPT, seu presidente realçava que elas eram necessárias ao trabalho na área social pois este percebia "*maior desinformação do que propriamente uma análise das realizações do MOBREAL (...) quando se declara que o 'MOBREAL foge aos seus objetivos, avançando na área de lazer e da massificação do esporte'*"¹⁵⁵

Ainda no tocante a esta questão o presidente do MOBREAL destacava que sua obrigação era o esclarecimento da opinião pública e que os objetivos da instituição da qual era presidente iam de encontro aos do *EPT*, quando este se propunha "catalisar ou reforçar qualquer iniciativa no âmbito da ação comunitária, seja na alfabetização, na cultura popular, na saúde, na profissionalização e outras áreas, incluindo atividades esportivas."¹⁵⁶

¹⁵⁵Editorial *Comunidade Esportiva*. Nº 10 dezembro 1980.

¹⁵⁶ Idem.

Assim, o *Comunidade Esportiva* tornava-se também um boletim informativo sobre as atividades do MOBRAL, algo constatado nas diversas *falas* da instituição nos editoriais da revista. Mas, o editorial revela, sobretudo, que o envolvimento do MOBRAL com atividades esportivas de massa estava sendo contestado. No entanto, essas críticas, dadas como "inevitáveis," eram postas como sendo fruto de *desinformação*, desqualificando assim toda e qualquer idéia contrária aos seus *princípios e normas*.

Por outro lado, ainda a estreita colaboração entre o EPT/MOBRAL, apesar das críticas, tinha a intenção clara de propor uma "*mudança* de toda sistemática de funcionamento dos programas e projetos sociais no Brasil."¹⁵⁷

Apesar da pretensa "democracia," o que prevalecia na revista era a fala dos intelectuais do governo representado por suas instituições. É quase inexistente a fala de líderes das comunidades, mesmo sendo a palavra "participação" retórica no discurso oficial do *EPT*. Trata-se, portanto, de um modelo de projeto social que necessitava para sua implantação da adesão local ou, para ser mais preciso a sua aceitação. A revista *Comunidade Esportiva* contribuiu nesse sentido divulgando em todo país as idéias e atividades epetistas como projeto social inovador de participação comunitária.

O *EPT* tornava-se o foco de *mudança de toda sistemática de funcionamento dos programas e projetos sociais no Brasil*. Portanto, era necessária uma mudança de mentalidade, e para que isso ocorresse, antes de mais nada era preciso adaptar-se, o que significava, entre outras coisas, seguir à risca as "normas", "preceitos" e "princípios" do esporte comunitário de massa. Aqueles, da disciplina, da ordem, da produtividade, e do controle do tempo livre.

¹⁵⁷ Idem.

É sempre bom lembrar que a preocupação com a integração social nesse período tornava-se recorrente e o esporte assumia cada vez mais esse papel *integrador*. Afinal, o lema que orientou os cinco governos militares que se sucederam entre 1964 e 1985 foi "segurança e desenvolvimento". Sendo assim, era preciso "integrar" as regiões e populações no processo nacional de desenvolvimento, prescrição da própria doutrina de Segurança Nacional.

Com base nesse fundamento, criaram-se programas como o *EPT* visando a integração regional e social, programas de baixo custo com a participação da comunidade. Portanto, o papel da revista *Comunidade Esportiva* era expandir a "*Ação Comunitária*" por todo território nacional através de cada novo número editado.

Um dos desdobramentos desta "Ação Comunitária" foi a criação de bases teóricas que pudessem dar sustentação à política de desenvolvimento do esporte de massa no país, assim como teoria e prática do esporte comunitário para a formação de profissionais aptos na implantação de políticas sociais nos moldes do *EPT*. Pois, segundo Arlindo Lopes Corrêa, se isto não ocorresse, correria-se o risco de perder "o *momento histórico de realizarmos a construção nacional de toda uma nova escola de pensamento da ciência dos esportes*, bem como ficaremos vulneráveis a uma invasão cultural, determinada pela importação de modelos estrangeiros."¹⁵⁸

A citação revela também tensões e conflitos existentes no campo da Educação Física e o esporte como meio educativo. Afinal, o *Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte* já havia sido criado desde 1978. Será que essa discussão foi uma tentativa de retirar do cenário as tensões, os conflitos, as contradições e as particularidades que marcaram a ação experimental do *EPT*? O certo é que em 1981 foi editado o já comentado

¹⁵⁸ Editorial Comunidade Esportiva. Nº9-novembro 1980.

livro "*Teoria e Prática do Esporte Comunitário e de Massa*" organizado por Lamartine Pereira da Costa que relatava a proposta inicial e a conseqüente *ação experimental* do movimento *EPT*.

Para Oliveira (2003) essas críticas emergem como desdobramento das experiências políticas vividas naquele período, que era o contexto das campanhas pela anistia, pela redemocratização, pelas *Diretas-já* e pela própria reorganização da sociedade civil no Brasil. Para o autor, a vinculação cada vez mais estreita da área da Educação Física com as Ciências Humanas, entre outras questões, resultaria a emergência de uma produção com forte acento crítico. Seria essa troca de conhecimentos entre as áreas a *invasão cultural* sugerida por Arlindo Lopes Correia? Neste sentido *Comunidade Esportiva* também era portadora de tais tensões:

"Daí o nosso empenho em realçar as realizações locais e de pessoas, procurando um *equilíbrio entre o fato e a técnica*, buscando a motivação necessária ao movimento e à causa do *novo esporte*: a da ação comum, a da comunidade, PARA TODOS."¹⁵⁹

Sendo assim, as tensões resultantes dessas questões políticas passam a refletir-se nos aparelhos de Estado, que para "administrar" as tensões apresentam o "novo" como mais uma forma de concretizar o projeto sempre inacabado do desenvolvimento brasileiro. Portanto, para manter o *equilíbrio* entre o fato e a técnica, o MOBRAL abraçou a *causa do novo esporte* brasileiro. E assim o esporte foi ganhando um caráter cada vez mais preventivo na manutenção da harmonia e do equilíbrio da sociedade.

A fala de Arlindo Lopes Corrêa, então presidente do MOBRAL, deixa transparecer também uma concepção de nação como um todo homogênea e sem conflitos ou interesses divergentes. Neste período as diferenças sociais observadas eram explicadas

¹⁵⁹ Idem.

pelo fato da população pobre encontrar-se *desintegrada* do processo de desenvolvimento. Portanto se fazia necessário a implantação de projetos sociais *integrados* (saúde, educação, cultura, esporte e lazer) sob a forma concreta *nas ações comunitárias*. Portanto é de fundamental importância a afirmação de Arlindo Lopes Correia:

"Nesses termos estamos prontos a cooperar com qualquer organização que pretenda desenvolver iniciativas na área social desde que não desvie nossos recursos financeiros, estes, sim, ainda orientados, na quase totalidade, para a alfabetização, nosso compromisso principal com a Nação"¹⁶⁰

É interessante observar que a política de desenvolvimento esportivo fazia parte de um projeto maior e utilizava a educação como meio de "recuperação" das populações pobres que se encontravam à margem do projeto econômico e social de desenvolvimento. E "integrar" essas populações fazia parte da própria política de Segurança Nacional, segundo a qual a pobreza constituiria uma ameaça às políticas de assistência, já que essas comunidades seriam mais *vulneráveis às investidas da subversão*. Era preciso forjar um "Estado de Bem estar Social" que funcionasse minimamente, mediante tamanho estado de indigência social:

"Diante de tal situação cresceu de relevo e importância a Previdência e a Assistência Social, como fatores indispensáveis à preservação da paz social, atendendo aos mais legítimos anseios do povo e ao desejo do governo, que tem no homem a sua meta e que vê naqueles instrumentos os artificios principais de sua política de formação social (...)"¹⁶¹

Fúlvia Rosemberg (2001) sublinha que esses projetos só foram possíveis porque no final da década de 1970, durante o governo do presidente Geisel, foi estabelecido no país um plano federal de assistência social em consonância com a Doutrina de Segurança Nacional, justamente no período de implantação do movimento *Esporte para Todos* no Brasil (1977-1979).

¹⁶⁰ Corrêa. Arlindo Lopes. Editorial Comunidade Esportiva, nº 10 dezembro 1980.

¹⁶¹ Op. Cit. Rosemberg, Fúlvia. Escola Superior de Guerra. Parágrafo 6.

No entanto, observarmos na década de 1980 a continuidade desses programas políticos. Neste mesmo período o governo federal implantou projetos educacionais semelhantes aos da década anterior, com a adoção de um modelo de baixo custo, e a participação de pessoas leigas como voluntárias, publicidade artesanal, entre outras medidas.

A publicação de *promoções de sucesso* nas páginas da revista *Comunidade Esportiva* eram constantes. O interessante é que os textos foram concebidos enquanto "*meio de ação*" por um grupo que se considerava capaz de colocar a Educação Física no rumo certo. Esclarecer, ensinar, arregimentar e ordenar forças, formar opinião, tendo por arma a palavra escrita, eis o projeto ilustrado dos epetistas decididos a exercer o que acreditavam ser sua missão suprema: conduzir a "nova" Educação Física ou a "integração pelo esporte" no país.

Foi nesta perspectiva que uma matéria publicada em 1980 na revista *Comunidade Esportiva* sobre as atividades recreativas e esportivas desenvolvidas dentro do programa *Esporte para Todos*, realizadas em Canasvieiras, no litoral da Bahia dizia:

"Várias são as promoções de sucesso em Canasvieiras que, desde o início, sempre contaram com a *colaboração de pessoas e órgãos que acreditavam no poder do esporte como forma de integração da comunidade*.(...) A promoção foi da Prefeitura Municipal de Canasvieiras com colaboração do comércio e do Lions Club locais."¹⁶²

Desta forma, a política de promoção social do governo foi ganhando cada vez mais espaço nas páginas da revista *Comunidade Esportiva*. Com intuito de dar sentido de conjunto ao movimento *EPT* pelo país, a revista orientava seus leitores sobre a importância da *ocupação do tempo livre com lazer utilitário* para crianças e adultos.

¹⁶² Sem autor. A Integração pelo Esporte. In: *Comunidade Esportiva*, nº 9- novembro 1980, p. 02.

Esse sentido de conjunto e a estreita ligação com as políticas de promoção social do governo, eram expressas de maneira muito clara nos editoriais de *Comunidade Esportiva*:

"Seguindo as diretrizes do Sr. Ministro da Educação Rubem Ludwig, o MOBRAL dará prioridade ao desenvolvimento do pré- escolar, devidamente compatibilizado com as secretarias Estaduais de Educação."¹⁶³

A revista ainda insistia no fato de que a ocupação do tempo livre com lazer utilitário para crianças e adultos "certamente, encontrará apoio por parte do Público de COMUNIDADE ESPORTIVA, naturalmente envolvido com a Educação Física não-formal, que é a base para a recreação do Pré- Escolar, segundo atual proposta do MOBRAL."¹⁶⁴

Os centros de recreação eram outra forma de implantação das atividades *EPT*. Com características higienistas, estes centros eram voltados primordialmente para o "menor carente", para aprimorar a sua "*orientação moral e social*".

Tal orientação moral e social era assim definida:

"O menor carente é na maioria das vezes, desprovido de oportunidades que lhe possam desenvolver aspectos necessários para uma vida social sadia. Tal realidade exige a conjugação de esforços para utilizar o tempo ocioso desses menores, afastando-os de atividades perniciosas e promovendo programas que venham ao encontro de suas necessidades educacionais e recreativas."¹⁶⁵

Assim, o *EPT* cedia espaço para que a higiene se constituísse como dispositivo de um poder que se ordenava através da norma, no sentido esclarecido por Foucault, de regulação que não se impõe repressivamente, mas por meio de práticas de ação que a tudo normatizam. Por um lado tal controle não deve ser considerado inovador, posto que no decorrer do século XX a higiene conformara a população tornando-a disciplinada e

¹⁶³ Editorial Comunidade Esportiva. Nº 14- maio/junho- 1981.

¹⁶⁴ Idem.

¹⁶⁵ Super férias. Comunidades Esportiva, nº 9, novembro de 1980, p. 10.

urbanamente higienizada pelas práticas de aperfeiçoamento da "raça" dos brasileiros. Por outro, no entanto, a higiene, como bio-poder manifestado nestes programas de recreação do *EPT*, intervindo na relação criança/família para moralizá-la, aparece como prolongamento daquela mesma relação normalizadora estabelecida profundamente entre a sociedade e a medicina no decorrer dos séculos XIX e início do século XX. Mas, no contexto das décadas de 1970-80 outras tarefas apresentavam-se à higiene em geral, e a educação das massas em particular, via práticas esportivas, como dispositivos que orientam a transformação da sociedade. Dentro dessas práticas a "reeducação social" da família, tinha papel fundamental:

"Durante as atividades com as crianças, foram promovidas reuniões e debates com os pais e/ou responsáveis sobre orientação moral, social e saúde, a fim de proporcionar um maior relacionamento criança/família."¹⁶⁶

Colaborando também na formação da "juventude brasileira" essa nova estratégia acarretou a expansão da "*ação comunitária EPT*" para além do binômio esporte-saúde. Examinando mais de perto, é possível desvelar uma certa intencionalidade nas muitas práticas epetistas, "a moralização da juventude." Por isso, era necessário "conter" os segmentos marginalizados da sociedade, entre eles, crianças e jovens, ocupando seu tempo livre com práticas esportivas, e assim, o *EPT* foi ganhando uma conotação cada vez mais preventiva.

Porém, cabe salientar que a importância de Comunidade Esportiva, não estava somente nas propostas de forjar uma nova base para a Educação Física no país, ou apoio irrestrito às diretrizes do EPT. No intuito de viabilizar seu projeto de consolidação da "nova Educação Física", Comunidade Esportiva desenvolveu uma poderosa estratégia de consolidação de seus pressupostos através de estudos, publicações, seminários,

¹⁶⁶ Idem.

conferências nacionais e internacionais do movimento editadas em suas páginas. Segundo o Secretário da SEED/MEC Péricles Cavalcante,

"Esta filosofia traduz o propósito do programa via rádio que pretende oferecer oportunidade para cada um e para todos divulgarem suas realizações, conquistas, atividades e - quem sabe- *incentivar a criação de um mutirão nacional: o da saúde e do otimismo, o mutirão do fazer em lugar do assistir.*"¹⁶⁷

A fala de Péricles Cavalcante é bastante elucidativa para mostrar a importância fundamental do esporte nos programas de educação de massa do país neste período. Tratava de construir uma ordem civilizatória calcada no modelo de Segurança Nacional que incluía integridade territorial, integração nacional, democracia, progresso social, paz social e soberania. O *EPT* aparece como mais um dispositivo capaz de gerenciar essas populações, um controle regulador, presente na família, na rua, na comunidade, na escola, na creche, na fábrica, nas áreas rurais, nas colônias de férias, nos clubes, tornando-se um desafio que implicava a aceitação da ordem e disciplina para atingir e desfrutar do progresso social.

O argumento de Péricles Cavalcante é neste sentido muito ilustrativo destas estratégias:

"Assim, passo a passo, procuramos generalizar e popularizar as atividades esportivas, atuando comunitariamente para uma compreensão maior do valor da prática esportiva e para motivação de fazê-la, sozinho ou com a família, com os amigos, com o pessoal de sua rua, do seu bairro, de sua cidade e do seu país."¹⁶⁸

Nesse sentido, torna-se de fundamental importância o *I Congresso Brasileiro/Panamericano de EPT* realizado em Curitiba no período de 17 a 19 de 1982. A conferência revelou os diversos estudos e relatos com experiências epetistas nas várias

¹⁶⁷Cavalcante, Péricles. Editorial Comunidade Esportiva. Nº20, set/out- 1982. Grifos meus.

¹⁶⁸ Idem.

regiões do país e a necessidade dos projetos sociais preverem mecanismos de *integração e a utilização da energia da comunidade*. A leitura do texto preliminar do congresso, nos oferece a medida exata do projeto EPT:

"Abrir à comunidade, assim sendo, é o desafio primordial de todas as modalidades desportivas e da Educação Física tradicional, seja por adaptações simplificadas ou por mobilização popular através da Ação Comunitária, Comunicação de Massa e Tecnologia Apropriada. (...) Essas são as inovações e as técnicas a serem desenvolvidas para se alcançar a mais ampla participação na prática esportiva e recreativa, dentro e fora da escola e do clube, nos espaços fechados e abertos, com pessoas remediadas ou carenciadas." ¹⁶⁹

Nos marcos Foucaultianos (1987) isto resulta em um tipo de coerção sobre os processos da atividade, mais que sobre seu resultado, e se exerce de acordo com uma codificação que esquadrinha ao máximo o tempo, o espaço, os movimentos. O interessante é que inicialmente o esporte *informal* que era determinado pela necessidade, passou a ser teorizado, e depois tornou-se um ideal a ser perseguido. Desta forma, a perspectiva de atendimento de massa seria alcançada ampliando a cobertura a baixo custo através de construções simples, e principalmente "*da concepção de que todos os espaços podem ser aproveitados para a prática não-formal esportiva*," bem como ao uso de espaços cedidos pela comunidade e da participação do trabalho voluntário. Em editorial, *Comunidade Esportiva* salientava que:

"Necessitamos, todos nós, assumir a concepção de que todos os espaços podem ser aproveitados para a prática não-formal esportiva, e que podemos aproveitar o que temos e não vincular o esporte a equipamentos e materiais sofisticados e caros. Enfim, criar coisas novas e interessantes, sobretudo baratas ao alcance do cidadão comum." ¹⁷⁰

Foucault (1987) ensina, como já foi dito, que o poder disciplinar tem como função maior *adestrar*, ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para

¹⁶⁹ Texto de divulgação preliminar do 'I Congresso Brasileiro e Panamericano de EPT'. In: Teoria e Prática do Esporte Para Todos 1982-1983. P, 33.

¹⁷⁰ Editorial. Comunidade Esportiva, nº 20- set/out- 1982.

multiplicá-las e utilizá-las num todo. Afinal, as *localizações funcionais* epetistas não estavam apenas nas comunidades de bairros, elas vão aos poucos ocupando espaços não explorados. Assim, a disciplinarização do espaço esportivo levava consigo todo um conjunto de técnicas, todo um corpo de processos e de saberes, de descrições, de receitas e dados. Enfim, acumular saber *para criar coisas novas e interessantes ao alcance do cidadão comum*, que ao invés de revelar as diferenças sociais, procurava ligá-las. A revista realçava a importância de "realizar promoções que possam ocupar *espaços não explorados* do EPT, principalmente em iniciativas que envolvam a circulação de informações e da divulgação do esporte não convencional".¹⁷¹

A fala acima revela ainda que por meio da Educação Física "permanente" e de um aprendizado *continuado e sutil*, o EPT assumia um papel antes endereçado apenas à instituição escolar. Através do que seus idealizadores chamavam educação não-formal, as tarefas eram produzir o cidadão responsável, os homens e mulheres virtuosos, o povo sadio e trabalhador. Tudo isso mediante processos refinados de aprendizado e de disciplinamento dos corpos e mentes de crianças, jovens e idosos e, principalmente, dos que deveriam garantir sua formação, os professores.

A identificação do esporte como profilaxia social propiciou o desenvolvimento de vários projetos sociais. O EPT foi se constituindo durante os anos de experimentação do movimento 1977/1979 como um método específico que levava alguns a acalentar o sonho de que todo e qualquer mal poderia ser remediado pelo novo saber, como atesta *Comunidade Esportiva* em seu espaço dedicado à notícias e *informações técnicas*:

"Centro Social Urbano 'D. Lucy Geisel' em Arapongas/PR, um dos mais atuantes em promoções esportivo- recreativas, realizou, nos dias 9, 10 e 11 de fevereiro p.p., o III Acampamento Educativo tendo por objetivo dar

¹⁷¹ Editorial. Comunidade Esportiva Nº 11-janeiro 1981. Grifos meus.

prosseguimento aos ideais educativos que orientam todas as atividades desenvolvidas pelo Setor de Cultura, Desporto e Lazer, ou seja: Levar o adolescente a conviver em grupo; criar oportunidade na solução de novos problemas; Desenvolver a auto- confiança e a coragem; Despertar o gosto pela natureza; Desenvolver disciplina e o auto- controle; canalizar a energia do jovem para uma atividade sadia."¹⁷²

O enfrentamento da questão da utilização do tempo livre exigia, nessa perspectiva, uma "nova" Educação Física, que deveria ser transformada em terreno propícios para o pleno desabrochar de projetos comunitários que não conseguiam vingar. Tratava-se de reformular a prática cotidiana desses profissionais, cheia de "equivocos", substituindo-a por outra que assegurasse o desenvolvimento de práticas esportivas de massa. O *EPT* surgia como solução poderosa, capaz de despertar a nação para tais práticas. No interior desses projetos, os jogos e principalmente a diversão infantil teriam que apresentar uma finalidade "educativa." E essa educação corporal através da atividade física "bem orientada" redefinia o próprio ato espontâneo do brincar; saltos, corridas, marchas se tornavam poderosos instrumentos de educação do físico e da moral.

¹⁷² Comunidade Esportiva. Noticiário e informações técnicas. Nº 14, maio- junho 1981, p. 8.

Algumas Considerações

O projeto de massificação do esporte defendido pelo *EPT* revela o quanto são complexos essas intervenções na sexualidade, na família, na educação e principalmente, na educação do corpo. Tais projetos merecem ser pensados para além da idéia asséptica do corpo, pois até hoje prevalece um determinado discurso científico sobre o corpo e suas mais diversas manifestações. Se outrora o corpo era educado por meio da atividade física para conter as energias sexuais, hoje ele deve ser sexualizado e sensualizado. Existe todo um mercado de "bens" e "serviços" destinados a realizar os sonhos narcísicos de diminuir ou aumentar por meio de cirurgias e o uso de próteses: peitos, nádegas, seios, quadris, partes do corpo que com determinação e perseverança, utilizando o esporte como coadjuvante, podem fazer alcançar um corpo belo, esbelto, atlético e saudável a partir de uma norma que determina beleza e saúde.

No entanto, conforme sugere Denise Sant'anna (1997, p.3) ao chamar a atenção sobre os aspectos fundamentais para o debate sobre o corpo "o interesse econômico que o corpo desperta deveria servir para esclarecer à sociedade quais são os grupos que ganham e os que perdem com a transformação das diversas partes do humano em equivalentes

gerais de riqueza". As práticas corporais como o lazer, o esporte e a recreação constitutivas da vida cotidiana foram objeto de intervenção no *EPT*.

Nesse sentido o que mais impressiona é a atualidade do projeto epetista, pois, assim como na década de 1970, depositam-se ainda hoje nas práticas esportivas a "cura" para determinados "vícios" sociais, entre eles: o uso de drogas, a obesidade, o tabagismo, o descuido com a natureza, o sedentarismo, a fraqueza e indisposição. O esporte é responsabilizado ainda pela formação de hábitos saudáveis e "inclusão social."

Quanto a essas questões, a resposta epetista foi antes pedagógica. Para modificar as práticas corporais dos indivíduos era imprescindível "integrá-los", eliminando seus supostos "vícios", latentes ou visíveis, ocupando as horas de lazer, combatendo o ócio por meio de práticas as mais diversas, entre elas o esporte. Instalava-se naquele momento a busca pela saúde. Por meio do que se denominava *ação EPT*, multiplicavam-se os discursos e propagandas que procuravam induzir as pessoas a determinadas práticas corporais. O discurso epetista concentrou-se no esporte popular, prescrevendo programas de atividades físicas e de lazer, e material esportivo adaptado, em toda sua teoria; as camadas populares.

Era os famosos *equipamentos para todos* que sugeriam a utilização de pneus velhos, cabides, meias, correntes, canos, entre outros. Eles eram imprescindíveis para o movimento, pois na falta de material adequado deveriam tornar familiar e mesmo um hábito a prática esportiva.

A pedagogia epetista pretendia indicar tudo: os menores movimentos, a ocupação dos espaços, os objetos mais humildes, seu material, sua forma, seu número. Nos manuais técnicos do *EPT* prescrevia-se uma investigação "a mais detalhada possível da comunidade", enumerando suas peculiaridades no "nível social, econômico, cultural", e

ainda os materiais e os locais possíveis de serem utilizados não recuando diante de nenhuma redundância, expondo os detalhes mais insignificantes, uma vez que se estava convencido que o público ao qual se dirigia tudo tinha a aprender.

Mas é a partir do esquadramento da vida dos indivíduos em comunidade que iremos perceber uma intervenção dirigida, materializada por diferentes pedagogias que tinham como finalidade educar os indivíduos.

Nesse sentido, é importantes que se realizem outros estudos sobre o *EPT*. Seria interessante investigar "por que" tudo no discurso epetista é direcionado para a economia: primeiro a do material e até mesmo a do tempo e do espaço, que podia ser pouco, mas jamais "mal utilizado". O *EPT* traçava no espaço material da comunidade uma forma de direcionar e potencializar a utilidade das ações por meio da observação das energias a serem canalizadas e mobilizadas. O projeto epetista de massificação do esporte foi no contexto brasileiro da década de 1970, um movimento "militante" em um período de perseguição à militância política. Talvez, por isso, era uma militância dirigida de forma especial, "catequizante".

"Outro elemento importante na mobilização é o *Voluntário Esportivo*. Eles são membros de entidades relacionadas com atividades esportivas, funcionários governamentais ou *simples cidadãos interessados em trabalhar* pelo esporte ou *pelo progresso do povo brasileiro (...)* Os voluntários existem por toda parte independente de idade, sexo e condição econômica; *são sempre patriotas* e bastante ligados a comunidade onde vivem e aos costumes de sua cidade. (...) Espera-se do voluntário uma *atuação na justa medida, sem exageros* que o faça abandonar a missão. É a transformação da paixão em ações ."¹⁷³

Todos esses sermões pedagógicos e tais recomendações se acrescentavam uma às outras de forma repetitiva. O apelo claramente significativo no *EPT* foi a disciplina seguida da ordem e não apenas o vigor, a saúde, o fortalecimento do físico dos indivíduos.

¹⁷³ Takahashi, George. Fundamentos da Mobilização EPT. In: Teoria e Prática do esporte Comunitário e de Massa, p.173.

As atividades epetistas faziam eco a uma pedagogia da moral, cujo alvo específico foi as camadas populares.

Ainda que o seu discurso revele uma certa manobra de guerra, contra o sedentarismo, a gordura, o ócio, o lazer descomprometido, os métodos praticados para o autocontrole não se apresentam aqui de forma tão nítida, exigindo outros trabalhos que o façam. Seria necessário um estudo mais apurado, pois as táticas usadas não se distinguem, discursivamente, das maneiras de agir e do procedimento militar e/ou da passagem de uma sociedade disciplinar para aquela do controle.

Outra questão que mereceria uma reflexão maior é a que se refere ao lazer proposto pelo *EPT*. Ele estava sendo inserido em um espaço fechado, recortado, onde os indivíduos pudessem ser vigiados, sob o “olhar discreto dos educadores do físico,” seus movimentos e brincadeiras controlados, uma oposição clara ao lúdico, a brincadeira infantil descomprometida.

Desta forma a ação do estado se fez sentir, concreta e visivelmente, através das práticas culturais que priorizassem a educação do corpo, contribuindo para formação do que deveria ser "o homem brasileiro". Esforços pedagógicos desta natureza são muitas vezes sutis, discretos, contínuos e quase sempre eficientes. Portanto era comum projetos de massa e de desenvolvimento comunitário nas décadas de 1970-80 que davam sentido às políticas de controle como Educação de adultos (MOBRAL), programa de educação pré-escolar de massa (Projeto Casulo) e Esportes para Todos (EPT).

Logo, a questão da prática esportiva e o lazer utilitário assumiam grande importância nas políticas públicas do Brasil nas décadas de 1970-80 e o ponto crucial de intervenção era "integrar os indivíduos".

Assim, essas práticas discursivas sobre o esporte são, mais do que nunca, atuais, relacionadas à inclusão social, ou a insistente busca de mecanismos que evitem doenças, retardem o envelhecimento, prolonguem a vida. Se existia um higienismo latente nas práticas do *EPT*, percebemos hoje, um certo "higienismo contemporâneo" nas novas estratégias tecnológicas de intervenção acompanhadas de práticas esportivas. Cabe então refletir sobre a reedição de projetos esportivos e as possibilidades de controle social que estas possam vir a suscitar.

Referências bibliográficas

- ARANTES, A. A.** *Consumo e entretenimento: hipótese para uma antropologia do tempo livre*. Cadernos de subjetividade do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1993.
- ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de.** *Corpo e alma do Brasil*. In: *Guerra e paz*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.
- BADINTER, Elizabeth.** *Sobre a Identidade Masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BARRACLOUGH, Geoffrey.** *Introdução à história contemporânea*. São Paulo: Círculo do Livro, 1964.
- BASSANI, Jaison José & VAZ, Alexandre F.** *Comentários sobre a educação do corpo nos "textos pedagógicos" de Theodor W. Adorno*. In: Educação e Corpo. Perspectiva: Revista do Centro de Ciências da Educação. Vol. 21, nº 1-jan/jun. de 2003. P. 13-37. Florianópolis: Editora da UFSC: NUP/CED
- BEAUVOIR, Simone.** *O Segundo Sexo*. Rio: Nova Fronteira, 1980.
- BAUDRILLARD, Jean.** *A sociedade de consumo*. Lisboa, edições 70, sd.
- BENJAMIN, Walter.** *Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política*. 6. Ed. São Paulo, Brasiliense, 1993.
- BOLTANSKI, Luc.** *As classes sociais e o corpo*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- BOPPRÉ, Maria Regina.** *O Colégio Coração de Jesus na educação catarinense (1898-1988)*. Florianópolis: Lunardelli, 1989.
- BOURDIEU, Pierre.** *O Poder Simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.
- _____. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1997.
- BURKE, Peter (org.)**. *A escrita da história*. São Paulo: UNESP, 1992.
- BRUHNS, Heloísa (org.)**. *Conversando sobre o corpo*. 3ª ed. Campinas, Papyrus, 1989.
- COBRA, Ercília Nogueira & BITTENCOURT, Adalzira.** *Visões do passado, previsões do futuro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

- CAPARROZ**, Francisco Eduardo. *Entre a educação Física na escola e a educação física da escola*. Vitória:CEFD/UFES,1997.
- CAVALCANTE**, Kátia Brandão. *Esporte para Todos. Um discurso ideológico*. São Paulo:IBRASA,1984.
- CASTELLANI FILHO**, L. *Educação Física no Brasil: a história que não se conta*. Campinas/SP: Papyrus,1994.
- CARVALHO**, Y. M. & **RÚBIO**, K.(Orgs.) *Educação física e ciências humanas*. São Paulo: Hucitec, 2001.
- CHAUI**, Marilena. *O que é Ideologia*, São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CERTEAU**, Michel.. *A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer*. Petrópolis: RJ, Vozes, 1994.
- CHARTIER**, Roger. *A História Cultural. Entre Práticas e Representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- CLAVREUL**, Jean. *A Ordem Médica - poder e impotência do discurso médico*. São Paulo: Brasiliense,1983.
- CRESPO**, Jorge. *A História do Corpo*. Lisboa: Difel,1990.
- DANTAS**, B. H. M. (org.) *Pensando o corpo e o movimento*. Rio de Janeiro: Sharpe, 1994.
- DELLA FONTE**, Sandra Soares. *Cultura Corporal e Saúde: um discurso ideológico*.1996.Dissertação(mestrado em Filosofia e História da Educação)-Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Metodista de Piracicaba.
- DEL PRIORE**, Mary. (org.) *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.
- _____. *Corpo a Corpo com a Mulher: pequenas história das transformações do corpo feminino no Brasil*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000. (Série Ponto Futuro; 2).
- DE LUCA**, Tânia Regina. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1999.
- ELIAS**, Norbert. *O processo civilizador. V.1. Uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.
- _____. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994
- FABRIS**, Annateresa (org). *Modernidade e modernismo no Brasil*. Campinas/SP: Mercado de Letras, 1994.
- FALCON**, Francisco. *História Cultural: uma visão sobre a sociedade e a cultura*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- FERREIRA NETO**, Amarílio(org). *Pesquisa histórica na educação física Brasileira*. Vitória:CEFD/UFES,1996.
- FERREIRA**, M. B. R. *A Mulher e o Esporte no Brasil: uma abordagem histórica- antropológica*. Trabalho apresentado no Encontro do Esporte, Lazer e Educação Física. Santa Catarina, 1997.
- FERNANDES**, Florestan. *O Significado da Ditadura Militar*. In: 1964 Visões Críticas do Golpe. Democracia e Reformas no Populismo. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997. Ps 141-148.
- FERRAZ**, Marcus V. Marques. *Inquietações acerca da cerca que cerca o conhecimento em Educação Física ou considerações Históricas sobre o campo*

de conhecimento da Educação Física. In: Revista Brasileira de Ciências do Esporte 21 (1), setembro, 1999, ps. 1225-1231.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 7ª ed. Rio de Janeiro, Graal, 1979.

_____. *Vigiar e punir: Nascimento da prisão*. 7ª ed., Petrópolis, Vozes, 1998.

_____. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. 13ª ed., Rio de Janeiro, Graal, 1988.

_____. *A Ordem do Discurso*. 6º ed. São Paulo, Loyola, 2000.

FONTANA, Roseli A. C. *O Corpo Aprendiz*. In: Educação física e ciências humanas. São Paulo: Hucitec, 2001.

FRAGA, Alex Branco. *Corpo, identidade e bom-mocismo: cotidiano de uma adolescência bem comportada*. Belo Horizonte, Autêntica, 2000.

FREITAS, Maros Cezar de. (org.) *História Social da Infância no Brasil*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

GAY, Peter. *A Educação dos Sentidos*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

GODOY, L. *Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga*. São Paulo: Nova Alexandria, 1996.

GOELLNER NETO, A. F. & **BRACHT**, V. (orgs.) *As Ciências do Esporte no Brasil*. Campinas/SP: Autores Associados, Coleção Educação Física e Esportes, 1995.

GOFF, Jacques Le. *História e Memória*. Campinas, SP: editora da UNICAMP, 1996.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

GOMES, Angela de Castro. *História e historiadores*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

GUATTARI, Félix & **ROLNIK**, Suely. *Micropolítica: Cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

GUATTARI, Félix. *Linguagem, Consciência e Sociedade*. In: Saúde Loucura. São Paulo: Editora Hucitec. P, 03-17.

GOELLNER, S.V. *O método francês e a educação física no Brasil: da caserna à escola*. Dissertação de mestrado, UFRGS, Porto Alegre, 1992.

GROSRICHARD, Alain. *O Jogo de Michel Foucault*. In: *Psicanálise, Poder e Desejo*. KATS, Chaim Samuel (org.), Coleção IBRAPSI 1, 1979. P, 09-45.

HOBBSAW, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *O novo século: entrevista a Antônio Polito*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

HORKHEIMER, Max. *Eclipse da Razão*. São Paulo: Editora Centauro, 2000.

JAMESON, Fredric. *Espaço e Imagem*. Teorias do Pós-Moderno e outros Ensaio. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

JESUS, G. M. "Construindo a cidade Moderna: a introdução dos esportes na vida urbana do Rio de Janeiro." Estudos Históricos(esporte e lazer), Rio de Janeiro, vol. 13, nº 23, 1999.

KATS, Chaim Samuel.(org) *Psicanálise, Poder e Desejo*. Coleção IBRAPSI 1, 1979.

- LANE, S. T. M. & CODO W.**(orgs). *Psicologia Social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- LASCH, Christopher.** *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro, Imago, 1983.
- _____. *O mínimo eu. Sobrevivência psíquica em tempos difíceis*. São Paulo, brasiliense, 1986.
- LABAKI, Amir.** (org.). *Folha conta 100 anos de cinema*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1995.
- LEITE, Mirian L. Moreira.** *Retratos de Família: Leitura da fotografia Histórica*. São Paulo: EDUSP, 1993.
- _____. *Outra Face do Feminismo: Maria Lacerda de Moura*. São Paulo: Ática, 1984.
- _____. Uma construção inviesada: a mulher e o nacionalismo. *Ciência e Cultura - SBPC*, 42(2): 144-leite miriam149, fev, 1990.
- LEFEBVRE, Henri.** *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo, Ática, 1991.
- LENZI, C. A. Silveira.** *Partidos e Políticos de Santa Catarina*. Florianópolis: EDUFSC, 1983.
- LEAL, Ondina Fachel.** (Org.) *A forja do homem de ferro: a corporalidade nos esportes de combate*. In: *Corpo e significado - ensaios de Antropologia Social*. Editora da UFRG.
- LIVOVESTKY, Gilles.** *O crepúsculo do Dever. A ética indolor dos novos tempos democráticos*. Lisboa, 1994.
- _____. *A Terceira mulher. Permanência e revolução do feminino*. São Paulo; Companhia das Letras, 2000.
- LOURO, Guacira L.**(org). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte, Autêntica, 1999.
- _____. *Pedagogias da Sexualidade*. In: *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte, Autêntica, 1999.
- LUCENA, R. de F.** *O esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro*. Tese(doutorado)- FEF,UNICAMP, 2000.
- LUCERO, Nelson A. A.** *O Corpo Redescoberto*. In: *Corpo, mulher e sociedade*. Campinas, SP: Papyrus, 1995.
- MACHADO, A. A.**(org). *Psicologia do Esporte: temas emergentes*. Jundiaí/SP:Ápice,1997.
- MAINGUENEAU, Dominique.** *Análise do Discurso*. Campinas: Pontes, 1993.
- MALUF, Marina.** *Ruídos da memória*. São Paulo: Siciliano, 1995.
- MATOS, Olgária C. F.** *A Escola de Frankfurt. Luzes e sombras do Iluminismo*. São Paulo: Moderna, 1993.
- MARQUES, Vera R. B.** *A medicalização da raça: médicos, educadores e discurso eugênico* Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994. (Coleção Ciências Médicas).
- NEVES, Lucília de Almeida.** *Trabalhadores na crise do Populismo: Utopia e Reformismo*. In; *1964 Visões Críticas do Golpe. Democracia e Reformas no Populismo*, 1997, p. 61.
- NIN, Anis.** *Em busca do homem sensível*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

- NOVAES**, Joana de Vilhena. *Corpo e Prazer. O corpo do consumo e o consumo do corpo*. Rio de Janeiro: PUC, 1997.
- OLIVEIRA**, Marcus A. Taborda de. *Educação Física Escolar e Ditadura Militar no Brasil (1968-1984): entre a adesão e a resistência*. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.
- _____. *A Construção dos currículos escolares de Educação Física: relações entre o planejamento tecnocrático e a experiência dos professores*. In: História das disciplinas escolares no Brasil: contribuições para o debate. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.
- _____. *Políticas públicas para a Educação Física Escolar no Brasil durante a ditadura militar: uma só representação?* In: Educação e Corpo. Perspectiva: Revista do Centro de Ciências da Educação. Vol. 21, nº 1-jan/jun. de 2003. Florianópolis: Editora da UFSC: NUP/CED.
- OLIVEIRA**, Paulo de Salles. *Caminhos de Construção da Pesquisa em Ciências Humanas*. In: Metodologia das ciências Humanas. São Paulo, Ed. UNESP, 1998.
- ORTIZ**, Renato. *A Moderna Tradição Brasileira*. Editora brasiliense. 1988.
- PARKER**, Stanley. *A sociologia do lazer*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- PARKER**, Richard G. *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Best Seller, 1991.
- PEREIRA**, L. E. *Mulher e esporte: um estudo sobre a influência dos agentes de socialização*. São Paulo, 1984. Dissertação (Mestrado)- Escola da Educação Física, Universidade de São Paulo.
- PORTER**, Roy. História do corpo. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história*. São Paulo: UNESP, 1992. p. 292-326.
- PRONI & LUCENA**, Marcelo e Ricardo (orgs.) *Esporte: história e sociedade*. Campinas, SP: Autores Associados, 2002. (Coleção Educação Física e Esportes).
- RAGO**, Margareth. *Do Cabaré ao lar; a utopia da cidade disciplinar- Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- _____. ORLANDI, L. L. e NETO- VEIGA (orgs). *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- REIS**, José Carlos. *Escola dos Annales: a inovação em história*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- RODRIGUES**, José Carlos. *Tabu do Corpo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.
- ROMERO**, Elaine.(Org.) *Corpo, Mulher e Sociedade*. Campinas, SP: Papyrus, 1995.
- REVEL**, Jacques. *A Invenção da Sociedade*. Lisboa: Difel, 1989.
- ROCHA**, Júlio Cesar Schmitt. *Educação Física escolar; condicionamentos legais*. Florianópolis: UFSC, 1991. (Dissertação, Mestrado em Educação).
- ROSEMBERG**, Fúlvia. *A LBA, o Projeto Casulo e a Doutrina de Segurança Nacional*. In: História social da infância no Brasil. 5. ed- São Paulo: Cortez, 2003.
- SANT'ANNA**, Denise Bernuzzi de. (org.) *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

- _____. *Corpo e História*. In: *Cadernos de Subjetividade*. São Paulo: PUC, 1996.
- _____. *Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- _____. *Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil*. In: *Políticas do Corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- _____. *É possível realizar uma história do corpo?* In: *Corpo e História*. Campinas, SP: Autores Associados, 2001. (Coleção educação contemporânea).
- _____. *Educação Física e História*. In: *Educação Física e Ciências Humanas*. São Paulo: Hucitec, 2001.
- SEVCENKO**, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. SP, Companhia das Letras, 1992.
- _____. *A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SOARES**, Carmen. *Educação Física: Raízes européias e Brasil*. Campinas/SP: Autores Associados, 1994.
- _____. (org.) *Corpo e História*. Campinas, SP: Autores Associados, 2001. (Coleção educação contemporânea).
- _____. *Imagens da Educação no Corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX*. Campinas, SP: Autores Associados, 1998.
- _____. *Imagens da Retidão: a ginástica e a educação do corpo*. In: *Educação Física e Ciências Humanas*. São Paulo: Hucitec, 2001.
- SCHWARCZ**, Lilia Moritz(org). *História da Vida Privada no Brasil: Contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SCHPUN**, Mônica. *Beleza em Jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20*. São Paulo: Editora SENAC, 1999.
- SENNETT**, Richard. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- SFEZ**, Lucien. *A saúde perfeita: crítica de uma nova Utopia*. São Paulo, Unimarco/Loyola, 1996.
- SILVA**, Ignacio Assis. (org.) *Corpo e sentido. a escuta do sensível*. São Paulo. Ed. Unesp, 1996.
- SILVA**, Ana Márcia. *Corpo, Ciência e Mercado: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo da felicidade*. Campinas, SP: Autores Associados: Florianópolis: Editora da UFSC, 2001. (Coleção educação física e esportes).
- SIEBERT**, Raquel Stela de Sá. *As relações de saber- poder sobre o corpo*. In: *Corpo, Mulher e Sociedade*. Campinas, SP: Papyrus, 1995. p, 15-42.
- SOUSA**, Eustáquia Salvadora de. *Meninos à Marcha! Meninas à Sombra! A história do ensino da Educação Física em Belo Horizonte (1897-1994)*. Campinas/SP: UNICAMP, Faculdade de Educação, 1994. Tese de Doutorado.
- VAZ**, Alexandre Fernandez. “Do culto à performance: esporte, corpo e rendimento.” *Revista Brasileira de Ciências do Esportes*, Florianópolis, UFSC/CONBRACE, vol.21, n.1, pp.100107, set.(Anais, caderno 2 do XI CONBRACE).

_____. *Memória e Progresso. Sobre a presença do corpo na arqueologia da modernidade em Walter Benjamin.* In: Corpo e História. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.p52.

_____. *Dominar a natureza, educar o corpo: notas a partir do tema da mimesis em Theodor W. Adorno e Max Horkheimer.* In: A des)construção do corpo. Blumenau: Edifurb, 2001.

_____. *Educação do Corpo, Conhecimento, Fronteiras.* In: Revista Brasileira de Ciências do Esportes, Campinas, v. 24, n.2, p. 161-172, janeiro 2003.

_____. *Da polifonia do corpo à multiplicidade de sua educação.* In: Educação e Corpo. Perspectiva: Revista do Centro de Ciências da Educação. Vol. 21, nº 1- jan/jun. de 2003. P. 7-12. Florianópolis: Editora da UFSC: NUP/CED.

_____, SILVA, A. ASSMANN, S. *O Corpo como Limite.* In: Educação Física e Ciências Humanas. São Paulo: Hucitec, 2001.

VIGARELLO, Georges. *O limpo e o sujo: uma história de higiene corporal.* São Paulo: Martins Fontes. 1996.

TOLEDO, Caio Navarro. (org.) 1964: *Visões críticas do golpe: democracia e reformas no populismo.* Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

FONTES DOCUMENTAIS

Costa, Lamartine Pereira da. (org.) *Teoria e Prática do Esporte Comunitário e de Massa*. 1º ed. Rio de Janeiro. Palestra Edições, 1981. 329p.

Esportes. Biblioteca Educação é Cultura. Rio de Janeiro: Bloch; Brasília: Ministério da Educação e Cultura: Ministério das Minas e Energia, 1980. V.2, 64ps.

Costa, Lamartine Pereira da & **Takahashi**, George M. (orgs). *Fundamentos do Esporte para Todos 1983*. Livro técnico editado pela Secretaria de Educação Física e Desporto do MEC e destinado à distribuição gratuita aos alunos do ensino superior de Educação Física, especializados e outros profissionais interessados no movimento "Esporte para Todos". Rio de Janeiro, 1983, 98ps.

S/autor. *Teoria e Prática do Esporte Comunitário*. 1982-1983. MEC. Secretaria de Educação Física e Desporto. Rio de Janeiro. Editoração Rede EPT. 1983. 441ps.

S/autor. *Rede Nacional Esporte Para Todos. Princípios Básicos*. Manual impresso pela equipe técnica da Rede Nacional de Esporte para Todos. Rio de Janeiro. S/d. 18ps.

SEED. *Legislação Desportiva*. MEC. Secretaria de Educação Física e Desporto. Presidente da República Federativa do Brasil João Figueiredo. Ministro da Educação e Cultura Esther de Figueiredo Ferraz. S/d. 161ps.

Diagnóstico de Educação Física/Desporto no Brasil. MEC, 1971.

REVISTAS

1-Revista de Educação e Esporte

- Editorial. março-nº6- ano I- São Paulo,1970.
Editorial. Junho-nº8- ano II- São Paulo,1970.
Editorial.-Junho-nº9- ano II- São Paulo,1970.
Editorial. outubro-novembro-nº12-anoII-São Paulo,1970.
Editorial. janeiro-nº13- ano II- São Paulo, 1971.
Editorial. fevereiro-março-nº14- ano II- São Paulo, 1971.
Editorial. outubro-novembro-nº18- ano III- São Paulo.
Editorial. janeiro/ fevereiro-nº26- ano IV- São Paulo, 1973.
Editorial. março/ abril-nº27- ano IV- São Paulo, 1973.
Editorial. maio/ junho-nº28- ano V- São Paulo, 1973.
Editorial. julho/ agosto-nº29- ano V- São Paulo, 1973
Editorial. novembro/dezembro-nº31- ano V- São Paulo, 1973.
Editorial. janeiro/ fevereiro-nº31- ano V- São Paulo, 1974.

2-Revista Brasileira de Educação

- Editorial. Ano 4-nº 12, s/d.
Editorial. Ano 5-nº 17, setembro./outubro. 1973.
Editorial. Ano 10-nº 47, jul./set. 1981.
Machado, Wilson. *Esporte, a melhor ocupação.* Ano 10-nº 47, jul./set. 1981.
Editorial. Ano 11-nº 50, abr./set. 1982.
Editorial. Ano 11-nº 51, out./mar. 1983.
Editorial. Ano 12-nº 53, jan./dez. 1984.

3- Comunidade Esportiva

- Editorial. Nº 3, outubro 1980.
- Editorial. Nº 9, novembro 1980.
- Editorial. Nº 10, dezembro 1980.
- Editorial. Nº 11, janeiro 1981.
- Editorial. Nº 12, fevereiro 1981.
- Editorial. Nº 13, março/abril /1981.
- Editorial. Nº 15, julho/agosto /1981.
- Editorial. Nº 16, setembro/outubro /1981.
- Editorial. Nº 17, nov./dez. /1981.
- Editorial. Nº 18, maio./jun. /1982.
- Editorial. Nº 19, jul./ago /1982.
- Editorial. Nº 20, set./out /1982.
- Editorial. Nº 21, nov./dez /1982.
- Editorial. Nº 22, jan./fev. /1983.
- Editorial. Nº 23, mar./abr. /1983.
- Editorial. Nº 24/25/26, maio./outubro. -1983.
- Editorial. Nº 27/28, nov./1983 a fev/84.
- Editorial. Nº 29/30, mar./jun. 1984.
- Editorial. Nº 31/32, julho./outubro. 1984.
- Editorial. Nº 34, set./out. 1985.
- Editorial. Nº 35, nov./dez. 1985.
- Editorial. Nº 36, jan./fev. 1986.
- Editorial. Nº 37, mar./abr. 1986.
- Editorial. Nº 38, mai./jun. 1986.
- Editorial. Nº 39, jul./out. 1986.
- Editorial. Nº 40, nov./dez. 1986.

4- Revista Stadium- técnica Desportiva

Maheu, René. *El Deporte y la Educacion*. Año 8-nº 45, junio 1974. P, 31.

Palm, jürgen. "*Planificación y financiamiento de un programa para la comunidad*". Año-8- nº43, febrero,1974. P, 23.

Palm, jürgen. *El Deporte para todos*. Año 7-nº 42, diciembre, 1973. P, 31.

Cagigal, José María. *El deporte en la tercera edad*. Año 8-nº 44, abril 1974.

5- Revista Veja

s/autor. *O belo esforço*. Nº 143, 02 de junho de 1971.

s/autor. *O suor entrou na moda*. Nº 578, 03 de outubro de 1979.

s/autor. *A década de cada um*. Nº 590, 26 de dezembro de 1979. P, 56.

s/autor. *O culto ao corpo*. Nº 590, 26 de dezembro de 1979. P, 58

s/autor. *Os embalos*. Nº 590, 26 de dezembro de 1979. P, 60

